



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE GEOGRAFIA**

ANDRÉIA CARLA MOMOLI

**AS CONTRIBUIÇÕES DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORAS: O CASO DO NÚCLEO GEOGRAFIA, UFES, CAMPUS ERECHIM**

**ERECHIM
2021**

ANDRÉIA CARLA MOMOLI

**AS CONTRIBUIÇÕES DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORAS: O CASO DO NÚCLEO GEOGRAFIA, UFFS, CAMPUS ERECHIM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso Geografia Licenciatura,
da Universidade Federal da Fronteira Sul, como
requisito para obtenção do título de Graduada em
Geografia – Licenciatura.
Orientador: Reginaldo José Souza

**ERECHIM
2021**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Momoli, Andréia Carla

AS CONTRIBUIÇÕES DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA
FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: O CASO DO NÚCLEO
GEOGRAFIA, UFFS, CAMPUS

ERECHIM / Andréia Carla Momoli. -- 2021.

122 f.

Orientador: Reginaldo José Souza

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Geografia, Erechim, RS, 2021.

1. formação de professores; Programa Residência Pedagógica;
Prática docente; Saberes da docência. I. Souza, Reginaldo José,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ANDRÉIA CARLA MOMOLI

AS CONTRIBUIÇÕES DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O CASO DO NÚCLEO GEOGRAFIA, UFFS, CAMPUS ERECHIM

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado comorequisito para obtenção de grau de Licenciado em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 14/05/2021.

BANCA EXAMINADORA:


Reginaldo José de Souza - Orientador

Ana Maria de Oliveira Pereira – UFFS - Avaliadora

Paula Vanessa de Faria Lindo – UFFS - Avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me fortalecer e me guiar nesta caminhada, ao meu namorado que sempre me apoiou e mostrou que eu era capaz e estive comigo nos momentos mais difíceis me dando amor e carinho. Os meus pais foram fundamentais na minha formação, a Marilene Ferrari e Valcir Momoli, que sempre me incentivaram a estudar e como os mesmos falam carinhosamente “você vai ser a nossa professorinha”. Agradeço a minha irmã Angélica Momoli, que me inscreveu no SISU e me apoiou para cursar Geografia.

Agradeço cada professor (a) que tive a oportunidade de conhecer e aprender com os mesmos, estes foram essenciais para minha formação docente, em especial ao meu Orientador Reginaldo José Souza, que o admiro como professor e pesquisador. A UFFS, merece destaque nos meus agradecimentos, aprendi, me conheci, me descontruí, evolui, superei minha timidez e foi através do curso de Geografia disponibilizado por uma Universidade pública, que pude vivenciar e aprender todos os dias algo novo e construtivo enquanto profissional e indivíduo.

RESUMO

A presente pesquisa trata de uma investigação de como o Programa Residência Pedagógica pode influenciar para o processo de formação docente, a percepção das residentes de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim. Para tal, os objetivos específicos são: Investigar como a construção de um vínculo mais duradouro com a escola campo e a Universidade interferiu na formação das licenciandas durante sua participação no PRP; Compreender a importância da relação teoria-prática na formação de professoras durante a realização do PRP. Por se tratar de um programa de formação de professores recente, tendo a sua primeira implementação em 2018, houve muitas críticas sobre sua implementação, e a partir da minha experiência enquanto residente, pude realizar um estudo mais detalhado de como se deu a implantação e o andamento das atividades para identificar as limitações e as potencialidades, a partir de grupo específico. A pesquisa foi feita com um levantamento de material bibliográfico sobre formação de professores e ensino de Geografia e a realização de questionários às residentes utilizando a análise qualitativa e a elaboração de nuvens de palavras. A partir da pesquisa, conclui-se que o PRP no grupo analisado contribuiu para formação docente de diferentes formas.

Palavras-chave : **Formação de professoras; Prática Docente; Residência Pedagógica.**

ABSTRACT

This research deals with an investigation of how the Pedagogical Residency Program can influence the perception of Geography residents at the Federal University of Fronteira Sul, Campus Erechim for the teacher education process. To this end, the specific objectives are: Investigate how the construction of a more lasting bond with the rural school and the University interfered in the training of undergraduate students during their participation in the PRP; Understand the importance of the theory-practice relationship in the training of teachers during the realization of the PRPAs it is a recent teacher training program, having its first implementation in 2018, there were many criticisms about its implementation, and from my experience as a resident, I was able to carry out a more detailed study of how the implementation and development took place. progress of activities to identify limitations and potential, from a specific group. The research was carried out with a survey of bibliographic material on teacher training and Geography teaching and the questionnaires to residents using qualitative analysis and the elaboration of word clouds. From the research, it is concluded that the PRP in the analyzed group contributed to teacher training in different ways.

Keywords: Teacher training; Teaching Practice; Pedagogical Residence.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PRP- Programa Residência Pedagógica.

PIBID- Programa de iniciação à docência.

UFFS- Universidade Federal da Fronteira Sul.

SÚMARIO

INTRODUÇÃO	7
1. A CAMINHADA PERCORRIDA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE.....	9
1.1 A TEORIA E PRÁTICA COMO ELOS PARA A CONSTITUIÇÃO DE UMA PROFESSORA	10
1.2 OS SABERES NECESSÁRIO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE	20
2. O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UFFS- CAMPUS ERECHIM.....	39
2.1 A IMPLANTAÇÃO DO PRP	39
2.2 PESQUISAS SOBRE O PRP	46
3. A GEOGRAFIA E O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA	54
3.1 A FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DE GEOGRAFIA	54
3.2 O RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA	67
CONCLUSÃO.....	111
REFERÊNCIAS	113

INTRODUÇÃO

A formação inicial de uma profissional aborda conhecimento teóricos e práticos que serão essenciais para conhecimento da sua área de formação e, posteriormente, exercício da profissão. Os conhecimentos podem variar de acordo com a abordagem do curso, a partir das professoras¹ e também das estudantes. São inúmeros os cursos disponíveis, porém um dos únicos cursos em que as alunas chegam tendo a experiência e conhecendo a escola, seu futuro ambiente de trabalho, é nas licenciaturas, por mais que sejam conhecimento de aluna, a mesma já conhece que é escola, onde passou mais de 11 anos da vida. Deste modo, na formação inicial em um curso de licenciatura, a aluna irá despertar e começar a se constituir como uma futura professora, a partir dos conhecimentos aprendidos ao longo do curso, que darão um suporte inicial para a profissional docente. O modo como cada curso e profissional desenvolverão atividades, métodos, ações, reflexões irão determinar como será esta futura professora.

Durante as diferentes, experiências, atividades, a discente vai adquirindo conhecimentos, vai se construindo, se conhecendo, conforme Morais, Oliveira (2010, p.63): “Dentre os princípios colocados à formação de professor na atualidade destacam-se aqueles relacionados à construção da identidade do professor, bem como ao modo como o professor constrói os saberes que sustentam essa identidade”. A partir do que as autoras descrevem, a formação inicial é voltada na atualidade para a construção da identidade docente, em que irá se construindo individualmente, de acordo com os saberes adquiridos e vivenciados ao longo do processo de formação e a sua vida pessoal, sendo um construção continua.

A formação de professoras no Brasil tem leis, normas concisas e objetivos definidos que determinam o que é a formação, como deve ser feita, porém vem sempre passando por várias mudanças que buscam melhorar a formação e possibilitar avanços na educação, tanto partindo do Estado, ou também da iniciativa Universitária. Os eventos nacionais são locais de divulgação, compartilhamentos e construção de conhecimentos, que promovem avanços, sendo novos modos de se pensar e fazer a formação de professoras e a educação em si. Os projetos de pesquisas, estão sempre em constantes implantações nas Universidades, em aprofundamentos de diferentes áreas, além de outras atividades de extensão e ensino por meio dos projetos que são implantados, com objetivo de aprimoramento e avanço da formação de professoras.

A partir disso, destaco aqui a minha pesquisa, voltada para um novo programa de formação de professoras, fomentado pela Capes em 2018, o Programa Residência Pedagógica que visa a formação de professoras com a integração entre a Universidade e a escola. Antes da

¹ A partir deste momento, a leitura vai constatar que as palavras estão no feminino, um posicionamento político meu.

sua implantação em 2018, ocorreram várias críticas, no primeiro semestre daquele ano, por alguns setores da área educacional, como a União Nacional dos dos Estudantes (UNE), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), entre outras, em que destacam que o Fim e substituição do Pibid, O Pibid seria readequado pelo Programa Residência Pedagógica, 1º O PRP e o Pibid tendo a sua implantação seriam voltados para submeter nas escolas a Base nacional Comum Curricular (BNCC), em que as entidades se posicionam contra a BNCC estar vinculada com um destes programas. No momento em que foi criticado não se tinha a certeza de como iria se dar o desenvolvimento do programa nas instituições de ensino, por se tratar de sua primeira implementação, assim, várias Universidades optaram por não aderir. A Universidade Federal da Fronteira Sul, no curso de Geografia, campus Erechim foi uma das instituições de ensino juntamente com a Escola Haidée Tedesco Reali que implementou o programa, iniciou no dia 1 de Agosto de 2018 até dia 31 de Janeiro de 2020, mesmo com as críticas, o curso abarcou o programa na busca por conhecimentos e aprimoramento da formação de professoras. O Programa Residência Pedagógica é um programa voltado para a formação de professoras, que possibilita um vínculo entre a Universidade e a escola, durante 18 meses, em que a licencianda permanece na escola desenvolvendo diferentes atividades, conhecendo o espaço escolar e realizando práticas docentes, vivenciando a escola dia a dia.

A partir da minha experiência no programa e diante das críticas que foram feitas sobre ele, busco investigar como o Programa Residência Pedagógica pode contribuir para o processo de formação docente, com a análise da percepção dos residentes de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim. Para tal, os objetivos específicos são: Investigar como a construção de um vínculo mais duradouro com a escola campo e a Universidade interferiu na formação das licenciandas durante sua participação no PRP. Compreender a importância da relação teoria-prática na formação de professoras durante a realização do PRP. Para responder os objetivos, partimos para a abordagem qualitativa para analisar e compreender as respostas de cada residente, em que Godoy (p.21, 1995) destaca: “Considerando, no entanto, que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.”

O Programa Residência Pedagógica da UFFS, campus Erechim era composto por oito integrantes quantando comigo, eram: Everton Hernani dos Santos, Juliano José Piccoli, Luisa Renata Tacca, Lucas Ponte Mesquita, Wander Marques, Sancler Eduardo Zanotelli, Ygor Quintanilha da C. Pereira. Desta forma, foi enviado as residentes por email, o questionário, com doze perguntas.

A partir das respostas, foi realizado a análise qualitativa, analisando individualmente as respostas e posteriormente uma análise geral delas, para expor como se deu o andamento do Programa Residência Pedagógica, e investigar se o programa pode contribuir para o processo de formação docente de Geografia da UFFS, campus Erechim. A nuvem de palavras foi elaborada por meio da ferramenta do Word, através do suplemento de editor de texto. Antes de gerar a nuvem de palavras foi deletado de cada frase todos os artigos e conectivos como: o, a, os, as, dos, das, de, no, na, nos, nas, um, uma, que, e posteriormente foi gerado no word.

A pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo “A caminhada percorrida para a formação docente”, dividida em dois subtítulos, no primeiro “A teoria e prática como elos para a constituição de uma professora” abordou-se o que é a teoria e a prática e como as duas atreladas são significantes para a formação de uma futura professora. No segundo subtítulo “Os saberes necessários para a formação docente, buscou-se identificar quais são os saberes fundamentais para a formação docente, a partir da Pimenta (1999) e do Morin (2014).

No segundo capítulo, “O Programa Residência Pedagógica no curso de Geografia da UFFS- campus Erechim”, no primeiro subtítulo “A implantação do PRP” foi descrito sobre como se iniciou o programa, e o que é PRP, e também identificou-se as críticas levantadas pelas instituições sobre o programa. No segundo subtítulo “Pesquisas sobre o PRP” foi investigado e exposto sobre as pesquisas feitas no grupo de Geografia da UFFS campus Erechim, além de outros artigos de Geografia publicados sobre o PRP de diferentes Universidades, publicados em eventos e revistas, afim de mostrar a importância do mesmo para a formação de professores.

No terceiro e último capítulo, “A Geografia e o Programa Residência Pedagógica, no subtítulo “A formação de uma professora de Geografia” foi elaborado uma pequena discussão sobre a Geografia e o ensino e, no segundo subtítulo, “ O Residência Pedagógica no processo de formação uma professora”, foi feita a análise a partir do questionário respondido pelas residentes de Geografia da UFFS, campus Erechim, identificando a participação de cada um PRP.

1. A CAMINHADA PERCORRIDA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

1.1 A TEORIA E PRÁTICA COMO ELOS PARA A CONSTITUIÇÃO DE UMA PROFESSORA

Para a formação inicial de uma futura professora, são fundamentais aprendizados teóricos e práticos, desenvolvidos durante o curso com disciplinas variadas relacionadas a fundamentos da educação, à didática, à prática docente, a teóricos da educação, ao ensino aprendizagem e ao conhecimento específico da ciência de cada curso de licenciatura. Neste sentido, um curso voltado para a área da educação tem como objetivo propiciar à licencianda a formação voltada para a reflexão teórica a partir da prática. (PIMENTA, LIMA 2011, p.31).¹

Dessa forma, nos cursos de licenciatura não pode ocorrer um distanciamento entre a teoria e prática, em que no momento da prática docente, acaba não sendo atrelados com a teoria sem reflexão diante da prática, como Pimenta e Lima, (2011, p.37) descrevem: “A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática.”

A partir disso, a forma como o curso desenvolve as disciplinas voltadas para uma formação atrelada à teoria e prática será determinante em como a futura profissional irá exercer, assim cabe ao corpo docente associar a teoria e prática nas diferentes disciplinas ao longo do curso. De acordo com Freire (1987, p. 38) a junção entre a teoria e prática é práxis onde: “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido”.

A práxis em que Freire argumenta é a relação inseparável da teoria e prática em que a licencianda tenha o embasamento/teoria necessária para possibilitar que durante as suas ações/práticas consiga refletir e analisar sobre as suas práticas, em como está desenvolvendo o conteúdo aos estudantes e propiciando a construção de saberes nas mesmas. Voltada para uma educação com liberdade, criticidade e emancipação humana com o objetivo de modificar a

¹ Desta forma a teoria não deve ser desvinculada da prática de se pensar em um ensino de qualidade através do embasamento teórico e por conseguinte a prática também não tem suporte para ser desenvolvida sem a teoria que auxilia em pensar, analisar, refletir sobre as práticas além de ser a base do conhecimento que será ensinado as alunas.

realidade, sendo então uma educadora que utiliza da práxis para instigar as estudantes a liberdade de pensar e a possibilidade de mudar a realidade.

No ensino de Geografia, são muitas as possibilidades de instigar as estudantes a construir o seu conhecimento com autonomia e criticidade, como por exemplo, ensinar as alunas sobre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, pode ser feito de uma forma que instigue a pensarem e dialogarem a partir dos seus conhecimentos prévios para depois construir o conhecimento científico. Durante a minha experiência no Programa Residência Pedagógica, em Outubro de 2019, desenvolvi uma aula sobre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Meu objetivo era instigar a classe saber identificar o que significava cada conceito e porque tal país era considerado desenvolvido ou subdesenvolvido.

Para desenvolver este conteúdo foi necessário pesquisar sobre dois países que serviriam de exemplo para que as alunas começassem a entender o conteúdo proposto, também me aprofundei sobre o conceito de subdesenvolvimento e desenvolvimento. Pesquisei sobre os Estados Unidos e sobre o Haiti sobre o contexto histórico e a economia de cada um. São dois países da América que são divulgados várias notícias sobre a condição econômica e social da população, desta forma o meu propósito era que os estudantes falassem o que soubessem de cada país, já que são dois países com distintos aspectos e que estão expostos na mídia.

Deste modo, escrevi no quadro Estados Unidos e Haiti e pedi aos discentes o que sabiam de cada um e ia escrevendo e conversando sobre esses dois países. Para que o debate seja significativo é necessário que a professora tenha o embasamento teórico sobre o assunto além de saber identificar se o que cada aluna fala é pertinente para a construção de um diálogo bem estruturado. Em meio à atividade é necessário sempre instigar as alunas a falarem e expor a sua opinião mesmo que não seja coerente, para que assim possam dialogar e propor ideias para que a aluna reconstrua os seus saberes.

Posterior ao diálogo dos países, expus sobre conceito de país desenvolvido e subdesenvolvido relacionando com a conversa anterior para que as estudantes conseguissem identificar a sua relação com o diálogo sobre os dois países. Também foi exposto os fatores que determinam para um país ser considerado como tal desenvolvido ou subdesenvolvido.

Para que a autonomia seja instigada nas estudantes, como tarefa em duplas deveriam fazer uma pesquisa em que tinham que responder a seguinte pergunta: Por que o país é considerado subdesenvolvido ou desenvolvido? Dessa forma, as alunas desenvolveram a sua

pesquisa com criticidade pois não haverá uma resposta pronta que irá identificar, mas sim uma construção em que cada indivíduo deverá ler e se aprofundar sobre o país, além de elevar o seu senso crítico em que devem expor e tem uma argumentação que define porque aquele país é considerado desenvolvido ou subdesenvolvido.

O desenvolvimento deste conteúdo eleva o senso crítico das estudantes, tanto no momento de dialogarem com as colegas e a professora, como no momento de desenvolverem a pesquisa sobre o país. Além disso é relevante que as estudantes tenham um conhecimento além do local de vivência, para que identifiquem como cada país teve o seu desenvolvimento e que são inúmeros os fatores que determinam porque aquele país é considerado subdesenvolvido ou desenvolvido.

Desenvolvi o seguinte esquema para expor como busquei desenvolver a aula:

CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	OBJETIVOS DA ATIVIDADE
Estados Unidos e Haiti	Instigar as alunas a exporem o que sabem sobre Estados Unidos e Haiti	Introduzir o conteúdo sobre subdesenvolvimento e desenvolvimento e analisar o que as estudantes sabem deste dois países. Entender os conhecimentos prévios das estudantes.
Correlacionar Estados Unidos e Haiti com subdesenvolvimento e desenvolvimento.	Apontar Estados Unidos como país desenvolvido e Haiti como Subdesenvolvido. Conceituar o que é e quais são os fatores que determinam um país subdesenvolvido e desenvolvido, tendo como base os dois países expostos durante a aula.	Relacionar os países Estados Unidos e Haiti para que consigam ter mais clareza sobre subdesenvolvido e desenvolvido. Direcionar a turma ao conhecimento científico sobre os conceitos de subdesenvolvido e desenvolvido.
Pesquisar sobre países subdesenvolvidos e desenvolvido.	Propor a classe a pesquisarem em duplas sobre países desenvolvidos e subdesenvolvidos a fim de responder a seguinte pergunta: por que este país é considerado subdesenvolvido ou desenvolvido? Expor a pesquisa às demais colegas.	Despertar a autonomia de pesquisar e aprender sobre como é aquele determinado país. Aprender sobre diferentes países e instigar as educandas a pensar e expor argumentações que corroboram para determinar o país tal como desenvolvido ou subdesenvolvido.

Org.: Andreia Momoli, 2020

Com isso, a formação de educadores críticos e reflexivos, promove que a educadora não naturalize os problemas atuais do mundo, mas sim busque entendê-los de forma mais

aprofundada com criticidade, com análise sobre o fato. A criticidade não é algo pronto em que simplesmente se adquire em um dia, é um processo em que a individua se propõe estudar, ler, conhecer, aprender novas formas de interpretar os acontecimentos, e estar disposta a se perguntar, será que é assim mesmo? Ou a algo por trás desta informação? Ser crítico requer esforço e dedicação pois é necessário investigar o que está além das informações, intencionalidades e porque ocorreu, em que a informação nunca é neutra ela é carregada de juízo de valor.. E uma professora de Geografia precisa ter criticidade para analisar o espaço geográfico, identificando como relações econômicas e sociais acontecem em escala local e global, para assim não ser somente uma ouvinte, mas uma individua presente e ciente dos fatos.

Desta forma, uma educadora precisa ter o conhecimento aprimorado, para que exerça a sua profissão com o intuito de instigar as estudantes a serem cidadãs críticas com autonomia, assim durante e posteriormente a sua formação sejam capazes de refletir sobre as suas ações em busca de uma educação que promova o ensino e aprendizagem de forma mais humana e libertadora, como descreve Freire (1987, p. 125)

É preciso que fique claro que, por isto mesmo que estamos defendendo a práxis, a teoria do fazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante, de ação. Ação e reflexão e ação se dão simultaneamente.

Nesta perspectiva, a teoria e prática devem estar atreladas durante o processo formativo, buscando a relação entre as diferentes disciplinas do curso, sendo assim fundamentais para aprendizagem ao longo de todo o curso como uma trajetória que promove a apropriação dos conhecimentos necessários para a formação de uma professora (KIMURA, 2010, p. 82).

Deste modo, a teoria e prática devem ser associadas desde os primeiros semestres, como por exemplo o curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim, estabelece em seu PPC que todas as disciplinas específicas devem ter a prática como componentes curriculares (PCC) que consiste em um conjunto de atividades que relacionem o conteúdo da disciplina específica com as práticas planejadas e realizadas pelo licenciando, sendo a professora da disciplina a responsável por orientar esta atividade, com objetivo de já se ter práticas docentes nos primeiros semestres do curso. (UFFS, PPC CURSO DE GEOGRAFIA, 2018).

As atividades não são necessariamente ir para a escola e aplicar conteúdos, é o desenvolvimento de atividades de planos de aulas, elaboração de projetos relacionados à prática docente, produção de textos para utilização em atividades na escola, análise de livros, discussão e elaboração de diferentes recursos didáticos para utilizar no ensino de

Geografia, participação em eventos voltados para o ensino e também participação em trabalho de campo que promova o conhecimento e reflexão sobre o mesmo como um método de aprendizagem. (UFFS, PPC CURSO DE GEOGRAFIA, 2018)

A partir disso, o PPC de Geografia da UFFS, é um exemplo concreto de que a teoria e prática podem ser relacionadas durante toda a formação inicial de diferentes formas, para que, assim, a licenciada se situe como uma futura professora de Geografia e que consiga ter um bom embasamento teórico a fim de desenvolver em suas práticas um ensino de qualidade.

Por conseguinte, cada disciplina em um curso de licenciatura terá a sua importância para promover a constituição de uma profissional de educação, assim todas as disciplinas devem ter o seu aporte teórico e prático que se fazem essenciais para a formação de professoras reflexivas “[...] a partir da análise e crítica e da proposição de novas maneiras de fazer educação.” (PIMENTA, LIMA, 2011, p.44)

Como Pimenta e Lima descrevem, uma licencianda que tem uma boa fundamentação teórica e prática durante o seu processo formativo terá possibilidades de pensar em um ensino diferente, inovador com novas metodologias, ferramentas para desenvolver os conteúdos, que ao mesmo tempo que busque a compreensão e atenção das estudantes e também instigue para a construção do senso crítico nas indivíduos.

Deste modo, a formação inicial é um período em que a formadora precisa conhecer e entender a responsabilidade de ser uma educadora e como a sua profissão é significativa para a sociedade, assim, “Repensar “o que se ensina,” “o porquê se ensina” e o “como ensinar” são movimentos que devem permear a formação inicial do professor como exercício de reflexão acerca dos processos educativos que empreende.” (PAIM, PEREIRA, 2016, p.11). Como os autores descrevem, a formação de professoras deve ser voltada para a constituição de educadoras reflexivas que compreendem o seu papel social e busquem desenvolver a sua profissão com reflexão diante da sua prática.

Para uma indivíduo exercer alguma profissão na sua vida adulta, primeiro passa na sua infância e adolescência por um processo de formação com diferentes educadoras de várias áreas do conhecimento, desta forma a escola e as professoras precisam ter o compromisso e a responsabilidade em como desenvolver a sua profissão, pois a educação é fundamental para formar cidadãs críticas. Neste sentido, a educadora deve ter consciência de como está exercendo a sua profissão e se está contribuindo para formar cidadãs críticas. A docente de Geografia deve

ensinar os conhecimentos geográficos para que as estudantes consigam observar e analisar o espaço vivido e as relações sociais em que permeiam as suas vidas.

O curso pode estar dando o suporte suficiente para que a futura professora realize a sua profissão adequadamente, porém não cabe só ao curso, a futura profissional também precisa ter responsabilidade em como irá desempenhar a sua profissão. Um exemplo significativo de como uma licencianda não reflete sobre as suas práticas é a imitação de modelos, e não busca construir a sua própria identidade docente, mas sim seguir um padrão de imitar as suas educadoras e seguir os modelos que lhe foram apresentados, sem uma análise crítica e reflexiva.

Assim, a imitação de modelos se dá quando as indivíduos não refletem sobre a ação de suas professoras e se baseiam totalmente, imitando-as. Como descreve Pimenta, Lima (p.26, 2011): “essa perspectiva está ligada a uma concepção de professor que não valoriza a sua formação intelectual, reduzindo a atividade docente apenas a um fazer que será bem-sucedido quando mais se aproximar dos modelos observados.”

Neste sentido, a imitação de modelos está relacionada em como o curso propiciou a junção entre a teoria e prática, e em como a licencianda também busca aprimorar os seus conhecimentos para a sua futura profissão. Assim, as futuras professoras que não tem comprometimento com a sua profissão acabam fazendo a imitação de modelos deixando os seus conhecimentos aprendidos durante o curso para se basear somente naquilo que lhe foram mostrados por suas professoras ao longo do seu processo de formação como estudante, transpondo os modelos sem análise crítica. (PIMENTA, LIMA, 2011).

Como as autoras descrevem, o curso impacta muito em como será a formação inicial de uma educadora por conta de como cada curso realizará os conhecimentos fundamentais para formação docente buscando associar a teoria e a prática. Durante a prática docente, a educadora necessita do conhecimento de certas habilidades e que vão sendo desenvolvidas a partir da sua própria experiência ao longo do seu curso de formação atreladas à teoria. As habilidades devem possibilitar que a docente seja capaz de fazer o uso adequado e significativo das ferramentas, metodologias e estratégias para o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Esse processo de autonomia docente também estará fortemente relacionado com o comprometimento da professora com seu ambiente de trabalho, com suas relações com os estudantes, com a comunidade em que se insere. Cada realidade escolar é muito diferente uma da outra e, por isso, não tem como as profissionais copiarem modelos de professoras cujos

processos de formação e de trabalho se deram em contextos diferentes, não sendo possível a aplicação para todas as realidades escolares.

O conhecimento científico de cada disciplina na Universidade, voltada para a área específica do curso, dará o suporte teórico para a educadora ter o entendimento sobre a ciência atrelada à prática. Dessa forma, as habilidades são aprendidas ao longo do curso e na atuação profissional, já que a educadora sempre está em constante formação. Assim, saber utilizar uma ferramenta adequada para desenvolver um conteúdo requer que a licencianda tenha autonomia de refletir, ler, pesquisar e também dialogar com seus colegas para que, durante o seu processo de formação, consiga aprimorar as habilidades que lhe serão essenciais na sua profissão.

No século XXI, com a tecnologia, são inúmeras as maneiras de utilizar para potencializar o ensino de Geografia, aproximando o ensino com a rotina das alunas que estão permeados por tecnologia no seu dia a dia. Um exemplo pode ser o uso de vídeos para desenvolver o conteúdo sobre água, instigando a classe a ser crítica sobre Água e os conflitos e intencionalidades no Brasil através do agronegócio. Para que compreendam como a água é recurso estratégico para a produção de alimentos é possível instigá-las com perguntas: “água é poder?” “Ocorrem conflitos pelo uso e disponibilidade da água no Brasil?” “Como o agronegócio faz uso da água?”. Ter um diálogo com as estudantes para compreender o que sabem sobre o assunto se faz significativo para que estimulem a falar e expor a opinião, além de dialogarem e ouvirem, aprendendo outro ponto de vista de vista, com o embasamento científico que a professora expõe. Um método para dar suporte às aulas são os vídeos², em que as tecnologias digitais de informações e comunicação são ferramentas que podem ser utilizadas em sala de aula para promover o ensino- aprendizagem dos estudantes se tornando muito significativo e atrativos já que é mundo onde todas estão inseridas e conectadas.

Desta forma, se faz necessário que as educadoras tenham o conhecimento e domínio das tecnologias digitais da informação e comunicação, pois é um recurso didático que deve ser utilizado em sala de aula, para começar quebrar esse paradigma entre a escola e a tecnologia. A partir disso, as professoras não devem mais fingir que não tem os meios de comunicação e informações, já que há vários anos, o livro didático não é mais a única forma de aprendizagem e conhecimento. (LIBANEO, 2002, p. 17). Assim, as tecnologias digitais também contribuem

² o vídeo a “A lei da água” dá suporte para compreender melhor este tema sobre a questão de água e seus conflitos, afim de entender a água como um recurso estratégico no Brasil.

para práticas, entrando na realidade dos estudantes que estão acostumados a utilizarem ferramentas tecnológicas no seu dia a dia.

Neste sentido, por meio do vídeo, de aulas dialogadas sobre a água também é necessário que estudantes desenvolvam a sua autonomia descrevendo um texto de uma lauda sobre a água como recurso estratégico para o Agronegócio, para estimular a capacidade de pensar, escrever, refletir e ser incentivadas a ter um posicionamento político e crítico sobre o tema.

A formação de educadoras sempre está em constante mudança, vem sendo discutida em vários eventos nacionais³, com o intuito de compartilhar conhecimentos e progredir para uma formação que busque realmente a formação de profissionais competentes e determinadas em busca de uma educação de qualidade. Neste sentido, Pimenta e Lima (2011) descrevem que a pesquisa durante a prática docente pode ser um método significativo para a formação de professoras, com elo entre a teoria e prática, investigando, analisando e refletindo sobre o contexto escolar na busca da transformação da realidade, como Pimenta e Lima (2011, p.49) determinam:

“[...] Assim, a teoria, além de seu poder formativo, dota os sujeitos de pontos de vistas variados sobre a ação contextualizada. Os saberes teóricos propositivos se articulam, pois, aos saberes da ação dos professores e da prática institucional, ressignificando-os e sendo por eles ressignificados.

Como elas argumentam, a pesquisa aproxima a teoria e a prática proporcionando a licencianda observar a escola com um olhar crítico e reflexivo com embasamentos que lhe darão sustentação para investigar e entender a escola, a fim de compreender o seu futuro ambiente profissional, identificando as suas falhas e potencialidades. Além disso, são novos conhecimentos aprendidos durante este processo que lhe darão suporte para pensar e repensar qual é o seu papel como educadora e o da escola, como meio de formação de indivíduos pensantes em busca da transformação da realidade.

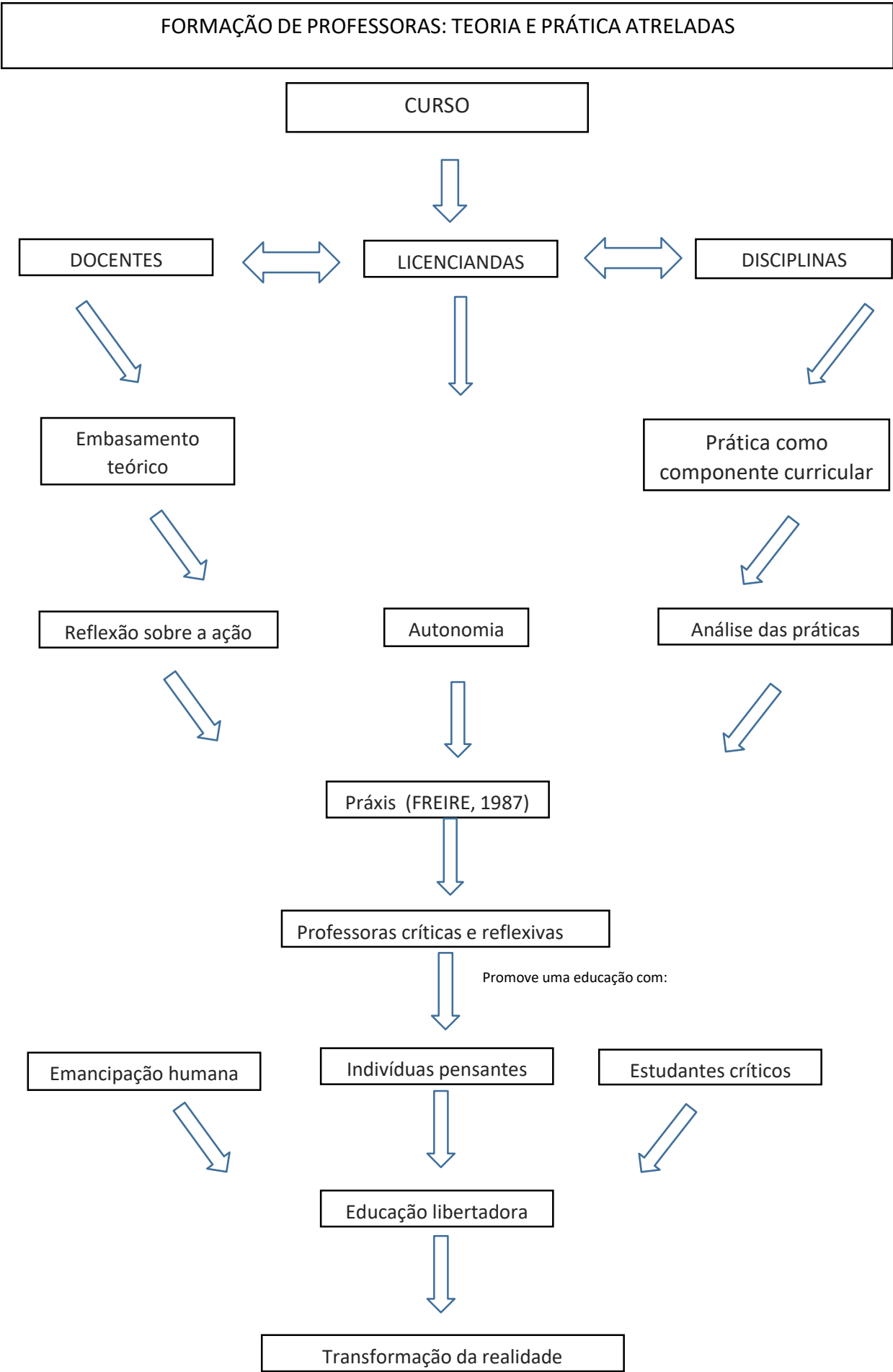
Por conseguinte, o processo formativo irá desencadear a constituição de uma profissional da área da educação e este processo é individual, cada indivíduo irá se construir como educadora de um modo, com suas peculiaridades, por conta dos seus conhecimentos, experiências e vivências. O momento de entrar em sala é muito significativo para uma licencianda, pois, é neste momento em que a discente volta para escola não mais como uma estudante e, assim, começa a perceber a sua importância para a sociedade e quanto o seu papel é difícil, pois a sua responsabilidade é devolver o conteúdo de forma significativa às estudantes,

³ ENLIC SUL, ENPEG, ENPEG SUL, CBE, ENDIPE.

sem influenciar, mas sim criar métodos para que cada uma consiga construir o seu próprio senso crítico. E a partir de um embasamento teórico que busque a reflexão diante da prática, irá possibilitar a licencianda a desenvolver a sua profissão com conhecimentos relevantes às estudantes.

A partir disso, Freire (1987) Pimenta e Lima (2011) e Kimura (2010) Paim e Pereira (2016) expõem a importância da formação inicial de professoras em busca do melhoramento na educação, tendo como ponto central a relação entre a teoria e a prática. Cada autora em suas teses tem diferentes argumentos, porém, todas se relacionam ao dialogarem em como os métodos, ações e reflexões podem mudar o ensino e aprendizagem, tanto para as futuras professoras, como para as alunas, com o propósito de uma educação mais crítica a realidade.

Neste sentido, para que a relação entre a teoria e a prática ocorra é necessário que o curso esteja dando suporte através das disciplinas, além do comprometimento as licenciandas em sua formação na busca de conhecimentos como sujeitas ativas e a escola também precisa estar aberta a dialogar com a Universidade a fim de promover um ensino de qualidade na busca de formar indivíduos críticas e reflexivas.



1.2 OS SABERES NECESSÁRIO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Em qualquer curso de formação de professoras são aprendidos diversos conhecimentos da área para que posteriormente na atuação profissional tenham o aporte teórico e prático necessário para exercer a profissão. Em um curso de licenciatura também é necessário que a futura educadora aprenda, construa e reconstrua os seus conhecimentos, métodos, habilidades e saberes para o exercício da sua profissão, porém o processo de aprendizagem é contínuo e não se acaba somente no curso. Porém, é durante este período que a educadora começa a se constituir, assim o processo formativo não é um aprendizado mecânico, pois a professora sempre está em constante mudança, adquirindo novos conhecimentos, novas metodologias, durante a sua formação e posterior, como descreve Pimenta (1999 p.18,) “[...] Professorar não é uma atividade burocrática para a qual se adquire conhecimentos e habilidades técnicas-mecânicas.

Como Pimenta descreve, um curso de licenciatura deve propiciar às licenciandas construir o seu conhecimento e se constituir como professoras a partir dos aprendizados e saberes adquiridos durante a formação. Neste sentido, nenhum curso irá ensinar como deve ser uma professora, como dar aula, como se portar em sala de aula, mas sim dar o embasamento necessário para que a professora constitua a sua própria identidade docente, como argumenta Pimenta (1999, p.18) “A identidade não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas, é um processo de construção do sujeito historicamente situado.” Dessa forma, cada indivíduo constrói a sua identidade docente de acordo com os seus saberes que vão sendo adquiridos durante a formação, posterior na profissão e também relacionados com a sua vida pessoal.

Por exemplo, a minha construção se deu a partir das aulas na faculdade com um ótimo embasamento teórico, as apresentações de trabalho que eram para mim algo muito difícil e com o tempo pude ir melhorando e me vendo como uma futura professora em que necessitava ter o domínio do conteúdo. Além disso, a participação no Pibid⁴, foi uma das minhas primeiras experiências em sala de aula na condição de aprendiz docente, sempre acompanhada de colegas que faziam parte do projeto. O Pibid me proporcionou muitos aprendizados e o principal deles

⁴ O Pibid é um programa institucional de iniciação à docência desenvolvido pela Capes. Permaneci no Programa 18 meses, iniciei em 2016 até 2017. Na minha participação tive como coordenadora a Professora Paula Lindo.

é que me fez enxergar o quanto eu quero ser professora. O Projeto de Pesquisa⁵ sobre formação de professoras sobre o uso de tecnologias digitais, também me fez evoluir como uma estudante pesquisadora, a fim de ser uma sujeita ativa no meu processo de formação. O Programa Residência Pedagógica foi, sem dúvida, o que mais me fez crescer como mulher/professora por conta das diversas atividades que pude desenvolver ao longo dos 18 meses.

A partir disso, nenhuma professora minha, durante a formação docente me ensinou como ser uma boa professora, e sim me deram o suporte teórico necessário e a partir das aulas, leituras, discussões, vivências, experiências venho aprendendo a cada dia como devo ser enquanto educadora, na minha futura profissão e assim venho construindo a minha identidade docente. Quando estive em uma sala de aula, sempre busquei referenciais teóricos e cada vez que tive a oportunidade de planejar e desenvolver um conteúdo sobre Geografia penso em como este conteúdo pode ser importante para cada indivíduo e como posso fazer para que as estudantes desenvolvam a sua própria autonomia e sejam cidadãs críticas.

Exemplificando, trabalhar com o conceito de paisagem é muito significativo para dar embasamento e discutir inúmeros conteúdos de Geografia, desigualdade social, o agronegócio, o capitalismo, o Brasil colônia, fome, globalização, enfim como, por exemplo, trabalhar o senso crítico das estudantes a partir das paisagens sobre um determinado tema e fazer com que escrevam e dialoguem sobre determinada paisagem, sempre instigando e expor as suas opiniões, com bons argumentos e boas bases de referências que vão sendo construídas ao longo das aulas.

O curso tem um papel significativo para a constituição de uma professora:

“Dada a natureza do trabalho docente que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente iram construindo seus saberes-fazeres docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano.” (PIMENTA, 1999, p.18)

Como Pimenta identifica, a formação inicial deve dar às futuras educadoras o suporte necessário para que consigam ser autônomas na busca de uma educação igualitária. Alguns saberes se tornam essenciais para a docência, a Pimenta (1999) destaca como sendo: saberes da experiência, saberes do conhecimento e saberes pedagógicos.

⁵ O projeto de pesquisa que participei foi a “formação dos professores de Geografia para o uso das tecnologias digital nas aulas”. Permaneci um ano em 2017/2018, no projeto juntamente com a minha orientadora Ana Maria De Oliveira Pereira.

As professoras são as únicas profissionais que tem a experiência ainda na infância, já que estudam e aprendem com as suas professoras, tendo, então, a experiência a partir da sua vivência em sala de aula com diferentes professoras que lhe ensinaram, porém, no papel de alunas. Quando a indivíduo entra em um curso de licenciatura ainda não percebe-se como professora por conta disso, a Universidade tem o objetivo de despertar a passagem da aluna para uma professora, a partir da prática docente e das reflexões sobre as práticas, tendo assim uma nova visão sobre escola, como uma profissional docente. Os saberes da experiência estão relacionados com a subjetividade de cada indivíduo a partir de suas experiências e vivências, a sua construção da identidade docente e em como busca ser uma profissional na área da educação.

Desta forma, os saberes da experiência se constroem, como o nome diz, durante as experiências. Por isso, a professora está revendo e reconstruindo esses saberes durante todo tempo enquanto está na atividade docente, na observação em sala de aula, na gestão escolar, na coordenação de projetos, no contato com a comunidade, na prática escolar, enfim atuando na sua profissão.

Ao longo de um curso de licenciatura, as docentes irão oportunizar várias atividades que contribuirão para que a licencianda se veja com uma professora, como apresentar um trabalho para a turma, desenvolver planos de aulas, desenvolver material didático, participar de projeto de ensino, extensão, pesquisa e ir para escola, seja para pesquisa, observação, análise ou regência estarão dando suporte para que a indivíduo construa a sua identidade docente e se enxergue como uma educadora e vai construindo os seus saberes da experiência.

Os saberes do conhecimento, são fundamentais para uma professora e vão muito além da informação, o conhecimento é poder, pois quanto mais conhecimento a indivíduo tem, mais clareza para interpretar e analisar os fatos e acontecimentos. O conhecimento visa novas formas de progresso e desenvolvimento, promovendo o processo de humanização nas indivíduos, possibilitando que as estudantes adquiram sabedoria e conhecimento, para serem indivíduos participantes, preparando as alunas com conhecimentos científicos, tecnológicos do atual mundo globalizado. De acordo com Pimenta (1999, p.22):

[..] a escola (e os professores) tem um grande trabalho a realizar com as crianças e os jovens, que é proceder à mediação da sociedade de informações e os alunos, no sentido de possibilitar-lhes pelo desenvolvimento da reflexão adquirirem a sabedoria necessária à permanente construção do humano.

Os saberes do conhecimento tem o intuito de promover o processo de cidadania, senso crítico, autonomia às discentes, a sua amplitude se dá pelo fato que cabe ao curso instigar a futura profissional, analisar, refletir sobre a educação e as práticas docentes, e a docente deve estar alinhando em busca de um ensino emancipatório, não somente a graduação, mas, posteriormente a sua atividade profissional. O diálogo entre as escolas e as Universidades potencializa a relação de produção de conhecimento com o objetivo de possibilitar que o conhecimento seja mais que uma mera informação e sim uma possibilidade de evoluir e contribuir para o melhoramento da educação.

Para o saber do conhecimento, a professora precisa ter o domínio sobre a área, para poder desenvolver o conteúdo da melhor forma possível às estudantes. Na ciência Geográfica, a professora precisa ter clareza sobre os conceitos de paisagem, lugar, ambiente, território e espaço geográfico para utilizá-los em sala de aula a fim de possibilitar às estudantes o raciocínio geográfico em que consigam utilizar estes conceitos no dia a dia, de maneira crítica.

Deste modo, é preciso que a professora tenha entendimento em como utilizar cada conceito nas diferentes abordagens de conteúdo, para além de ter um melhor aprofundamento do conteúdo a partir de uma categoria também, a análise se torna mais significativa por meio da utilização teórica dos conceitos da Geografia. A ciência geográfica, o conhecimento dessa área vai além de entender a relação entre a natureza e o ser humano, é preciso saber aplicar os conceitos da Geografia nas análises, seja nas análises teóricas, no trabalho de campo ou nas práticas docentes.

O saber do conhecimento é muito importante para qualquer curso de formação, e nos cursos de licenciatura é necessário um aprofundamento teórico da ciência bem embasado que possibilite a indivíduo a ter clareza e conhecimento da sua área de formação, além de aprofundamento da formadora em pesquisas, leituras, para que quando esteja em sala de aula tenha o conhecimento básico da sua área. A partir das práticas docentes, a professora também irá se renovando e aprendendo a cada dia, pois a escola impõe isto à medida que são feitas as práticas, é necessário conhecer bem o conteúdo e utilizar as metodologias corretas para possibilitar que o ensino aprendizagem aconteça, como Pimenta vai descrever no saberes pedagógicos.

E os saberes pedagógicos que se designam ser a junção entre o conhecimento científico e o “como se faz”, a partir da prática social, de conhecer o ambiente escolar buscando

desenvolver pesquisas sobre o ensino, que superem o fracasso escolar⁶ (PIMENTA, 1999). Assim, os saberes pedagógicos na formação inicial devem estar atrelados à realidade escolar, a licencianda conhecer, observar, analisar o ambiente escolar, pesquisar colaborando para a sua construção de identidade docente, pois “[...] os saberes sobre a educação e sobre a pedagogia não geram os saberes pedagógicos. Estes só se constituem a partir da prática, que os confronta e os reelabora.” (PIMENTA, 1999, p. 26).

Neste sentido, as disciplinas específicas da educação, didática, teorias da aprendizagem devem estar voltadas para a construção da identidade docente a partir dos saberes pedagógicos, no entanto, estas disciplinas devem ser relacionadas com a prática docente afim de que as indivíduos associem os saberes da teoria aos da prática, vivenciando a escola e tendo o embasamento necessário para ser uma professora.

Um exemplo significativo, pode ser como trabalhar em sala de aula sobre o Relevo no Brasil, pois durante a Universidade são aprendidas diferentes disciplinas a Geomorfologia, Geografia Urbana, Geografia Rural, Epistemologia da Geografia, cada uma tendo o seu aprofundamento específico. Na prática docente, há possibilidade de aproximar e relacionar as diversas áreas da Geografia, pode-se relacionar relevo com paisagem, geografia urbana e rural, a partir de uma aula expositiva e dialogada com as discentes sobre o relevo no Brasil e como o ser humano se apropria e se adapta das diferentes formas de relevo, seja nas cidades e ou nas áreas rurais.

Desta forma, o conceito de paisagem, por exemplo, é uma categoria que dá suporte para analisar como o ser humano utiliza o relevo, além de identificar as formas existentes no Brasil. O espaço vivido das alunas também é essencial para dialogar sobre as suas vivências relativas a este tema, onde moram? Qual tipo de relevo? E também como a classe social irá influenciar na forma em como o ser humano se apropria deste relevo. Neste sentido, a partir do diálogo, análise da paisagem de diferentes apropriações do relevo, as estudantes deverão pesquisar divididas em duplas trazendo uma paisagem de como o ser humano se apropria de um determinado relevo. Realizei esta atividade durante a minha experiência de regência como bolsista no Programa Residência Pedagógica e tive ótimos resultados perante a atividade em que as estudantes

⁶ O fracasso escolar se dá por fatores extra-escolares e intra-escolares. Os extra-escolares são relacionados com as condições de vida do indivíduo a pobreza e exclusão e os intra-escolares é a escola em si, o que ela visa para desenvolvimento dos indivíduos irá influenciar para o fracasso escolar. (COLLARES, 1989)

conseguiram identificar diferentes exemplos de apropriação, em favelas, na agricultura, no turismo.

A partir desta atividade, percebi o quanto foi importante as estudantes entenderem o conteúdo proposto sobre relevo, sem decorar as formas de relevo do Brasil, mais sim analisá-las e relacioná-las com o ser humano, já que este é o propósito da Geografia entender a relação entre o ser humano com a natureza, com um conceito da Geografia, a paisagem. Com isso percebi que a forma como abordei e desenvolvi o conteúdo juntamente com as alunas, as fez elevar o seu senso crítico perante a sociedade em como utiliza os recursos disponíveis da natureza para se adaptar.

Pimenta (1999) traz uma reflexão muito significativa sobre a formação de professoras, em que os saberes da experiência, do conhecimento e pedagógicos se tornam essenciais para a formação de educandas, e estes saberes só serão aprendidos a partir de como cada curso desenvolverá a graduação, além de como cada indivíduo busca se empenhar para a sua formação e, posteriormente, na profissional que aprimora os seus saberes.

Saberes necessários para a formação docente, Pimenta (1999)

Saberes da experiência	Saberes do conhecimento	Saberes pedagógicos
-Processo em que a licencianda inicia o seu caminho para a sua construção como professora, enxergando a escola não mais na posição de uma aluna, mas sim de uma docente em formação.	-Conhecimento científico da área em que a docente está se formando. -Conhecimento em que a indivíduo consiga analisar os fatos e acontecimentos com um olhar crítico, sem naturalizar, mas sim identificar as causas e consequências dos diferentes casos.	-Junção entre os saberes da experiência e os saberes do conhecimentos.
-Construções e desconstruções a partir das diferentes experiências.	-Análise e reflexão sobre a educação e suas práticas docentes.	- Associação entre os saberes da teoria aos da prática, vivenciando a escola e tendo o embasamento necessário para ser uma professora.

-Início da construção da identidade docente.	-O conhecimento deve oportunizar a professora e estudantes a enxergar o mundo sendo críticas e reflexivas.	- São saberes atrelados à realidade escolar, a licencianda conhecer, observar, analisar o ambiente escolar, pesquisar colaborando para a sua construção de identidade docente, sempre com base no embasamento teórico.
-Experiências e vivências durante a formação em licenciatura e posterior exercício da profissão.	-Através deste saber a professora deve instigar as estudantes a desenvolverem a sua própria cidadania, senso crítico e autonomia.	-Aprendizado relacionado entre todas as disciplinas ofertadas durante a graduação e as experiências nas escolas, seja em práticas, pesquisas ou observações.

Org.: Andreia Momoli, 2020

Morin (2014) também descreve uma importante discussão sobre os saberes necessários para as professoras, porém com alguns aspectos diferentes dos de Pimenta (1999) que busca descrever sobre a formação de professoras durante o curso, já Morin (2014) propõe 7 saberes para a educação do futuro, que são soluções para a educação e que devem ser implementados na formação de professoras na busca de formar cidadãs críticas, sendo: o conhecimento, conhecimento pertinente, ensinar a condição humana, ensinar a identidade, enfrentar as incertezas, ensinar a compreensão, a ética do gênero humano.

No primeiro saber Morin descreve que nenhum conhecimento é absoluto e as concepções de cada indivíduo estão sujeitas a erros e ilusões. Como Morin (2014, p.19) descreve “a educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão.” Neste sentido, quando o erro ocorre deve estar voltado para a construção de novo saberes, de identificá-lo, refleti-lo, assim “A educação deve-se dedicar, por conseguinte, à identificação da origem de erros, ilusões e cegueiras.” (MORIN, 2014, p.21) dessa forma, os erros e ilusões ocorrem e cabe às indivíduos reverter e buscar soluções ou novas verdades.

Morin (2014) descreve que as ilusões ocorrem porque os humanos são influenciáveis pelo seus sentidos, são erros motivados pela mente, pelas emoções, percepções e intelectuais. Os seres humanos estão suscetíveis aos erros em todos os lugares e por conseguinte na escola também, em que o corpo docente e as alunas estão sujeitas ao erro e à ilusão, assim cabe à educação investigar e identificar estes erros e evitá-los, desta forma, a educadora precisa estar ciente que erros existem porém é necessário sempre refletir como desenvolver um conteúdo, como

falar sobre o mesmo para que não esteja motivada pelas emoções em ter erros, ilusões e cegueiras. Morin, (2014, p.32) expõe sobre como lidar com esses erros em que “necessitamos civilizar nossas teorias, ou seja, desenvolver nova geração de teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas, aptas a se auto-reformar.” (MORIN, 2014, p.32).

O ser humano evolui e as ideias também são reelaboradas e os conhecimentos podem ser reformulados para que avance e evolua nos contextos escolares e a sociedade como um todo. O segundo saber é o conhecimento pertinente, (Morin. 2014) refere-se ao mundo globalizado e à quantidade de informações que estão disponíveis e como a cidadã deve saber interpretá-las e associá-las entre as diferentes escalas, global, nacional e local. Para isso, ele as enquadra em Contexto, o Global, o Multidimensional, o Complexo. O contexto é situar as informações para se ter sentido, ou seja não basta somente colocar uma palavra em evidencia, é preciso colocar no seu contexto pois ela pode ser usada em diferentes sentidos, assim não tem sentido ter o conhecimento de forma isolada, é preciso saber o contexto

No global, Morin (2014, p. 37) descreve: “O global é mais que o contexto, é o conjunto das diversas partes ligadas a ele de modo inter-retroativo ou organizacional.” Deste modo, toda as partes representam o todo, e olhar somente para as partes não são suficientes para entender algumas questões que acabam ficando desconectadas do todo e ao mesmo, olhar o todo também pode ser errado já que existem as particularidades, assim é necessário entender a relação entre as partes e o todo. O multidimensional é entender que tudo tem múltiplas dimensões, sendo então multidimensional, como a palavra já diz, não sendo possível isolar uma parte e esquecer de todo, como o exemplo em que Morin (2014, p.38) cita a sociedade: “[...] A sociedade se comporta as dimensões histórica, econômica, sociológica, religiosa...” E, por último, o complexo é que une todos esses conceitos entre a unidade e a multiplicidade.

A educação deve se preocupar com estes conceitos, ou seja, “[...] a educação deve promover a “inteligência geral” apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global.” (MORIN, 2014 p.39). Desta forma, faz-se necessário que a educação promova a articulação e associe as informações para que o conhecimento não fique fragmentado e desconectado. Morin busca propor este saber que dialoga com a interdisciplinaridade na escola, unir as disciplinas para que o conhecimento não se torne desassociado e seja assim significativo às estudantes.

No ensino da Geografia, ensinar requer pensar em todos os conceitos que Morin (2014) descreve, já que de acordo com Suertegaray (2011, p.11) “[...] o espaço geográfico como um

todo uno e múltiplo” é “aberto a múltiplas conexões que se expressam. [...]”. Deste modo, os diferentes conteúdos se relacionam com o global como, por exemplo, ensinar sobre a fome no Brasil é necessário associar com dimensões históricas, econômicas, políticas, concentração de riqueza e desigualdade entre as nações. Constituem um saber associado e interligado olhando a relação entre as partes, das particularidades de cada estado e a sua relação com o todo, para assim compreender como e por que existe fome no Brasil. De acordo com Castro (1984) a fome no Brasil se deu principalmente pelo passado histórico, além de como Estado administra os interesses privados e coletivos, a grande quantidade de pessoas na cidade, deixando a área rural defasada, exportação de alimentos para outros países, a distribuição da riqueza e inflação nos produtos alimentares.

O terceiro saber é ensinar a condição humana em que descreve sobre que todos os seres humanos são iguais no sentido biológico pertencendo ao mesmo planeta, porém cada indivíduo tem as suas particularidades, características que as tornam únicas, assim, apesar de serem únicas pertencem a uma cultura dentro da sociedade constituindo então uma diversidade humana. Deste modo, para Morin (2014, p.15):

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos.

Neste sentido, Morin (2014) descreve que cada ser humano tem a sua construção, com suas particularidades sendo únicas, e o autor crítica educação, que visa somente dividir as disciplinas e não passa um conhecimento da totalidade, mas sim fragmentado e sem levar em consideração o ser humano e a sua complexidade. Por isso, Morin (2014) descreve que é preciso estudar o ser humano para entender como se comporta, a sua cultura, o local que vive. Deste modo há uma imensa diversidade humana e cabe à educação também possibilitar que as estudantes tenham um conhecimento das diferentes culturas e países identificando como o ser humano se desenvolveu e desenvolve.

A Geografia, neste aspecto, é uma ciência e uma disciplina escolar de grande relevância. Através dela é possível conectar explicações diversas sobre um mesmo objeto ou um mesmo conjunto de problemas. De certo modo, a intenção da Geografia, em buscar entender as relações sociais, as relações socioespaciais e as relações da sociedade com a natureza, busca essa leitura mais integral da condição humana no planeta.

O quarto saber é ensinar a identidade terrena, em que o Morin argumenta sobre a evolução do mundo abordando o contexto histórico de como surgiu o planeta Terra e da evolução da sociedade até o século XXI, “O mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes.” (Morin, 2014, p.67).

Neste sentido, o autor quer esclarecer que tudo está conectado e interligado em escala global, porém não cita diretamente a globalização, mas é por meio dela que se tem este processo, conforme Santos (2012, p. 24): “A globalização é de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. [...] há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política.” Como descreve Santos, a globalização foi um processo que ocorreu por conta do modelo econômico capitalista dos países, assim através dos sistemas de técnicas avançadas, de indústrias, de transportes, de comunicação e a política entre os países para integração em escala global.

Para a globalização se desenvolver como tal é hoje, foi necessário passar por um processo de avanço das técnicas do modo de produção capitalista, mudanças das relações entre os países, implementação da divisão internacional de trabalho e também da padronização de um sistema econômico. Deste modo, houve uma aproximação entre os continentes, no qual o mundo está presente em todas as partes, como por exemplo uma marca de roupa famosa, ou uma comida de um determinado país se expandiu para outros países, não ficou somente retida no seu país de origem, sendo para Morin a era planetária.

Para Morin (2014, p. 69): “O mundo, cada vez mais, torna-se uno, mas torna-se, ao mesmo tempo, cada vez mais dividido.” Desta forma, por mais que se tenha a aproximação entre as partes com o viés econômico, este novo sistema global trouxe vários problemas como a pobreza e a extração exagerada de recursos naturais.

Neste saber, Morin descreve que unir as partes é muito mais que somente ter relações econômicas com outros países, na era planetária é necessário que a população tenha a consciência antropológica, em que o ser humano entenda e respeite a diversidade, a consciência ecológica, em preservar o planeta Terra de forma sustentável, a consciência cívica terrena, respeitar e ser solidária com os outros seres humanos e a consciência espiritual da condição humana, sendo humanos críticos a si mesmos e buscando evoluir (MORIN, 2014).

A educação tem vários desafios neste mundo globalizado em que se impera o egoísmo e a competição para liderança e poder entre os meios de produção, assim é necessário entender o mundo globalizado, para posteriormente criar possibilidade de mudança na evolução da sociedade. O ensino de Geografia tem muito a contribuir para ensinar as cidadãs sobre estar na

era planetária, como por exemplo este plano de aula que busquei mostrar como iniciou este processo e quais são as potencialidades e limitações da globalização:

CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	OBJETIVOS DA ATIVIDADE
Etapas da globalização.	<p>No primeiro momento, as estudantes serão interrogadas sobre o que é globalização? Se já ouviram falar? Como será que o mundo se tornou globalizado.</p> <p>Assim, a partir desse primeiro diálogo, a aula será mais teórica, na qual serão destacadas brevemente as 4 fases de acordo com o texto de Porto Gonçalves. E a partir disso será elaborado juntamente com as alunas, um fluxograma de como se deu o processo de globalização.</p>	90 minutos	<p>Observar e dialogar sobre o que a turma compreende sobre globalização.</p> <p>Identificar como se deu o processo histórico da globalização e de como vários acontecimentos que foram importantes para a consolidação da globalização, ainda estão presentes nos dias atuais.</p>
Globalização presente no dia a dia	<p>A partir da resposta das alunas, buscarei compreender sobre o que conseguem entender, e o que sabem a sobre a globalização.</p> <p>Tendo como base o capítulo dois “uma globalização perversa” do livro de Milton Santos, “Por uma outra globalização”, elaborar um texto sobre a globalização.</p> <p>O texto será entregue às alunas e discutido, a partir disso, deverão buscar três palavras do texto e escreverem sobre a Globalização, aliado a palavra.</p>	90 minutos	Leitura, discussão do texto. Reflexão sobre o dia a dia das estudantes.
Pesquisa sobre a Globalização.	A partir disso, as alunas em duplas terão como tarefa, pesquisar algo um vídeo, imagem, tabela, notícia, charge ou algum acontecimento com as mesmas que se relacione com o tema globalização e deverão apresentar para as colegas.	45 minutos	Pesquisa em duplas. Constatação de como a globalização está posta na internet.
<p>RECURSOS UTILIZADOS:</p> <p>Fluxograma exemplo:</p>			

Descoberta e colonização da América + exploração de recursos naturais + invenção da máquina a vapor + início da monocultura+ aumento da riqueza para poucos pessoas + capitalismo + tecnologia + integração entre os países+ Mídia+ fluxos de mercadorias, de transportes, de comunicação e de pessoas.

Texto elaborado:

E ESSA TAL DE GLOBALIZAÇÃO?

Chegando em casa depois da escola, Maria foi descansar no sofá e resolveu ligar a TV, se deparando com a seguinte declaração, do Ministro da Fazenda Henrique Meirelles, "A globalização é benéfica para todo mundo, inclusive para as economias desenvolvidas." (GI, 2017). Ao assistir a notícia, Maria lembrou da aula que teve quando estava no 8ª, com uma professora de Geografia e também ficou refletindo sobre o que era globalização? E como isso afetava a sua vida? Se era benéfica para ela? Assim ficou pensando e resolveu ir procurar no seu livro de Geografia do 1 ano porém não encontrou nada, como não tinha acesso à internet, tentou se lembrar como a professora tinha passado esse conteúdo, então foi pesquisar nos seus cadernos do 8ª e encontrou um texto que a professora tinha dado aos alunos. O texto era o seguinte:

UMA GLOBALIZAÇÃO ALÉM DA MÍDIA E DA TÉCNICA

Para Luísa, a técnica que o ser humano foi desenvolvendo e criando ao longo dos séculos, fez com que hoje se tenha uma tecnologia avançada em que se é capaz de obter informações em instantes, é possível viajar para onde quisermos e ter um produto que desejamos, mesmo que seja de outro país, tudo isso é ótimo para nós! Isso facilitou a vida de todos e ainda os países estabelecem relações e são parceiros uns dos outros.

EI, VOCÊ VAI ACREDITAR NISSO? ESTÁ MESMO ACREDITANDO NA LUÍSA?

Bom, vou te passar a real do que é essa tal de globalização, topa vir comigo? Vamos fazer uma viagem na sua imaginação e vou te mostrar a globalização.

Antes de iniciar, vou te falar para você marcar essas duas palavras aqui INDIVIDUALISMO e PODER, quando chegar ao fim do texto, retorne a elas e reflita.

Sabe essa técnica, que Luísa descreve? Sim, de fato a técnica foi desenvolvida e fez com que se aprimorasse as ferramentas e se tivesse uma tecnologia avançada, mas será que quem detém desta técnica? Da tecnologia? Todos se beneficiam com a tecnologia? Vou te dar um exemplo: "Samsung pagará US\$ 539 milhões à Apple por patentes." (EXAME, 2018). Então quem detém da tecnologia?

Essa globalização é mantida por uma alta competitividade, em que as grandes empresas competem por dominar o mercado, e ser as principais linhas de produção, para lucrar. E como se lucra? Como em um mundo globalizado se lucra?

Vou te dar um exemplo da Apple, é a empresa que detém o maior valor em mercado ou seja é a empresa mais valiosa do mundo. Mas como dei o exemplo acima, ela detém de uma grande tecnologia que nenhuma outra empresa tem e também já foi acusada de trabalho escravo. "Apple é acusada de trabalho escravo em outra fábrica chinesa." (CLM, 2016). E aí como você reflete diante dessas duas notícias?

Vamos agora falar de competitividade, vou te dar um frase e quero que reflita também, "A competitividade tem guerra como norma. Há, a todo o custo, que vencer o outro, esmagando-o, para tomar seu lugar." (SANTOS, 2012, p. 46). E aí o que isso te faz pensar? Será que todas as empresas conseguem se manter no mercado? Como é a livre concorrência? O que faz uma empresa para conseguir lucrar? E até que ponto que a privatização é boa? Para quem ela favorece?

Sabe essas multinacionais que vem para o Brasil? Para sua cidade, como a MC Donald, Coca-cola, Chilli Beans. Essas empresas que se instalam na sua cidade, não ajudam a gerar muito economia para a cidade local, pois a maior parte do lucro adquirido volta para o país de origem da empresa.

E já que estamos no assunto de competitividade de empresas, não poderia deixar de citar o consumo, ah esse que mantem as empresas lucrando. Esse consumo em que somos influenciados a comprar para se sentir bem, para seguir o padrão imposto pela mídia, para estar no estilo. Esse consumo que faz pensar, que com ele, somos melhores e mais felizes. A globalização fez com que tivéssemos acesso a mercadorias de outros países por meio dos fluxos, só observar as roupas que você veste, os acessórios que utiliza, os moveis da sua casa e o seu celular, pesquise e descubra de onde são os seus produtos que utiliza no dia a dia. E só para constarvou te fazer outra pergunta, você domina o seu celular, ou ele é quem te domina?

Vou te contar algo, você sabia que a informação que chega até nós é manipulada? Como? Os meios de comunicação e informação divulgam aquilo que é inerente para eles e não para a população. Vou te contar um fato, o filho de Maria acabou sendo baleado com vários tiros, durante um tiroteio na favela do Rio de Janeiro, uma criança inocente que estava voltando para casa da escola. Um dia depois, o jornal expõe a notícia “morre criança durante um tiroteio, os policiais constaram que era um das crianças que estava junto com a quadrilha do tráfico!” Esse é o fluxos de informações, podemos obter informações do que está acontecendo no mundo, basta ter um celular em mãos e com acesso à internet, mas é preciso saber interpretar essas informações e verificar qual é a intenção diante da informação e também constatar em redes seguras as informações para não serem as famosas Fakes News. Também é preciso ter consciência que somos vigiados o tempo todo, através do que acessamos no nosso computador, celular, tablet. E qual é a intenção de um país saber informações sobre o outro? Poder? Estratégia? Guerra? O que? Me fale?

Essa globalização trouxe um novo modo de organização na escala global, mudando a economia, e a cultura dos países e proporcionando uma homogeneização cultural, na qual temos um padrão de estética, de consumo que influencia e impõe as pessoas a consumir e utilizar determinados produtos, sendo uma nova cultura. E como ficam as diferentes culturas, diante desse novo padrão? Como ficam os nativos? E outros povos que não têm por objetivo consumo, nem lucro. São aceitos? Me fale você a partir de suas experiências e informações que sabe.

E então temos os países subdesenvolvidos que são alicerces para os países desenvolvidos, no qual ordenam como comandam os mercados, e exportação, sendo de fato esses países dominantes da maior linha de produção. E também temos o Estado, deixando o seu poder para a privatização, como foi o caso da mineradora Vale, que era pública e acabou sendo privatizada em 1997. E quem se beneficiou com essa privatização? Tenho certeza de que os atingidos pelo rompimento da barragem da Brumadinho não foram os beneficiados, e como ficaram essas pessoas? Será que a empresa está preocupada com a população?

E aí chegamos, a último ponto que quero destacar, a pobreza, que neste mundo globalizado, acabou por sendo naturalizada, e algo inevitável (SANTOS, 2012). Então vivemos em mundo globalizado, mas todos tem acesso a esse mundo? Todos conseguem se manter neste mundo?

A divisão do trabalho, fez com que a população tivesse que se adequar para conseguir entrar no mercado de trabalho, porém te pergunto, todos conseguem se aquedar ao que o mercado de trabalho exige? As oportunidades são as mesmas para toda a população? Todos conseguem entrar na faculdade? E como fica o estado diante dessa classe? Os pobres acabam sendo excluídos neste mundo globalizado, pois o que se mantem é o individualismo e a falta de solidariedade. (SANTOS, 2012) E como essa população é remunerada quando consegue emprego?

“É o caso, por exemplo, dos Estados Unidos, apresentado como o país que tem resolvido um pouco menos mal a questão do desemprego, mas o valor médio do salário caiu.” (SANTOS, 2012 p. 73). Por mais que se gere emprego, esses trabalhadores acabam sendo mal remunerados. E o Brasil temos um caso muito pior, onde 12,2 milhões de brasileiros de acordo com o IBGE (GI, 2019) estão desempregados. E por que essa população está desempregada?

Diante disso, finalizo esse texto, perguntando a vocês meu caros leitores, o que é essa tal de globalização?

Depois de ler o texto e lembrar das aulas de globalização, Maria, agora sabia que a globalização, não era benéfica para toda a população, que por mais que se tinha fluxos de mercadorias, de pessoas, de transportes e de informação ainda não eram todos que podiam usufruir desses fluxos. Também sabia na verdade que o mundo globalizado era uma “fábula” e que por trás dele se tinha uma “globalização perversa” que tinha como principal objetivo, o individualismo e o poder (SANTOS, 2012).

EXEMPLOS QUE SE RELACIONAM COM A GLOBALIZAÇÃO:



Fonte:

<
https://www.google.com/search?q=charge+de+globaliza%C3%A7%C3%A3o&rlz=1C1GCEA_enBR808BR808&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiDkamvj9riAhWLD7kGHUYkBpkQ_AUIECgB&biw=1338&bih=636#imgrc=bPUIzopkFOb7uM:
 >

GLOBALIZAÇÃO



Fonte:

<[“Receita com exportações do complexo soja cresce 54%, informa Secex” disponível em: <\[Como você é manipulado sem saber. Disponível em: <\\[>\\]\\(https://escribacafe.com/como-voc%C3%AA-%C3%A9-manipulado-sem-saber-39828ba4e982\\)\]\(https://canalrural.uol.com.br/noticias/agricultura/soja/receita-exportacoes-soja-cresce/></p>
</div>
<div data-bbox=\)](https://www.google.com/search?q=charge+de+globaliza%C3%A7%C3%A3o&rlz=1C1GCEA_enBR808BR808&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiDkamvj9riAhWLD7kGHUYkBpkQ_AUIECgB&biw=1338&bih=636#imgc=LetHmXpu8_ri5M:></p>
</div>
<div data-bbox=)

Somos todos vigiados. Disponível em: <[>](https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2013/07/somos-todos-vigiados-pelo-bgoverno-americanob.html)

Felicidade consumista com os ratos - steve cutts <[>](https://www.youtube.com/watch?v=sR8-nnXCUdg&t=187s)

História das Coisas - Globalização + Capitalismo e seus efeitos <[>](https://www.youtube.com/watch?v=AC2ccikdxww&t=227s)

Brasil e EUA fecham acordo sobre uso da base de lançamentos de Alcântara. <[>](https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/03/18/brasil-e-eua-fecham-acordo-sobre-uso-da-base-de-lancamentos-de-alcantara.ghtml)

Além de uma aula sobre o que é globalização e como funciona é essencial que as educadoras despertem em todas as estudantes uma forma de fazer o uso deste mundo globalizado em que se beneficie a todas, unindo os países sem disputa, mas com o intuito de melhorar a condição humana, como descreve Morin (2014, p. 76)

Por isso, é necessário aprender a “estar aqui” no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas — e por meio de — culturas singulares. Precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos.

Como Morin argumenta, é mais que simplesmente ser um ser humano que habita a Terra, é aprender a estar no mundo, unindo e aprendendo com diferentes culturas, em que um país tem a capacidade de alavancar e agregar no outro fazendo, o uso da tal globalização de modo que una as populações com respeito entre os diferentes povos e costumes.

No quinto saber, enfrentar as incertezas, Morin (2014) expõe que é preciso saber lidar com as incertezas e estando pronto para o inesperado, já que não é possível prever o futuro, por mais que se tenha determinantes econômicos e sociológicos, pode acontecer um imprevisto que irá mudar a forma da organização da sociedade. Como Morin (2014, p. 82) expõe: “Não existem apenas inovações e criações. Existem também destruições. Estas podem trazer novos desenvolvimentos [...]” Como o autor descreve, os acontecimentos novos tanto podem ser positivos para a sociedade, como podem ser desafiadores, de qualquer forma tudo que surge de novo acaba afetando a população.

A população acaba vivendo em um mundo de certeza em que tudo está certo e nada vai mudar e na escola também acontece isso, por isso a população acaba não estando preparada para as incertezas, nunca teremos a certeza de tudo e cabe a escola mostrar, que existem e são muitas as incertezas, as estudantes fazê-las pensar criando estratégias em como lidar com as incertezas e imprevistos.

Um exemplo significativo que instiga as estudantes a reconhecer as incertezas é promover um debate em sala de aula sobre um determinado tema, no caso da Geografia uma discussão sobre o refúgio de estrangeiros no Brasil. A partir da professora lançar o tema, as discentes deverão escolher se são contra ou favor, formado os grupos e a professora deverá inverter os grupos entre os que eram a favor passará a ser contra e os contra serão a favor. Deste modo, até então as estudantes tinham uma opinião formada sobre o tema, tendo certeza daquilo e agora se deparam com um momento de incerteza em que saem da sua zona de conforto.

Neste sentido, esta prática é um exemplo que vai promover as estudantes ir além da sua certeza sobre a sua opinião perante ao assunto, estando em um momento de incertezas, em que devem buscar novas formas de enxergar o tema e buscar estratégias de lidar com essa incerteza e além disso, conseguirão analisar melhor o tema e reconstruir ou melhorar a sua opinião através das pesquisas que irão fazer.

No sexto saber, ensinar a compreensão, Morin (2014) expõe que a compreensão deve ser um dos ensinamentos em sala de aula, já que para ele, as indivíduos tem um problema com a compreensão, como descreve:

Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. (MORIN, 2014, p.93)

A educação teve ensinar mais do que as disciplinas obrigatórias, é preciso formar cidadãs que tenham compreensão, entendendo as outras indivíduos tendo empatia. O egoísmo, egocentrismo, preconceito e individualismo são contrários à compreensão, quando uma criança aprende desde sua infância a compreensão, tendo empatia, ajudando a colega, e começa a entender que o que fere a liberdade da outra indivíduo não será necessariamente bom para ambas, ocorrerá a compreensão natural, “Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção.” (Morin, 2014, p.95)

Deste modo, a compreensão é algo que muda o modo com as pessoas veem o mundo, em aprender com as outras pessoas, em enxergar as indivíduos como iguais e que devem ter as mesmas condições básicas de viver. É compreensão e saber que existe milhares de pessoas passando fome e ver como é errado e qual é a sua condição perante esta situação, como posso ajudar, sendo de fato cidadãs. Através da compreensão, a indivíduo consegue entender a outra sem julgá-la e esperar a reciprocidade. (MORIN. 2014)

Na escola existe a falta de compreensão, por exemplo quando uma criança sofre preconceito e bullying mostra que estudantes não enxergam aquela criança ou adolescente com empatia, mas sim com algum pré conceito sem mesmo conhecer e dar a oportunidade de entender aquela criança ou adolescente. Por isso a escola tem um papel muito importante neste processo de mudanças de pensamento das pessoas, que não é simples para quem já tem pensamentos concretos e conservadores, porém é mais fácil de instigar em uma criança que está começando a desenvolver a aprender as concepções e opiniões sobre tudo.

De fato, se as pessoas tivessem mais compreensão muito iria mudar, o modo como as pessoas se relacionam, a forma como ocorre a divisão da riqueza, diminuição de violência,

pobreza, conflitos e preconceitos. Com isso a educação é hoje a principal agente que pode promover e instigar esta mudança a partir do modo como ensina estudantes. A educadora deve propiciar práticas em que a turma repense o seu modo de agir sendo auto-crítico pensando nas suas ações enquanto indivíduos que vivem, respeitam e aprendem umas com as outras independente da sua cor, raça, gênero, cultura.

No último saber, a ética do gênero humano, Morin (2014) refere à junção de todos os outros saberes, sendo a antropo-ética e junção entre indivíduo/sociedade/espécie/ que a educação deve se propiciar. Morin (2014, p.106) sobre a antropo-ética descreve como sendo:

A antropo-ética supõe a decisão consciente e esclarecida de: assumir a condição humana *indivíduo/sociedade/espécie* na complexidade do nosso ser; alcançar a humanidade em nós mesmos em nossa consciência pessoal; assumir o destino humano em suas antinomias e plenitude.

Com isso, a antropo-ética que o ser humano deve se apropriar tem vários desafios a serem implementados e só dependerá do ser humano em fazê-lo. Saber que a indivíduo/sociedade/espécie/ são inesperáveis em que um depende do outro, sendo a indivíduo com suas particularidades inseridas em uma sociedade em que todas são iguais e devem ser respeitadas. Deste modo, a união da espécie e das diferentes culturas devem ser na busca de uma cidadania. Morin (2014) destaca que é por meio da democracia, que favorece a relação entre indivíduo e sociedade, sendo então formada pela diversidade.

Como descreve Morin (2014) não tem como ensinar lições de moral à pessoa, é preciso formá-la sabendo que é uma indivíduo, é pertencente da sociedade e faz parte da espécie, para a sua compreensão e da espécie humana em que pertence. Deste modo, os seres humanos é que vão decidir o destino de como será o futuro a partir de suas ações e reflexões, sendo a educação a base para a mudança e para cidadania terrena.

O livro de Morin (2014) traz inúmeras reflexões e análises sobre como a sociedade está organizada, expondo críticas sobre este atual mundo globalizado. O livro dele “sete saberes” é excelente, em que faz qualquer indivíduo repensar as suas ações como ser humano. Com isso, as professoras e não só estas, mas todas as indivíduos deveriam ter a oportunidade de ler este livro, que expõe a realidade e busca uma forma de como uma educação voltada para a cidadania muda a organização da sociedade.

Através dos 7 saberes de Morin, é possível analisar que a educação brasileira tem muito a melhorar, desde a formação de professoras na Universidade, até a infraestrutura das escolas.

É preciso investir na formação de professoras que sejam críticas, que tenham compreensão, que respeitem suas estudantes e a diversidade. Como será a formação docente irá influenciar em como as docentes vão ensinar as estudantes. Desta forma, os saberes devem ser incorporados no presente, devendo ser inseridos no cotidiano escolar hoje, agora, urgentemente, para que de fato comece uma educação voltada para a cidadania. Como descreve Souza (2018, p.38): “A ideia é simples: já que todos seremos tragados pelo tempo, pelo espaço, enfim, pela natureza, que façamos o maior esforço para que o tempo da vida de todos seja o mais belo possível.”

Deste modo, seremos destinadas ao mesmo fim todas, então hoje é o melhor momento de mudarmos se reconstruindo e desconstruindo a cada dia como cidadãs conscientes e professoras determinadas na busca incessante por ensinar as estudantes a serem críticas.

7 SABERES NECESSÁRIOS PARA A EDUCAÇÃO DO FUTURO (PRESENTE!)



Conhecimento

Nenhum conhecimento é absoluto e as concepções de cada indivíduo estão sujeito ao erro e ilusões.

Educadora precisa estar ciente que erros existem sendo necessário sempre refletir como aplicar os conteúdos para que não esteja motivada pelas emoções em ter erros, ilusões.

Conhecimento pertinente

O ser humano precisa reconhecer e entender as diferentes escalas, global, nacional e local.

Á educação deve promover a articulação e associação das informações para que o conhecimento não fique fragmentado e desconectado.

Ensinar a condição humana

Cada indivíduo é única tendo as suas particularidades assim pertencem a uma sociedade, e desta constituem uma vasta diversidade.

Pela imensa diversidade humana, cabe à educação possibilitar que as estudantes tenham um conhecimento das diferentes culturas e países identificando como o ser humano se desenvolveu e se desenvolve.

Ensinar a identidade

O mundo está conectado e interligado em escala global, por questões econômicas, mas ao mesmo tempo está mais dividido em questões sociais.

A educação deve ensinar a aprender a estar no mundo, unindo e aprendendo com diferentes culturas, em que um país tem a capacidade de alavancar e agregar no outro.

Enfrentar as incerteza

É preciso saber lidar com as incertezas e estar pronto para o inesperado, já que não é possível prever o futuro.

A educação deve instigar as estudantes pensarem e criarem estratégias em como lidar com as incertezas e imprevistos.

Ensinar a compreensão

O ser humano deve aprender a compreender e respeitar o outro, tendo empatia.

A educadora deve propiciar práticas em que a turma repense o seu modo de agir sendo auto-crítico pensando nas suas ações enquanto indivíduos que vivem, respeitam e aprendem uns os outros independente da sua cor, raça, gênero, cultura

Ética do gênero Humano

Refere-se a junção de todos os outros saberes.

Os seres humanos é que vão decidir o destino de como será o futuro a partir de suas ações e reflexões, sendo a educação a base para a mudança e para cidadania terrena.

2. O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UFFS- CAMPUS ERECHIM

2.1 A IMPLANTAÇÃO DO PRP

A formação de professoras é um tema que sempre está em pauta, em eventos sobre o ensino, na Universidade e na escola, em que discutem, com um objetivo em comum melhorar a formação inicial ou continuada de professoras a fim de estas serem capacitadas em possibilitar um ensino aprendizagem de qualidade às estudantes. Já houve um grande avanço na formação de professoras, por exemplo no período em que meus pais estudavam nos anos 70, as professoras nem tinham faculdade somente terminavam o ensino fundamental, e o médio era o magistério em que era uma qualificação para poder estar aptas a dar aula, sem precisar fazer uma faculdade posterior ao ensino médio, apesar disso nessa época também haviam professoras formadas em faculdade, porém não eram todas que tinham as condições financeiras para pagar uma faculdade.

Neste sentido, a formação veio passando por transformações e sempre está buscando novos progressos, vários autores, como Pimenta (1999), Paim, Pereira (2016), Barreiro, Gebran (2006) destacam que é necessário analisar e melhorar a formação de professoras, para buscar melhor desempenho na educação e conseqüentemente na sociedade. De fato, se tem muito a melhorar na educação desde a infraestrutura da escola, a formação das professoras, em que “[...] os professores ocupam uma posição estratégica no interior das relações complexas que unem as sociedades contemporânea aos saberes que elas produzem com diversos fins.” (TARDIN, 2010, p.33).

Deste modo, a educação é responsável por propiciar às estudantes aprendizados que englobem a sociedade contemporânea, assim a professora é a principal agente que poderá possibilitar o ensino-aprendizagem, além da posição estratégica em estar na base deste processo, é essencial a sua responsabilidade e comprometimento com as pessoas que estão lhe ouvindo e dialogando, em saber qual é o melhor jeito para abordar os conteúdos propostos afim de possibilitar um ensino qualificado.

Desta maneira, se tem clareza que a profissional da educação é muito significativa para qualquer sociedade, pois a educação é base para um desenvolvimento de um país, deste modo, cabe ao país buscar investimentos na educação. No Brasil, a educação já mudou bastante, como

por exemplo a criação de várias Universidades Públicas, disponibilizando vários cursos de licenciatura na grande maioria delas, além de outras áreas profissionalizantes. A disponibilização de cursos de licenciatura implica em formar futuras professoras que estarão a serviço do Governo, sendo então um investimento com um bom retorno. Além dos cursos de licenciatura, a Capes (Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior) que está vinculada com o ministério da educação, abre vagas de bolsas remuneradas voltadas para a formação de professoras, que incentiva a discente conhecer o seu futuro ambiente de trabalho e aprimorar e desenvolver atividades voltadas para a prática docente. O Pibid, é uma dessas, desenvolvido pela Capes, teve a sua criação em 2007, em que “O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. (MEC,2018)

Como tive a oportunidade de participar do Pibid em 2017, através da minha experiência, o Pibid possibilita adentrar na escola, juntamente com outros colegas para conhecer o ambiente escolar, com o intuito de despertar o início da identidade docente, começar a desenvolver atividades pedagógicas, além de desenvolver pesquisas, projetos na escola, dialogar com o corpo docente da escola e bolsistas, fazer leituras voltadas para a educação e realizar intervenções em sala de aula. O Pibid já pode ser considerado uma política nacional bem consolidada, pois são mais de 10 anos que vem sendo investidos recursos na mesma, assim de fato se tem uma concretude que é um programa que traz inúmeros aprendizados para os bolsistas que tem a oportunidade de participar.

A partir disso, o Pibid se mostrou significativo com o passar dos anos e conquistou as professoras Universitárias, o corpo docente da escola e as bolsistas. Em 2018, a implantação de um novo programa voltado para a formação de professoras, trouxe muitas dúvidas e críticas em relação a como seria efetuado, o Programa Residência Pedagógica (PRP), diferentemente do Pibid que não teve tanta repercussão, o PRP passou a ser criticado desde o início, antes mesmo de ser implantando.

O Programa Residência Pedagógica, é bem diferente do Pibid, o Pibid é voltado para a iniciação à docência, em que o discente começa a conhecer a escola desenvolvendo algumas atividades que não são necessariamente de regência, já o “Programa de Residência Pedagógica

⁷ De acordo com o Mec (2012) , entre os anos de 2003 a 2014 já tinha 63 Universidades Federais, com 321 campus.

visa aperfeiçoar o estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciatura” (CAPES, 2018). Deste modo, se trata de um programa voltado para a prática docente, em que a candidata precisa ter cursado pelo menos 50% do curso de graduação para poder se inscrever no Programa, assim a bolsista não precisa realizar os estágios supervisionados obrigatórios, pois o Programa já dá o cumprimento de que foi realizado as atividades de estágio, ou realiza os estágios conjuntamente com a residência.

Desta maneira, o PRP foi implantado com o intuito de melhorar a formação de professoras: “[...] para implementação de projetos inovadores que estimulem articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, conduzidos em parceria com as redes públicas de educação básica (CAPES 2018)”. O seu objetivo principal tem muita relevância para a formação de professoras, pois uma formação atrelando a teoria e prática possibilita uma prática com reflexão, vinculando os aprendizados teóricos aos práticos.

Deste modo, o programa se torna muito importante tanto para a formação de uma docente, quanto no âmbito de integração entre Universidade e Escola Pública, desencadeando em um melhoramento para a educação, pois visa que as residentes estabeleçam relações com as professoras e direção da escola, trocando experiências, aprendizados e assim agregando para a formação de ambos.

O PRP, visa integrar discentes de licenciatura em uma escola pública, para conhecer o ambiente escolar, desenvolver atividades e ministrar aulas de acordo com o curso da discente, realizando no total 440 horas, distribuídas em ambientação, imersão, planejamento, regência e elaboração do relatório final (CAPES, 2018). Neste sentido, a residente conhece o ambiente escolar realizando observações em sala de aulas e nos diferentes espaços da escola e também realiza 100 horas de regência entre planejamento e aplicação de conteúdos em sala de aula, além dos aprendizados teóricos em leituras e discussões que lhe darão base para desenvolver e repensar as suas práticas docentes.

Portanto, o PRP, tem muitas potencialidades que contribuem para a formação docente, a primeira é poder permanecer 18 meses em uma mesma escola, tendo um vínculo mais duradouro e significativo, conhecendo de fato a escola que está desenvolvendo as atividades do seu futuro ambiente de trabalho, sem ser somente alguns meses como ocorre nos estágios supervisionados, em que não é possível ter uma maior aproximação com a escola, pois é um curto prazo que a licencianda permanece na escola e não ocorre a mesma aproximação como no programa.

De acordo com o site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES):

O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. Essa imersão deve contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua Instituição Formadora. (CAPES, 2018).

Neste sentido, o Programa Residência Pedagógica proporciona uma relação mais estreita entre Escola e a Universidade, em que a licencianda durante a sua formação tem a teoria na instituição de ensino e a prática na escola através do Programa. Durante o Programa Residência Pedagógica são desenvolvidas diversas atividades as quais contribuem significativamente para a formação da licencianda, como estudar o Projeto Político Pedagógico para entender quais são os objetivos e as metas da escola frente à educação, além de poder estar inserida no ambiente escolar, analisando e vivenciando as dificuldades e benefícios de ser uma professora na prática e também de poder refletir sobre o que é a educação e qual a sua importância como professora.

Além das oportunidades que serão vivenciadas por cada licencianda, o programa é também remunerado, isso acaba implicando em incentivo do governo para a formação de professoras. As licenciandas também se beneficiam, que por mais que não seja este o principal benefício do programa, a remuneração é considerada importante, pois as discentes conseguem se manter financeiramente na Universidade por ser bolsista do programa e realizá-lo com mais dedicação, tanto o curso como a residência.

O PRP é um novo programa diferente do que se tinha até então, que busca aperfeiçoar e melhorar a formação de professoras. Um novo programa, sempre traz muitos desafios, mas também vários benefícios pois pode ocorrer que não seja bom o suficiente para ser renovado e investido, e tenha que se buscar novas formas de progresso, demandando outros editais e outras políticas públicas. Porém, o programa também pode possibilitar novos aprendizados e ser de fato um novo potencial que seja relevante e contribua para a formação de professoras, por isso é necessário a experimentação de novidades, para fins conclusivos das potencialidades ou limitações de cada programa.

No caso do PRP, não foi isso que aconteceu na sua execução para depois a conotação, as críticas chegaram antes do programa ser implementado, vindas por alguns setores da área

educacional como a União Nacional dos Estudantes (UNE), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), Confederação Nacional dos Trabalhadores (CNTE), críticas que tinham receio do fim do Pibid. De fato, no momento em que foi criticado não se tinha a veracidade de como iria se dar o desenvolvimento do programa nas instituições de ensino, por se tratar de uma novidade com sua primeira implementação, porém, era preciso implementá-lo para saber se de fato as críticas se concretizariam. A união nacional dos estudantes, que se manifestou divulgando em seu site que o PRP viria para acabar com o Pibid, e uma serie de implicações. Alegando, um possível retrocesso na educação:

“A substituição do Pibid por uma residência pedagógica, disfarçado num falso discurso de modernização, não é nada mais que a substituição da contratação de professores pela mão de obra dos estudantes de licenciatura, precarizando ainda mais nossa educação.” (UNE, 2017)

A partir do que está descrito acima, é possível constatar como era o desmerecimento do PRP, que somente estava começando a ser divulgado, além disso o maior medo era o término do Pibid, que de fato não aconteceu, pois houve muitas manifestações para continuar com ele, assim os dois programas foram implementados. A partir da minha experiência no PRP, no meu núcleo de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim, não entramos na escola para substituir nenhuma professora, cumprimos as práticas docentes necessárias que foram regidas no documento do PRP, sem atrapalhar outras professoras de outras disciplinas, somente com a nossa preceptora trabalhamos em conjunto, em que ela analisava os nossos planos de aula, dialogávamos e aprendíamos também com ela, não havendo em nenhum momento no nosso grupo alguém destinada a dar aula de outra área que não fosse a nossa.

Na manifestação da Une ficou explicito a sua preocupação pelo Pibid, que já é um programa consolidado e tem comprovações de seus bons resultados e que traz muitos aprendizados e benefícios para quem tem a oportunidade de participar, mas porque então o Residência Pedagógica, também não poderia ser um programa eficaz? Já que se trata de um programa de incentivo à formação de professoras, que busca fazer com que a Universidade e escola tenham um vínculo de aproximação, além das licenciandas desenvolverem diversas atividades em uma escola vivenciando e tendo uma experiência mais aproximada do seu futuro ambiente de trabalho, atrelado à Universidade.

Houve também uma manifestação da Associação de professoras da UFPR (APUFPR), que divulgou um vídeo e um texto relatando que o Pibid seria readequado pelo Programa Residência Pedagógica, criticando que seria um programa que iria substituir professoras, que as licenciandas não teriam supervisão e que não era válido acabar com o Pibid, já que era

comprovado que funcionava, além disso, também criticaram a forma como o governo tinha divulgado o novo programa, sem ter esclarecido qual era de fato o objetivo do PRP, que até então não tinham apresentado um projeto concreto para entendê-lo.⁸

Outra manifestação foi uma carta (ANEXO 1) de várias entidades: Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), Fórum Nacional de Diretores de Faculdades, Centros de Educação ou Equivalentes das Universidades Públicas Brasileiras (FORUMDIR), Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE), Associação Brasileira de Currículo (ABdC), Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), Associação Nacional de Pesquisa em Financiamento da Educação (FINEDUCA), Campanha Nacional pelo Direito à Educação Ação Educativa, Movimento Nacional em Defesa do Ensino Médio (MNDEM), Rede Escola Pública e Universidade (REPU), Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC).

Houve uma divulgação por meio de uma carta digital, em que contestam que tanto o Pibid como o PRP, tendo a sua implantação seriam voltados para submeter nas escolas a Base nacional Comum Curricular (BNCC), se posicionando contra a BNCC estar vinculada com um destes programas. O argumento foi: “o Programa de Residência Pedagógica é a estratégia do MEC para enxertar a BNCC nos programas de formação inicial, cujo custo para a qualidade da formação docente nas IES será muito mais alto do que os recursos financeiros porventura recebidos.” (ANDEP. Et al, 2018)

Desta forma, para as entidades educativas a BNCC iria entrar na escola com o PRP, mas não foi isso que aconteceu, pois quando houve a divulgação e implementação do PRP, a BNCC do ensino fundamental já tinha sido aprovada e as escolas estavam tendo palestras e formações para conhecer melhor a nova base e aplicá-la em 2020. Por mais que o PRP tinha um objetivo de: “promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da BNCC.” (CAPES, 2018)

Esse objetivo é voltado sim para se pensar em novas formas de incluir na Universidade uma formação inicial que dê conta de abarcar a nova BNCC, já que é preciso que as licenciandas

⁸ A manifestação foi publicada no dia 01 de Março de 2018, disponível na ANDED, no seguinte link: <
<https://apufpr.org.br/2018/03/01/fim-do-pibid-e-residencia-pedagogica-queda-com-efeito-domino-na-educacao/>>

a conheçam, saibam do que se trata e como vai funcionar esta nova base que foi aprovada e está sendo implementada nas escolas. Neste sentido, na Universidade Federal da Fronteira Sul, houve algumas palestras voltadas para a discussão da BNCC, expondo as suas limitações e potencialidades.

Durante a minha experiência no PRP, não houve aplicações de prática docente minha e nem dos meus colegas com a vinculação da nova BNCC, somente realizamos uma atividade de leitura da área da Geografia e, posteriormente, nos reunimos e dialogamos sobre a mesma, além de escrever um texto crítico a ela. Para finalizar o texto, as entidades educativas argumentam:

O discurso de MEC/Capes que celebra a sinergia entre escola e universidade encobre o fato de que o Programa de Residência Pedagógica é uma tentativa de desconstrução de projetos de formação inicial comprometidos com a docência como atividade intelectual e criadora. Isso tem efeitos profundamente desprofissionalizantes nos cursos de Licenciatura, seja por induzir que estudantes em processo de formação sejam responsáveis por aulas nas escolas, seja porque a vinculação do Programa com a BNCC visa formar professores para uma docência reprodutivista, desprovida de autonomia intelectual e incapaz de reconhecer as diferentes realidades em que os processos educativos tomam forma e lugar. (ANDEP, et al, 2018)

No primeiro momento, descrevem que o PRP iria acabar com o Pibid, como as outras críticas também citavam, e não houve isso, não acabou e nem mudou a forma como o Pibid foi implementado. Posteriormente, o PRP, é também uma atividade intelectual e criadora, pois durante a participação no programa houve muito aprendizado voltado para a formação de professoras. Como por exemplo, para despertar a autonomia e criatividade das licenciandas, tínhamos que dar aula com um bom embasamento teórico além de propor metodologias em que o conteúdo fosse de fato significativo às estudantes.

Além disso, os estágios têm o objetivo de proporcionar as licenciandas aprender a dar aula e era isso também o objetivo do PRP, em que pudéssemos desenvolver atividades voltadas à prática docente atreladas à teoria e prática, sem que fosse de modo desprofissionalizante, mas sim uma experiência e vivência em aprender na prática, conhecendo o ambiente de trabalho, realizando atividades de docência, mas, jamais o PRP fez com que tivéssemos a mesma responsabilidade e todos os compromissos de uma professora em realizar todas as atividades que a escola demanda.

O PRP foi um momento de conhecer e entender o espaço escolar, a nossa responsabilidade era estar ali para aprender, mas não para carregar a responsabilidade de uma professora concursada, o objetivo era desenvolver aulas com o intuito de aprendermos a nos portarem sala de aula, como uma futura professora, em desenvolver práticas docentes que

instigássemos a pensar em ferramentas adequadas e metodologias eficientes e estávamos ali como aprendizes em formação e não como professoras regentes da escola.

As críticas destas entidades se deram muito persistentes no sentido da nova BNCC, muito mais do que o PRP, mas, como era um dos objetivos do programa, então, isso acabou que sobressaltando as críticas ao programa. O momento em que essas críticas estavam se dando também tem relação com contexto político nacional, o acirramento de uma crise de gestão iniciada desde o último processo de impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, a redução de investimento público na educação e as disputas ideológicas de quaisquer direcionamentos.

A partir das críticas que foram feitas pelo Programa Residência Pedagógica e sabendo da importância do mesmo a partir da minha experiência, não desconsidero e nem desmereço as críticas que foram feitas por cada instituição, por representarem uma autonomia da Universidade em se manifestar e expor a sua opinião diante dos programas criados pelo governo.

Neste sentido, por mais que houveram várias críticas e no momento em que foi criticado não se tinha a veracidade de como iria se dar o desenvolvimento do programa nas instituições de ensino, o PRP foi implementado e nosso grupo específico de 9 bolsistas, e a nossa formação não foi prejudicada e nem fomos reprodutivistas, ao contrário disso, houve diferentes construções e reconstruções de cada residente, que serão destacadas no capítulo 3.

Em nosso grupo expusemos os resultados do programa em artigos, resumos expandidos e banner, além de nós, também outros grupos pelo Brasil puderam expor a significância do PRP, como será descrito no próximo subtítulo, com a investigação de artigos elaborados somente por alguns grupos do Programa de Residência Pedagógica de Geografia pelo Brasil.

2.2 PESQUISAS SOBRE O PRP DE GEOGRAFIA NO BRASIL

A partir das críticas que foram feitas pelas instituições ao Programa Residência Pedagógica se faz necessário identificar que foi um novo programa de formação de professoras que tem várias potencialidades para agregar e melhorar a educação. Diante desta afirmação venho destacar alguns resultados obtidos de licenciandas de Geografia que tiveram a oportunidade de ser residentes pedagógicas. Deste modo, de início, é relevante destacar as experiências e vivências que foram descritas em artigos, banner e resumo expandido pelo nosso grupo do Residência Pedagógica de Geografia, da UFFS, campus Erechim.

O Programa Residência Pedagógica, possibilitou que as residentes participassem do Enpeg e do Enlic Sul, desta forma elaboramos artigos e banner para expor nos eventos. No Enpeg, o Lucas Ponte, Luisa Tacca e eu escrevemos um artigo sobre as nossas experiências em regência na sala de aula sobre o tema Guerra Fria, assim, buscamos expor no artigo como foi possível desenvolver este conteúdo às estudantes e como foi significativo para as alunas e também para a nossa construção enquanto professoras, destacando a relação entre teoria atrelada a prática, cujo o nome é “[Des] construir para o pensar político na geografia: diálogos no programa de residência pedagógica da UFFS”

No ENLIC SUL, foi desenvolvido um artigo pelos seguintes integrantes: Lucas Mesquita, Ygor Quintanilha, Luisa Tacca, Everton Santos, Maria Chinvelski (preceptora) e Reginaldo Souza (coordenador), descrevendo sobre a importância do Programa Residência Pedagógica e em comparar o Residência Pedagógica como uma Casa que está em processo de construção, com o seguinte título: “A Residência Pedagógica como uma paisagem do conhecimento geográfico: anúncios de uma experiência na Universidade Federal da Fronteira Sul”.

Além do artigo foi elaborado também um banner pelo restante do grupo: Andréia Carla Momoli, Sancler Eduardo Zanotelli, Wander Luis Marques, Juliano Piccoli e Luisa Tacca, em que foi descrito as atividades e experiências desenvolvidas pelos bolsistas do Programa Residência Pedagógica, com a turma do 9º ano na Escola Estadual Haidée Tedesco Reali. Assim foi contextualizado tudo o que vinha sendo desenvolvido no programa desde as práticas pedagógicas, até as reuniões semanais, cujo título foi: “Residência Pedagógica: Prática como componente curricular e Estágio”.

No SEPE (Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão) também foi elaborado resumos expandidos sobre a experiência das residentes de Geografia da UFFS, a residente Luisa Tacca, Sancler Zanotelli escreveram uma reflexão acerca da importância do Programa, nas duas primeiras partes de imersão no ensino fundamental, 2018/2, 2019/1, sendo: “A práxis no Programa Residência Pedagógica/geografia no ensino fundamental: experiências e desafios.”

Outro resumo expandido foi: “O Programa Residência Pedagógica e os estágios curriculares: coesões, coerências e desafios, feito pelo Wander Luís Marques e Lucas Ponte Mesquita, que buscaram comparar as experiências do Estágio Supervisionado e do Programa Residência Pedagógica como potencializador para a formação de professoras. E também o Juliano José Piccoli, a preceptora Veronica Chinvelski e o coordenador Reginaldo Jose de

Souza fizeram um resumo expandido, expondo como foram desenvolvidas as atividades de regência no primeiro semestre de 2019, com o seguinte título: “Prática pedagógica no Programa Residência Pedagógica: a guerra fria na perspectiva da geografia. Com essas contribuições é possível destacar que no nosso grupo buscamos expô-las através das diferentes oportunidades.

Serão apresentados também, mais alguns artigos do Programa Residência Pedagógica de Geografia, a fim de identificar como está sendo desenvolvito o PRP em outras Universidades do Brasil, os artigos são diversos, não houve um delimitação aprofundada, já que não era o objetivo do trabalho, porém cabe destacar, que a divulgação dos artigos se faz importante para mostrar como foi a implementação em diferentes regiões do Brasil. São ao todo 12 artigos, nas referências estão disponíveis os links de cada artigo. O artigo, “Residência Pedagógica em geografia UEMA: expectativas e desafios” Antônio José Araújo Cruz e José Arilson Xavier de Souza, (2019) são da Universidade Estadual do Maranhão, produziram um artigo para expor uma primeira reflexão sobre o Residência Pedagógica, no curso de Geografia na UEMA, ainda no início do programa em Agosto de 2018, realizando uma enquete com as residentes. No artigo, os autores descrevem que o PRP, possibilita uma formação com maior êxito, e a partir das entrevistas que foram feitas com as residentes de Geografia da UEMA, destacam que esperam que o programa vai possibilitar várias experiências, conhecimentos e aprendizados, como descrevem: “Já o programa residência pedagógica foi reconhecido como se fazendo em construção, mas como um instrumento que tende a relevar muitos aprendizados entre os ambientes entre Universidade e escola [...]” (CRUZ, SOUZA, 2019, p.08). A partir da descrição dos autores é possível constatar que as residentes tinham muitas expectativas positivas em relação ao programa.

O artigo “Residência Pedagógica as experiências de socialização em Geografia/ UFS/ Itabaiana-Se, de José Eduardo Alves de Andrade, Rafael Campus, Luna Clayane Meneses Silva Costa, realizaram uma entrevista com as residentes de Geografia da UFS, e descrevem no artigo algumas falas das residentes. De acordo com Andrade, Campus, Costa (2019, p.04) : “[..] é possível afirmar que diversos fatores contribuem para o crescimento acadêmico dos envolvidos com o programa. Entre eles estão o contato com a sala de aula, dinâmica e interação com discentes e troca de experiências.” A partir disso, como as autoras descrevem o programa possibilita diversas experiências, em que o PRP influencia no crescimento profissional de cada envolvido com o programa, além disso, também argumentam que representa uma resistência com a escola pública e de qualidade, já que é voltado para a formação de professoras.

Outro artigo interessante é “A Residência Pedagógica na formação de professores: colaborações no ensino de geografia mediante diário de formação”, de Ivonete da Conceição, em que busca mostrar as atividades desenvolvidas durante o programa que agregam na formação acadêmica da licencianda de Geografia do IFBA. Neste artigo, a autora descreve

sobre a sua experiência no programa e como a teoria e prática devem ser relacionadas para que a professora tenha um bom exercício da profissão. Conceição (2019) descreve que a participação no programa proporcionou que ela tivesse outro olhar frente à docência e que depois de ter sido residente se sente mais preparada para a profissão.

No artigo “Entre ações, percepções e contribuições: narrativas de jovens professoras no Programa Residência Pedagógica de Geografia”, de Igor de Jesus Santos, Bruna Souza Silva, descrevem sobre as potencialidades e limitações do programa e das residentes no curso de Geografia, UNEB, através de uma análise das autoras como agentes participantes do PRP, deste modo relatam a sua experiência e constatam que “[...] a experiência da Residência tem sido bastante positiva em nossa formação docente, que tem nos permitidos narrar nossas histórias de vida que são tecidas em sala de aula.” (Santos, Silva 2019, p. 3821). Na análise das autoras, o PRP proporciona que a estudante comece a desenvolver a sua identidade docente, sendo então uma experiência relevante para a formação docente.

No artigo, “Trajetórias da formação docente: observar-aprender-praticar, através do Programa Residência Pedagógica” de Ângela Souza de Jesus, Ivana Santos Nascimento Ribeiro, relatam sobre a sua experiência no PRP de Geografia da UBA. De acordo com Jesus, Ribeiro (2019) “O programa é como um campo de conhecimento e de intensa reflexão do trabalho docente, no qual o professor em formação ao longo das suas vivências amplia sua visão crítica sobre o sistema escolar, bem como o “Ser Professor”. Como elas descrevem, fica claro que para as mesmas o programa lhe trouxe muitos aspectos positivos que agregaram na sua formação inicial, e ainda descrevem que o PRP é muito significativo como uma nova forma de prática no processo formativo.

Outro artigo relevante é “Reflexão acerca do programa residência pedagógica em geografia: identidade e formação docente, de Valdiléa Fabricio Gomes e Lucivania Chaves Lago, que descrevem sobre as primeiras experiências adquiridas no PRP de Geografia da UBA. De acordo com Gomes, Lago (2019, p.3892) “A Residência Pedagógica na formação docente é o momento final para que o futuro profissional enriqueça ainda mais o que foi aprendido. É na experiência do espaço escolar que o contexto formativo consegue assimilar a inter-relação do vivido dentro e fora da escola.” Neste sentido, as autoras destacam como o PRP possibilita aprendizados, descrevem também que a experiência no programa está sendo muito significativa para a construção enquanto futura professora e que o aprendizado se dá diariamente fazendo assim da Geografia uma disciplina inovadora.

O artigo “Residência Pedagógica e a formação de professoras: entre a prescrição e as experiências” de Zenaira Santos, Bruna Machado da Rocha, João Pedro Lepore Leandro, Paloma Sousa Vieira da Silva, descrevem um relato sobre as suas experiências e desafios no Programa Residência Pedagógica de Geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF). As

autores descrevem que a licencianda estar em uma escola sempre será válido para a sua formação seja como profissional ou como cidadã. De acordo com Santos, Rocha, Lepore, Silva (2019) a residente se encontra na posição de fronteira, pois não é nem a aluna e nem a professora, sendo este papel de desafio:

O ingresso em um programa dessa natureza oportuniza mudanças na trajetória do licenciando, mas este lugar, por nós chamado de fronteira, devido a condição supracitada – nem professor, nem aluno – é, inicialmente, um desafio a mais, concomitante a todos os outros que tendem a ser acionados, involuntariamente, mediante determinados acontecimentos em sala de aula. (2019, p. 3922)

Como as autoras descrevem, o PRP é um grande desafio e quem tem a oportunidade de enfrentá-lo não será mais a mesma na medida em que este possibilita inúmeros aprendizados e mudanças na formação de cada indivíduo. As autores ainda relatam a experiência das mesmas, no artigo, o quanto o programa lhes foi significativo para a sua formação, porém de acordo com as autores (2019) o PRP ainda não engloba uma formação ideal, mas é partir de como cada instituição e escola se apropriam dele que irá determinar uma formação completa.

No artigo: “O programa “Residência Pedagógica” na licenciatura em geografia do CERES – UFRN: refletindo e construindo a prática docente” de Iapony Rodrigues Galvão, a autora expõe a sua experiência no programa e como o mesmo pode ser relevante para a formação de professoras. Deste modo, Rodrigues (2019) relata uma prática pedagógica que realizou e o quanto esta foi significativa para a sua formação e dos estudantes, com o uso do xadrez no conteúdo de Geopolítica e Guerra Fria, em que utilizando as peças de Xadrez relacionou com espaço, lugar, território e poder e conseguiu estimular o aprendizado as estudantes e que foi através da sua imersão no PRP que pode desenvolver a prática.

O seguinte artigo “O ensino de geografia e seus desafios no município de Itabaiana SE” de Anny Graziely dos Santos Menezes, Anne Karolyne Lima de Jesus Santos, Erica Monteiro dos Santos, Jayne Maria dos Santos, Jeferson de Jesus Tavares, Jucilene Aparecida Lima Prado, Cristiano Aprígio dos Santos, fazem uma análise dos desafios do ensino de Geografia através da experiência no PRP. Neste artigo as autores criticam a escola em que desenvolveram o programa, expondo a falta de materiais e de ferramentas tecnológicas, porém apesar das dificuldades enfrentadas conseguiram desenvolver atividades significativas, diferentes das que as alunas vinham vivenciando até o momento com um ensino tradicional. De acordo com Menezes et al (2019), concluem que ainda a escola pública tem muito a melhorar, apesar de ainda existir o ensino tradicional e os recursos são escassos. No ensino de Geografia é necessário ferramentas diversas como mapas, projetor, charges, entre outros para possibilitar

uma melhor compreensão do conteúdo por parte dos estudantes, e a escola é quem deve possibilitar.

No artigo: “A Docência geográfica no Programa Residência Pedagógica no Colégio Estadual Professor Joaquim Vieira Sobral – Aracaju/SE” de Arthur Silveira Azevedo, Claudionete Candia Araujo, Gicélia Mendes da Silva, John Lennon Cruz Barros, Karolaine Santos Silva, Letícia Menezes Santos, Yasmin Rayanne Lima Azevedo. As autores analisam a relevância do PRP a partir da escola na qual desenvolveram o programa, no Colégio Estadual Professor Joaquim Vieira Sobral, em Aracaju no Sergipe, sendo licenciandas da Universidade Federal do Sergipe (UFS). Neste sentido, as autores descrevem sobre as suas experiências no programa, destacando as práticas que fizeram com que as estudantes despertassem o protagonismo e discutissem sobre diversos assuntos relevantes como as desigualdades sociais e violência contra a e mulher, como Azevedo, Araujo, Silva, Barros, Silva, Santos, Azevedo, (2019, p.04) :“No contexto atual da sociedade, não cabe apenas ministrar conteúdos propostos nos livros didáticos, mas instigar o aluno a perceber diferentes possibilidades de conhecimentos de forma crítica e participativa.” Como as autores descrevem, dar aula é muito mais do que passar os conteúdos que estão propostos no livro didático é necessário instigar as estudantes a serem cidadãs críticas, e durante a experiência no programa puderam constatar e vivenciar na prática o que é dar aula, como os mesmos descrevem que através da experiência no PRP, puderam (re)pensar as atividades docentes e que alcançaram através do programa na escola um ensino de Geografia diferente, do que se tinham até então, tradicional, a afim de instigar as estudantes a serem críticas e participativas.

E no artigo “Residência Pedagógica: práxis de formação docente, de Hugo Santana Costa, Tamires Santos Sousa, Luna Clayane Meneses Silva Costa, Cristiano Aprigio dos Santos. Neste artigo as autores descrevem sobre a importância do PRP na formação docente atrelado aos estágios, também foram feitas por licenciandas da Universidade Federal do Sergipe (UFS), porém não destacam qual escola houve a imersão das mesmas. Neste artigo, as autores descrevem sobre a importância de juntar o PRP com os estágios a fim de melhorar a formação de professoras. Para as autores: “Sendo assim, a residência pedagógica é uma nova proposta de maior relação entre a universidade e a escola pública, fazendo a ponte necessária para aprimorar e produzir conhecimento.” (p.05, 2019)

A partir dos artigos analisados, é possível notar que o PRP foi significativo para várias licenciandas conforme foi possível ver através dos relatos nessas produções. Apesar de não poder generalizar pois cada Universidade juntamente com a escola, professoras e alunas implementaram o programa de formas diferentes, o Programa Residência Pedagógica parece

ter várias potencialidades e por isso pode se tornar uma política pública de formação de professoras que visa uma aproximação entre a teoria e prática e um melhoramento na educação pública.

PRP – Quadro de situação sobre críticas e potencialidades			
Atores envolvidos (Associações, Entidades, Professores, Estudantes, Universidades)	Principal crítica dirigida ao PRP	O que fundamentava essa crítica?	O que não fundamenta mais essa crítica? (Potencialidades)
União Nacional dos Estudantes (UNE)	Fim e substituição do Pibid.	A implantação do novo programa o Residência Pedagógica.	O Pibid foi continuado em 2018.
União Nacional dos Estudantes (UNE)	A substituição da contratação de professoras pela mão de obra dos estudantes de licenciatura.	O PRP seria um programa que iria precarizar a educação.	Não houve substituição de professoras por residente e sim houve um envolvimento com ambos, professoras regentes e residentes para a construção de atividades práticas em sala de aula. O PRP também não precarizou a educação, através dos artigos evidenciados nesta pesquisa é possível constatar os benefícios do mesmo, além de ser implantando novamente em 2020.
A Associação de Professores (APUFPR) da Universidade Federal do Paraná (UFRP)	O Pibid seria readequado pelo Programa Residência Pedagógica.	O PRP seria um programa que iria substituir professoras, que as licenciandas não teriam supervisão, e que não era válido acabar com o Pibid, já era comprovado que funcionava.	Não houve uma substituição, já que são programas diferentes com objetivos diferentes e o Pibid teve a sua nova implantação em 2018.
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação	1º O PRP e o Pibid tendo a sua implantação seriam voltados para submeter nas escolas a Base nacional Comum Curricular (BNCC), em que as entidades se posicionam contra a BNCC estar vinculada com um destes programas. 2º O PRP iria acabar com o Pibid, além de	1º O PRP era uma estratégia do MEC para poder implementar a BNCC nos programas de formação inicial, em que iriam investir menos já que a formação iria ser feita nos residentes. 2º O MEC estava encobrendo que o programa de formação inicial (Pibid) não iria ser renovado, já que este era	1º Para as entidades educativas a nova BNCC iria entrar na escola com o PRP, mas não foi isso que aconteceu pois quando houve a divulgação e implementação do PRP, a nova BNCC do ensino fundamental já tinha sido aprovada e as escolas já estavam tendo palestras e formações para conhecer melhor a nova base e aplicá-la em 2020. No caso do grupo de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul-campus-Erechim, não houve aplicações de prática docente a vinculação da BNCC, somente realizamos uma atividade de leitura da área da Geografia e, posteriormente, nos reunimos e

<p>(ANFOPE), Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), Fórum Nacional de Diretores de Faculdades, Centros de Educação ou Equivalentes das Universidades Públicas Brasileiras (FORUMDIR), Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE), Associação Brasileira de Currículo (ABdC), Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), Associação Nacional de Pesquisa em Financiamento da Educação (FINEDUCA), Campanha Nacional pelo Direito à Educação Ação Educativa, Movimento Nacional em Defesa do Ensino Médio (MNDEM), Rede Escola Pública e Universidade (REPU), Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em</p>	<p>ser um programa desprofissionalizante.</p>	<p>voltado para uma atividade intelectual e criadora. Além disso o PRP era desprofissionalizante nos cursos de licenciatura por conta da sua vinculação com a BNCC e por formar professoras para uma docência reprodutivista, sem autonomia intelectual e sem reconhecer as diferentes realidades.</p>	<p>dialogamos sobre a mesma, além de escrever um texto crítico sobre a ela.</p> <p>2º No primeiro momento, descrevem que o PRP iria acabar com o Pibid, como as outras críticas também citaram, e não houve isso, não acabou e nem mudou a forma como o Pibid foi implementado. Posteriormente, o PRP, é também uma atividade intelectual e criadora, pois a participação no programa proporciona muitos aprendizados voltados para a formação de professoras, a partir da minha experiência no mesmo, pude constatar.</p> <p>Os estágios têm o objetivo de proporcionar as licenciandas aprender a ser uma professora e era isso também o objetivo do PRP, em que pudéssemos desenvolver atividades voltadas à prática docente atreladas a teoria e prática, sem que fosse de modo desprofissionalizante, mas sim uma experiência e vivência em aprender na prática, conhecendo o ambiente de trabalho, realizando atividades de docência.</p> <p>No nosso grupo de Geografia da UFFS campus Erechim, nenhuma das residentes chegaram em sala de aula e somente passaram o que estava no livro didático, houve planejamento e diálogo com as residentes e professoras, para que pudéssemos propor um ensino de Geografia de qualidade, que despertasse o senso crítico nas estudantes. Através dos resultados explícitos nos artigos elaborados é possível constatar nosso desempenho em querer proporcionar um ensino significativo às estudantes, que demandassem a nossa criatividade e nosso intelecto.</p>
---	---	--	--

3. A GEOGRAFIA E O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

3.1 A FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DE GEOGRAFIA

A Geografia é um ramo do conhecimento científico, que teve a sua sistematização no século XIX, desenvolvendo-se a partir da Sociedade de Geografia e das Universidades, (MOREIRA, 2009, p. 05), assim, surgindo as correntes geográficas que consolidaram várias tendências do conhecimento geográfico. A Geografia tradicional que marcou o início da Ciência Geográfica, acaba sendo ressignificada pela Geografia crítica, voltada para uma renovação da Geografia. A Geografia, veio se consolidando ao longo dos séculos, o seu início foi marcado pelo pensamento Geográfico tradicional baseado no positivismo, em que consistia a pesquisadora observar e descrever o seu objeto de estudo, assim tudo era baseado ao mensurável e palpável, sendo a realidade baseada nos sentidos (Moreira, 2009, p. 07)

O positivismo foi o início do pensamento geográfico, e por mais que hoje já não é uma corrente utilizada pelas geógrafas por conta de que somente a observação não dá conta de analisar por completo o espaço pois são necessários teorias e várias análises mais aprofundadas. Essa corrente da geografia significou muito para evolução do pensamento, pois a observação é feita até hoje por geógrafas, porém com uma análise muito mais aprofundada, embasada e crítica dos fenômenos que acontecem no espaço geográfico, a geografia crítica. A Geografia Crítica hoje no século XXI se torna uma ciência significativa para os seres humanos em que através dela é possível estudar o espaço geográfico de forma crítica, compreendendo por que e como os fenômenos acontecem, sejam naturais ou sociais e a sua relação entre ambos.

Neste sentido, a Ciência Geográfica, busca romper com a naturalização dos acontecimentos, buscando entendê-los e analisá-los de forma crítica, como por exemplo quando acontece um deslizamento de casas em um local que tem um relevo acidentado, é necessário observar e analisar: Como a mídia mostra este deslizamento? Por que ocorreu este deslizamento? Por que essas pessoas moram ali?

A mídia acaba mostrando que o deslizamento é um “desastre natural”, em que a natureza acabou ocasionando isto, em seu processo natural e que as pessoas que moram lá acabam perdendo as suas casas e todos os pertences, além de ocorrer também mortes. O que acontece de fato é que nem todas as pessoas têm as mesmas condições financeiras para morar em locais

seguros, pagando aluguel ou mesmo tendo a sua própria casa, dessa forma acabam morando em locais que ficam vulneráveis, sujeitos a até correr riscos de vida, e assim se faz a seguinte pergunta: por que de fato acontece esses deslizamentos?

Então, por que não ocorre um planejamento para que as pessoas possam morar em locais seguros? Porque o planejamento da cidade não abarca toda a cidade e não somente áreas centrais, ou só onde a condição financeira das moradoras é elevada?

O deslizamento é muito mais do que um “desastre da natureza”, é uma relação entre contextos sociais e da natureza, e que vai muito além do que a mídia mostra, por isso é necessário que não somente a geógrafa tenha este entendimento, mas o ensino da Geografia, possa possibilitar que as estudantes também sejam críticas a fim de buscar os seus direitos como rege a constituição. Neste sentido, a Geografia escolar também tem esse papel, sendo uma disciplina fundamental para a compreensão do mundo, pois é através do ensino da Geografia que a aluna desperta um senso crítico, podendo analisar e observar o espaço geográfico.

De fato através deste exemplo descrito acima, a Geografia irá possibilitar que a individua analise tal acontecimento ou fato com senso crítico, por isso a ciência é tão importante, como uma ciência para a pesquisa e também como uma disciplina em sala de aula. A Geografia acadêmica se difere um pouco da Geografia escolar, ambas necessitam uma da outra quando o curso é licenciatura. Na prática docente não basta somente ter o embasamento necessário da ciência Geográfica e repetir o que foi aprendido na faculdade, para isso é necessário a Geografia escolar, para saber utilizar diferentes métodos, ferramentas, teorias que possibilitem a professora conseguir promover um ensino de Geografia que promova o aprendizado as estudantes. Como descreve Cavalcanti (1998, p.09):

A relação entre uma ciência e a matéria de ensino é complexa, ambas formam uma unidade, mas não são idênticas. A ciência geográfica constitui-se de teorias, conceitos e métodos referentes à problemática de seu objeto de investigação. A matéria de ensino Geografia corresponde ao conjunto de saberes dessa ciência, e de outras que não têm lugar no ensino fundamental e médio como Astronomia, Economia, Geologia, convertidos em conteúdos escolares a partir de uma seleção e de uma organização daqueles conhecimentos e procedimentos tidos como necessários à educação geral.

Diante do que autora descreve as duas formam uma unidade, e a forma como são utilizadas é diferente: uma voltada para a pesquisa mais específica e aprofundada enquanto a outra é para educação e formação de cidadãos críticos na escola. A partir disso busquei elaborar um pequeno quadro que exemplificasse melhor a Geografia acadêmica e Geografia escolar e como a relação entre ambas durante a formação docente é significativa para a educadora.

Diferenças e convergências: Geografia acadêmica-Geografia escolar		
Geografia Acadêmica	Geografia escolar	Estruturação da atuação docente
Conhecimento científico sobre a ciência geográfica.	Conhecimentos científicos sobre o ensino de Geografia.	<p>A base da Geografia acadêmica dará suporte para que a futura professora entre na sala de aula, com base consolidada do que é a Geografia, e com a Geografia escolar durante o processo de formação docente, irá promover aprendizados e saberes necessários para a atuação em sala de aula, um complementando o outro.</p> <p>Com isso, uma formação docente só voltada para a pesquisa ou só voltada para as práticas docentes, acaba sendo fragmentada pois não basta somente saber a ciência, ou saber somente qual a melhor forma de dar aula sem ter o conhecimento necessário da área de formação.</p> <p>É necessário ambas estarem relacionadas durante a formação de uma futura professora, para que possa ter a clareza sobre a ciência, teorias e métodos necessárias para desenvolver o conteúdo às estudantes de forma que as instiguem e promova o ensino e aprendizagem.</p>
Áreas da Geografia	Áreas do ensino (teoria da aprendizagem, didática)	A formação essencial de uma futura professora abarca saberes da ciência e saberes sobre ensino e educação em

(ex: Geografia urbana, Geografia Rural, Geografia econômica, entre outras.	em Geografia entre outras.)	que ambos relacionados possibilitam aprendizados necessários para a formação de uma futura professora de geografia .
Ciência dividida em disciplinas (Universidade)	Áreas relacionadas (ensino de Geografia na prática em sala de aula)	<p>Na Geografia acadêmica, as disciplinas são divididas, o que de fato promove um aprofundamento mais específico sobre cada área da Geografia. Já na Geografia escolar, a prática docente, os conteúdos são relacionados por exemplo, quando trabalhar com relevo, é relacionado com clima, vegetação, apropriação do ser humano nos diferentes relevos.</p> <p>A formação com mais aprofundamento nas áreas da Geografia, dará a futura docente um embasamento necessário para que na prática escolar seja possível relacionar com as diferentes áreas.</p> <p>Além disso, a Geografia escolar também possibilita que a futura discente perceba a diferença do modo que aprendeu o conteúdo durante a sua graduação e como deve ministrar este conteúdo às estudantes.</p>

Org.: Andreia Momoli, 2020.

O ensino de Geografia é muito significativa, pois incita as alunas a conhecer o espaço geográfico onde estão inseridas, questionando-se e deixando de naturalizar o que lhe é imposto, como por exemplo o racismo, em frases como: “isso é coisa de preto” “a coisa tá preta” “humor negro” “limpa igual um preto” “é preguiçoso igual preto”, essas foram consideradas normais,

durante muito tempo, e muitas pessoas falavam e ainda falam no seu cotidiano e a acabam influenciando outras e até crianças a falar como se fosse algo natural.

A questão é que não são normais, que por mais que se tenha um contexto histórico de escravidão de negros, que já era absurdo, este período já acabou há mais de 100 anos e hoje (assim como em qualquer tempo e espaço) todos os seres humanos devem ser tratados e respeitados da mesma forma, independente da sua cor. Nisto a educação e Geografia tem esse objetivo de mostrar as estudantes a serem críticos e racionais, ensinando a respeitar o próximo, entendendo o contexto histórico e porque ainda hoje existe racismo e que essas práticas não devem ser feitas assim como tantas outras.

A Geografia está relacionada com o dia a dia das pessoas, são elas que geram os acontecimentos para a Geografia estudar e analisar, como descreve Kaercher (1999, p.12) a Geografia sempre existiu, e os seres humanos a fazem todos os dias. Como o autor descreve, nossas atividades diariamente são analisadas por esta ciência que busca entender a relação entre a sociedade e a natureza.

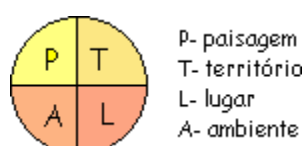
Vida das pessoas	Geografia a partir do cotidiano	Desnaturalização das explicações
Pessoas em situação de rua	Entender os processos socioeconômicos que geram desigualdades de renda.	Os pobres não são naturalmente condenados.
Violência contra a mulher	Entender o processo histórico de porque a mulher vem sofrendo violência, além de questões de gênero e hierarquia.	Não é normal um homem bater em mulher.
Pessoas que moram na favela	Compreender quem são as pessoas que moram na favela e porque estão lá, além de questões de desigualdade social, e de acesso as condições básicas de sobrevivência.	Ir contra o estigma de que quem mora na favela é ladrão, é um lugar violento e que só tem pessoas ruins.

Pessoas que moram no Norte e Nordeste do Brasil	Analisar quais são os incentivos do governo nestas regiões, como o clima afeta a vida da população e como é a economia destas regiões, da produção de alimentos até o turismo que é um ponto da economia bem significativo no Nordeste do país.	Ir contra o estigma de que o nordestino é preguiçoso, e que só o povo do Sul que trabalha e sustenta o resto do país.
Bolsa família no Brasil	A Geografia pode mostrar através de dados, como o Bolsa família possibilitou vários benefícios. Por exemplo quem ganha este recurso deve cuidar da educação das suas filhas, em que estas devem ir na escola regularmente para pode ganhar o benefício, diminuindo então o número de evasão escolar. O bolsa família veio para contribuir e ajudar pessoas que necessitavam deste recurso para ajudar na renda familiar.	Ir contra o estigma de que quem ganha o bolsa família não quer mais trabalhar, são todos um vagabundos.

As crianças também fazem parte deste processo de fazer Geografia e, assim, diante deste contexto a questão que fica é como sintetizar os conteúdos de Geografia em sala de aula para que os mesmos não sejam generalistas com a utilização do senso comum e sem ser uma geografia de decorar conceitos?

Apesar desta perguntar um tanto ultrapassada, infelizmente ainda se faz presente um ensino em que a professora se baseia fundamentalmente nos livros didáticos e em discursos que a mídia expõe (CASTELLAR, VILHENA 2010). Desta forma, o que a autora argumenta é um tanto perigoso para as estudantes que estão em sala de aula e acabam sendo passados de uma forma muito simplista e generalista sem analisar de fato o fenômeno se baseando em argumentos da mídia que são guiados por intencionalidades.

A Geografia é uma disciplina que tem uma grande potencialidade de possibilitar diversos aprendizados sobre o mundo, porém é uma ciência complexa e a abordagem da professora dentro da sala de aula vai implicar o modo como as estudantes aprendem o conteúdo. Dessa forma, a Geografia vai muito além do que passar conteúdos que abordem somente mapas em decorar capitais, ou nomes de rios, relevos e clima, ela é o estudo do espaço Geográfico que é “[...] um todo uno, múltiplo e complexo (SUERTEGARAY, 2001, p.13)” e pode ser estudado de diferentes leituras por meio dos conceitos de paisagem, território, lugar e ambiente, como a Suertegaray, (2001, p.13) desenvolveu o seguinte esquema:



A representação deste disco é que o espaço é dinâmico e este pode ser compreendido através de cada um dos conceitos acima seja paisagem, território, lugar ou ambiente. O girar do círculo significa a dinâmica em um espaço complexo e por fim cada um dos conceitos está contido no outro, em que todas as conexões são realizáveis. (SUERTEGARAY, 2001).

Neste sentido, a autora traz uma abordagem sobre o espaço geográfico que é uma grande possibilidade de utilização em práticas pedagógicas em sala de aula, em que a paisagem, território, lugar e ambiente são conceitos da Geografia que podem ser abordagens de entender o espaço geográfico, seja distintos ou uma relação entre ambos. Nos conteúdos em sala de aula,

uma abordagem mais específica pode fazer com que o conteúdo seja de melhor compressão às estudantes.

O conceito de paisagem pode ser trabalhado com inúmeros conteúdos, seja capitalismo, consumismo, desigualdade social, agronegócio, entre outros. Por exemplo uma abordagem sobre desigualdade social e paisagem, em que a professora promova uma análise de diferentes paisagens que abordem este conteúdo fazendo com que as estudantes no primeiro momento escrevam o que compreendem de cada paisagem mostrada pela professora para posteriormente ocorrer um diálogo sobre o tema e como as estudantes compreenderam cada paisagem. Essa prática instiga as alunas a despertar seu senso crítico em análise sobre o espaço geográfico, as relações sociais e as diferentes apropriações do ser humano, além disso, a discussão serve para compreender também o que cada aluna pensa e entende sobre determinado assunto, sendo um momento de romper com o senso comum das crianças e adolescentes para instigá-los a serem críticos.

Já o conceito de lugar pode ser trazido nas aulas de Geografia, em conteúdos relacionados sobre o humano e questões econômicas, por exemplo o conteúdo de Hidrogeografia. A construção da barragem vai implicar no alagamento da área e no deslocamento das pessoas. Neste sentido, a implantação de uma barragem não busca olhar e entender o que vai ocasionar, as pessoas que viveram e tinham construído a sua vida, tudo acaba sendo destruído em busca da produção de bens. Deste modo o conceito de lugar se aplica neste caso e pode ser discutido dentro da sala de aula, em que as pessoas que foram atingidas pela inundação da barragem tinham construído a sua história ali, tendo um significado aquele espaço onde residiam, que será destruído.

O ambiente é outro conceito que pode ser abordado em conteúdos sobre o agronegócio, já que o ser humano produz várias tensões ambientais, a apropriação de solos e desmatamento de árvores para a produção de gado ou plantação de monoculturas, assim se relacionando o conteúdo diretamente como o conceito de ambiente. Pode ser trabalhado em sala de aula como uma forma que possibilite o entendimento de como o ser humano se apropria dos diferentes solos para gerar lucros e enriquecer a qualquer custo, sem levar em consideração o desmatamento e a degradação do solo.

Para uma abordagem sobre território, o conteúdo de Geopolítica é um conteúdo significativo, em que este deve possibilitar o entendimento de contextos históricos de conflitos e guerras com análises críticas das estratégias dos países e de como isto reflete na atualidade e

impacta na vida do estudante a partir das ações da cidade que a indivíduo reside, assim relacionando a escala global com a local. O seguinte exemplo abaixo é uma forma de abordagem sobre o conceito de território relacionado com o livro o Mundo de Sofia em que pude desenvolver durante a minha participação no Programa Residência Pedagógica:

TEMA: A Guerra Fria e o mundo de Sofia			
OBJETIVOS DO ENCONTRO: Entender como se deu a guerra fria			
CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	OBJETIVOS DA ATIVIDADE
Contexto histórico da Guerra fria.	Será distribuído as alunas um texto base sobre a Guerra fria entre os Estados Unidos e antiga União soviética e a partir do texto deverão elaborar um pequeno teatro ilustrando cada país. O texto se trata de uma reflexão dos Estados Unidos e da União Soviética antes do início da Guerra fria, durante a Guerra fria e atualmente, dando ênfase aos Estados Unidos.	Sessenta minutos	Esclarecer as alunas o que foi a guerra fria e quais eram os interesses a partir da guerra fria.
	A partir do texto e da explicação do que foi a Guerra fria as alunas deverão apresentar um teatro sobre o tema, se baseando no texto, porém poderão pensar em novas possibilidades de atuação. Mas terão que utilizar nas suas falas as seguintes frases retiradas do mundo de Sofia. “Quem é você? Qual a coisa mais importante da vida? Como deveria viver?”	Sessenta minutos	-Contextualizar quais os interesses econômicos que estavam por trás da guerra fria. -Relacionar a guerra fria, com as perguntas filosóficas do livro o mundo de Sofia.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Certo dia por volta de 1945 os Estados Unidos estava pensativo, se perguntando qual era o sentido da sua vida? Quem ele era? O que queria ser? Qual era a coisa que queria fazer e achava muito importante? Assim pensou muito e decidiu que queria ser muito importante, que queria ter outros países ao seu lado, que queria ser um país de destaque, sendo um país que iria influenciar os outros países, mas pensou como eu farei isso? Assim decidiu que no primeiro momento precisava de outros países que estivessem ao seu lado e seguissem os mesmos objetivos para conseguir realizar as suas metas, tendo propriedade privada, tendo capital, tendo várias multinacionais e ser um polo mundial, e ter como objetivo maior ser um país capitalista. Mas os Estados Unidos pensou novamente e decidiu que os países deveriam somente estabelecer relações comerciais em comum com ele, porém não poderiam ser melhor que ele, nunca e nem ter o poder que ele tanto desejava e que ele se sentiria bem vivendo somente com esse poder. Mas então como faria isso? Como iria ter poder? Como iria dominar o mundo? Como deveria viver?

Pensou, pensou e observou os países e um que ganhou destaque na sua observação foi a União soviética. Dessa forma começou pensar em como fazer com que a União Soviética fosse a sua aliada se tinha pensamentos diferentes dos seus, não gostava das mesma coisas e não tinha como objetivo o capitalismo mas sim o Socialismo. A União Soviética vendo que estava sendo observada a todo momento, começou a ficar preocupada, porém nunca iria deixar de seguir a sua meta, ser um país socialista.

Assim como os dois países eram opostos, não tendo os mesmos objetivos, acabaram gerando conflitos ente os dois, assim sendo o que foi designado por “Guerra fria”. Essa guerra, entre os dois países não teve conflito armado, foi somente uma guerra por poder, ideológica, econômica, militar que tinha como objetivo maior ter mais países ao seu lado seguindo o seu modelo econômico, seus pensamentos e tendo relações com ele. Os Estados Unidos acabou sendo mais forte e ganhando a guerra, assim desde aquele dia vem conquistando países para ser seus aliados e ganhando poder cada dia mais. Hoje no século XXI, os Estados Unidos está feliz pois conseguiu conquistar tudo o que mais queria na sua vida, o poder, a fama, o capital e ter vários países em quem ele pode mandar, e impor o seu poder. Assim se perguntarem para os Estados Unidos, “como se deveria viver” ele responderia que o poder e a acumulação de capital é essencial para viver.

Org.: Andreia Momoli, 2019.

Neste sentido, os diversos conteúdos da Geografia podem instigar as estudantes a analisar o espaço e a cidade que vivem de forma diferente do que até então as olham, porém a professora de Geografia é que vai mediar para que ocorra este processo e por isso é necessário que a formação dê conta de ensinamentos necessários para a docência, além também da responsabilidade enquanto professora, no sentido de como está desenvolvendo o conteúdo de Geografia, pois não basta compreender a Geografia e na sala de aula ministrar os conteúdos sem reflexão e dialogo, como descreve Sócrates (1996, p.80) apud Kaercher (1999, p.51): “A grande diferença entre um professor e um verdadeiro filósofo é que o professor pensa que sabe

um monte de coisas e tenta enfiar essas coisas na cabeça de seus alunos Um filósofo, ao contrário tenta ir a fundo das coisas dialogando com seus alunos.”

Assim como Sócrates expõe, ele acaba deixando um grande ensinamento às professoras, em que todas as docentes devem ser filósofas, que instiguem as suas estudantes a pensarem e trazerem fatos aos acontecimentos do seu espaço vivido que são do senso comum, porém, a partir do conhecimento científico, a professora deve relacioná-los e estimularem a analisar a partir do diálogo em sala de aula. Como descreve Kaercher (1999, p.13):

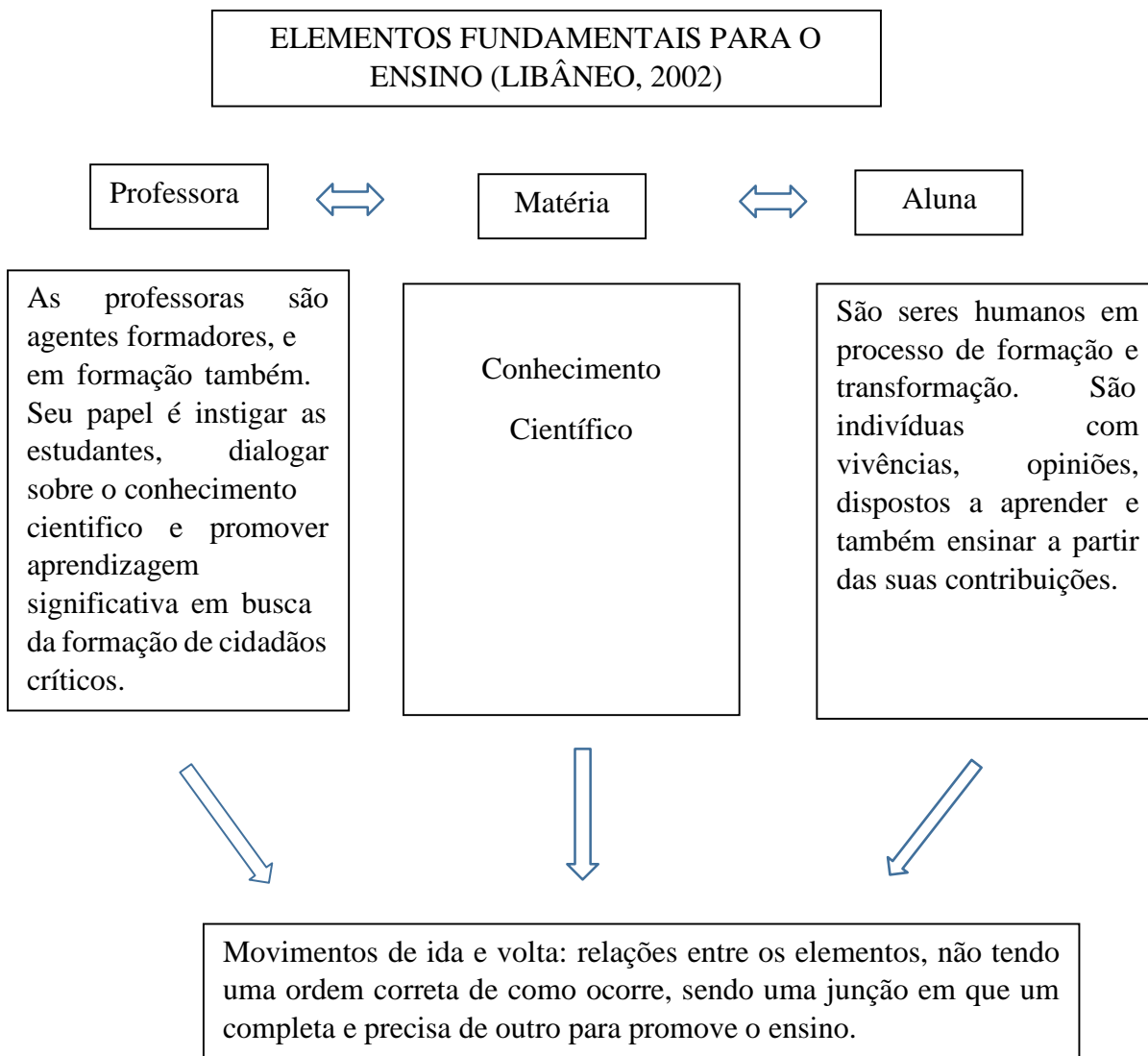
[...] os conceitos não devem anteceder aos conteúdos. Esses devem propiciar que os alunos construam os conceitos. Por exemplo: antes de definir “democracia” ou “relevo” ou “modo de produção” é importante construir no pa-dia as relações cotidianas om os alunos e propiciar-lhes condições para que entendam a importância destas –ou de outras- ideias da geografia.

Como o Kaercher argumenta, a função da professora não é impor os conceitos às estudantes e sim fazê-las construir os seus a partir da utilização do diálogo e metodologias que instiguem as estudantes despertar o senso crítico, sempre pautado no conhecimento científico. Dessa forma, o modo como a professora desenvolverá o conteúdo às estudantes irá determinar como estas irão se apropriar e entender os fenômenos.

A partir disso, na prática docente não é simplesmente passar os conteúdos que estão propostos no livro didático, é necessário planejamento das atividades além de saber como utilizar diferentes metodologias que busquem interação e participação das estudantes, como descreve Libâneo (2002, p. 141)

“De fato, o ensino já sempre três elementos: a matéria, o professor, o aluno. O problema está em que os professores entendem esses elementos de forma linear, mecânica, sem perceber o movimentos de ida e volta entre um e outro. Por causa disso, o ensino vira uma coisa mecânica: o professor passa a matéria, os alunos escutam, repetem e decoram o que foi transmitido, depois resolvem meio maquinalmente os exercícios de classe e as tarefas de casa: aí reproduzem nas provas o que foi transmitido e começa tudo de novo.”

Como o Libâneo descreve, os três elementos fundamentais para desenvolver um ensino de qualidade é preciso ter: a professora, a matéria e a aluna atreladas, sendo uma junção em que uma precisa da outra para acontecer e possibilitar um ensino adequado. A professora que somente passa o conteúdo e desconsidera as vivências e pensamentos das estudantes, acaba desenvolvendo um ensino mecânico como o autor mesmo descreve, em que não ocorre uma aprendizagem significativa somente uma transmissão e reprodução do conteúdo.



Org.: Andreia Momoli, 2020.

Dessa forma, a professora deve buscar interagir e instigar as suas estudantes na busca de que as mesmas sejam participantes e construam as suas concepções a partir do conteúdo, como descreve Freire (2003, p. 47): “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”

Para que o ensino significativo ocorra é necessário que a professora crie estratégias e metodologias que dão conta de despertar nas estudantes a capacidade de começarem a pensar além do que lhe é imposto em sala de aula e na mídia tendo as suas próprias opiniões, iniciando o seu processo de serem cidadãs críticas. Para que isso ocorra também é necessário que a professora e escola comecem a conhecer melhor as suas alunas como descreve Coelho, Pisoni (2012, p. 150) citando Lev Vygotsky (1984):

A escola deve estar atenta ao aluno, valorizar seus conhecimentos prévios, trabalhar a partir deles, estimular as potencialidades dando a possibilidade de este aluno superar suas capacidades e ir além ao seu desenvolvimento e aprendizado. Para que o professor possa fazer um bom trabalho ele precisa conhecer seu aluno, suas descobertas, hipóteses, crenças, opiniões desenvolvendo diálogo criando situações onde o aluno possa expor aquilo que sabe.

A partir do que as autoras descrevem, é preciso conhecer as alunas, assim proporcionando uma aprendizagem significativa, na qual é importante trazer conteúdos e instigá-las para o que acontece em vida partindo do real e correlacionando com exemplos próximos até o conhecimento científico. No ensino da Geografia, há uma grande potencialidade em relacionar o espaço vivido das estudantes com os conteúdos, em que a docente de Geografia tem um grande compromisso em pensar em atividades que possibilitem condições às estudantes a “aprender a pensar e reconhecer o espaço vivido” (CALLAI, p. 245, 2005).

Dessa forma, a Geografia tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio, é uma disciplina essencial, pois além de relacionar com o conhecimento científico o dia a dia das estudantes, tem o objetivo de despertar e instigar nas alunas a compreender de forma crítica o espaço onde estão inseridas, porém ao mesmo tempo que a Geografia promove inúmeros ensinamentos às estudantes, ela pode também ser uma disciplina voltada para decorar nomes de cidades e capitais ou para generalizar os fatos, por isso uma boa formação voltada para ensinar uma futura professora sobre o que é a ciência geográfica e como a mesma deve ser aplicada.

De certa forma, os cursos de formação já tem esses dois elementos que é estudar as diferentes áreas da ciência geográfica e também as práticas curriculares, sendo, a teoria e prática. Apesar disso a disciplina em si não irá formar a licencianda como uma professora capacitada, irá depender de outros fatores, como a dedicação com a sua formação, o empenho das professoras, o diálogo em sala de aula, as leituras e o mais importante é se (des)construir, pois a professora precisa estar aberta a novos aprendizados e também a aprender diante das falhas.

A formação é um momento essencial para uma professora de Geografia, tanto para entender o que é a ciência Geográfica, como é o processo de ensino e aprendizagem e as experiências de prática docente, em que é a partir das experiências durante o curso que a licencianda inicia o seu processo de identidade docente estando sempre em constante aprendizado, aprender como Paim e Pereira descrevem, “tu se faz professor todos os dias” (2016). Diante disso, no próximo subcapítulo busca-se expor como foi a experiência de cada

licencianda que teve a oportunidade de participar do Núcleo da Geografia do Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal Da Fronteira Sul, campus Erechim.

3.2 O RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA

O Residência pedagógica, foi iniciado em 2018 e a UFFS campus Erechim no curso de Geografia, foi uma das Universidades que optaram em implantar o programa, em meio a tantas críticas, opiniões e manifestações que tinham se dado diante do novo programa. O andamento do programa em 2018/2019/2020 foi se dando e sendo construído a partir das discentes e docentes do curso de Geografia: Andréia Carla Momoli, Everton Hernani dos Santos, Juliano José Piccoli,. Luisa Renata Tacca , Lucas Ponte Mesquita, Wander Marques, Sancler Eduardo Zanotelli, Ygor Quintanilha da C. Pereira. Por meio da minha oportunidade, experiência e construção profissional e pessoal, busco agora expor e analisar a percepção das minhas colegas a partir da experiência no programa, investigando se/como o Programa Residência Pedagógica pôde contribuir para o processo de formação docente das estudantes de Geografia da UFFS, campus Erechim.

Para a realização da pesquisa, foi elaborado um questionário com doze perguntas e enviadas por e-mail de cada discente para responder, já que não foi possível a realização da entrevista presencial por conta da pandemia, optou-se por essa alternativa. O questionário foi o seguinte:

Nome da residente : Idade: Cidade de origem:	
Pergunta:	Objetivo da pergunta:
1-Quando o PRP surgiu, quais foram as suas primeiras interpretações a respeito do programa?	Entender como as residentes viam o programa antes de implementado, diante de das críticas que vinha tendo e por se tratar de um novo programa.
2- Quais foram as motivações em participar do Programa Residência Pedagógica?	Identificar o porquê a aluna decidiu participar do programa.
3- Você já cursou alguma CCR de estágio antes ou durante a sua atuação no Residência Pedagógica? Sim: Quais as diferenças que você encontrou entre as práticas da CCR e as práticas no âmbito do Programa Residência Pedagógica e como elas interferiram no seu processo formativo?	Investigar se as residentes que já cursaram a disciplina de estágios conseguem identificar as aproximações e as diferenças das duas possibilidades de experiência da formação.

Não: você sentiu vontade de cursar estágio durante ou depois do PRP? Por que	
4- Como o vínculo construído com a escola durante o Programa Residência Pedagógica interferiu no teu processo de formação docente?	Analisar o que as residentes relatam sobre uma maior aproximação com a escola, durante um período de 18 meses.
5-Como você avalia a sua regência durante o Programa Residência Pedagógica? Boa, regular ou ruim? Quais os pontos positivos e negativos e o que você aprendeu com eles?	Compreender se o Programa Residência Pedagógica contribuiu para o desempenho docente.
6- O Programa Residência Pedagógica contribuiu para adquirir conhecimentos específicos da ciência Geográfica? Como? Cite um exemplo?	Identificar se através da experiência no programa Residência Pedagógica foi possível aprimorar os conhecimentos da Geografia.
7- Como você avalia o embasamento teórico do Programa Residência Pedagógica?	Averiguar como foi o embasamento teórico do Programa Residência Pedagógica.
8- O Programa Residência Pedagógica possibilita estabelecer uma relação entre escola e universidade? De que forma?	Examinar se através do Programa Residência Pedagógica foi possível estabelecer uma relação entre a escola e universidade.
9- A partir da experiência no programa, para você houve uma relação entre a teoria e prática?	Analisar como as residentes identificam a relação entre teoria e prática no PRP.
10- No PRP, você conseguiu aprender mais sobre os saberes necessário para a docência?	Identificar como o PRP contribuiu para a sua formação enquanto futura professora.
11- A partir da sua experiência, o programa é relevante e contribui para a formação de professoras?	Identificar como cada residente avalia o programa.
12- Qual foi a prática pedagógica que você desenvolveu que você percebeu o seu crescimento e dos seus estudantes? Aquela que mais te marcou durante a experiência?	Identificar um momento significativo na formação inicial, durante a experiência no programa.

Org.: Andreia Momoli, 2020.

Feita essa pequena descrição de como se deu a realização do questionário, seguimos para os resultados e analise acerca de cada pergunta.

1-Quando o PRP surgiu, quais foram as suas primeiras interpretações a respeito do programa?	
Respostas das residentes	Análises
Um programa no qual aproximaria ainda mais da atividade docente. (R1)	A resposta é bem direta e se relaciona com o que o residência viria a ser, uma atividade relacionada com a prática docente, com atividades de formação docente.

<p>Uma oportunidade de substituir o estágio por um programa mais atraente e inclusivo. Uma oportunidade de receber um auxílio. (R2)</p>	<p>A residente destaca o PRP como uma oportunidade em poder substituir o estágio por um programa que oferece o auxílio financeiro, e por ser um programa que o torna mais interessante.</p> <p>Um programa de formação de professoras possibilita novas experiências, aprendizados e conhecimentos a todo o contexto acadêmico, desde a escola até a Universidade, por conta disso se faz tão importante a criação de novos programas, como foi o caso do PRP, uma nova possibilidade de se produzir saberes.</p>
<p>No primeiro momento, não o vi como um estágio e sim como um programa que fosse semelhante ao Pibid. (R3)</p>	<p>A resposta se aproxima com o conhecimento e experiência que a residente tinha até então do Pibid, já que PRP ainda era novo e não se sabia como iria ser o andamento do mesmo. Apesar disso, o Pibid se distingue do PRP, são atividades e formações diferentes.</p> <p>O PIBID e o PRP são dois programas que tem por objetivo fortalecer a construção de uma professora ao longo da formação acadêmica e a experiência em ambos é muito significativa para a formação.</p>
<p>As primeiras expectativas em torno do PRP, e também as próprias vinculações do Projeto ao movimento histórico tão específico, do pós impeachment da Presidente Dilma, e a gestão de um governo não eleito interinamente não configuraram uma visão tão positiva ao Programa. Na época, as visões e projetos</p>	<p>A resposta já se assemelha com o capítulo dois em que foi discutido a questão das críticas que foram feitas ao PRP, e do momento político atual, esperando então ser apenas uma formação continuada de professores. Nesta resposta, também é possível identificar o anseio da discente em relação à formação de professoras e</p>

<p>de Governo que se construíram, como a PEC do Teto dos 20 anos, e o corte essencial de gastos pela esfera pública embaçavam o que se poderia esperar de um Programa de Formação Continuada de Professores no Brasil. (R4)</p>	<p>sua futura profissão, em que descreve um pequeno histórico de como vem se dando a questão política atrelada à educação.</p>
<p>No primeiro momento, foi mais no sentido literal da palavra Residência Pedagógica em residir na escola, viver e morar na escola. (R5)</p>	<p>A resposta se relaciona muito no que foi a construção do PRP de Geografia, a escola sendo uma casa, um local de aconchego e vivência.</p> <p>A partir da sua experiência no programa, identifica-se que trouxe na resposta, o que a residência representou para a sua formação docente, em poder de fato ter estabelecido uma aproximação com a escola, sendo parte da rotina durante 18 meses.</p>
<p>Quando soube do programa, já fora informado que o mesmo se tratava de docência na prática. (R7)</p>	<p>A resposta buscou responder o que lhe foi informado a respeito do programa, voltada para atividades pedagógicas.</p> <p>Apesar da resposta, a discente buscou ser uma bolsista, tendo então o desejo de poder estar dentro da sala de aula e assim participar do programa.</p>

As respostas de cada residente foram bem distintas, com diferentes visões diante do PRP, apesar das discentes já terem concepções e visões do que é o residência, algumas respostas explicitaram que a sua construção ao longo do programa fez enxergar o residência de tal forma “[...] em residir na escola, viver e morar na escola” (R5). Nesta resposta, fica evidente o que foi a construção do PRP de Geografia da UFFS, campus Erechim na Escola Estadual Haideé Tedesco Reali, em que residimos na escola e fizemos parte dela ao longo do andamento do programa, sendo o nosso lugar, como SOUZA e tal (2019):

Na Escola, a Residência Pedagógica se tornou a casa do curso de Geografia e, na Universidade Federal, a Geografia se tornou a casa do Programa de Residência Pedagógica. Uma união na maior integralidade do seu significado. Todos nós compreendemos que todas essas casas só têm razão de ser enquanto funcionarem conjuntamente.

A implantação do programa, o acolhimento da escola, cada residente, professores e alunas foram fundamentais para que se desse a construção do nosso programa de tal forma. A criação de programas voltados para formação de professores são fundamentais, e sempre trazem novas construções e aprendizados, para todas que tem a oportunidade de participar.

Nesta primeira pergunta, foi possível também analisar que algumas das respostas destacam que o PRP é um programa de “docência na prática” (R7) “prática docente” (R1), essas respostas se relacionam com o PRP, que oportuniza atividades docentes, em poder estar inserida no contexto escolar, vivenciando a escola, preparando, estudando e aplicando aulas, participando e observando das inúmeras atividades docentes e de como se dá o andamento da escola.

Nesta primeira pergunta, notou-se em algumas respostas incertezas, por mais que já tenham participado do programa, ainda as residentes não tinham uma definição do que de fato era, por ser novo, mas apesar disso todas as 8 residentes tiveram a vontade e determinação de participar do programa, o que só por conta disso o torna relevante, por conta da construção do que foi e pela importância da criação de novos programas. A criação e delimitação de um programa por um órgão federal é fundamental, mas a implantação e participação de discentes e docentes é o que o de fato torna o programa efetivo, e é em cada núcleo que terá a construção.



Por meio das respostas das entrevistadas, extraímos esta nuvem de palavras que serve para reforçarmos as principais ideias em torno da análise do conjunto de respostas. Para a primeira pergunta, tiveram destaques os termos: programa, primeiro, estágio, escola, oportunidade. O que está de acordo com as próprias expectativas das residentes em relação a algo novo, mas, já visto como um primeiro momento ou oportunidade de estagiar e vivenciar a escola.

2- Quais foram as motivações em participar do Programa residência Pedagógica?	
Respostas das residentes	Análises
-A necessidade pela bolsa e necessidade de crescimento como acadêmico e profissional docente. (R1)	A residente destaca a questão da bolsa como um auxílio necessário durante a sua formação, além de aliar com a questão do crescimento enquanto futura docente.
Um programa abrangente que nos proporciona contato com a comunidade acadêmica. Auxílio monetário. (R2)	Nesta resposta a discente destaca um programa com inúmeras atividades diferentes e novas experiências acadêmicas, ressignificando a formação na UFFS.
- Primeiramente é que não tinha nenhuma experiência ainda em sala de aula, para aprender e ter novos conhecimentos em estar em uma escola, e também pela bolsa pois naquele período estava desempregada. (R3)	A busca por poder vivenciar o contexto escolar através do programa e realizar atividades voltadas para a prática docente no seu processo de formação, se desafiando e buscando novos aprendizados. A bolsa também foi outro ponto destacado pela discente em que influenciou a participar do programa, como as respostas anteriores como um auxílio necessário para a sua permanência na Universidade.

<p>-Considerando todos os processos históricos vividos haviam incertezas sobre a participação do Programa, entretanto, na condição de estudante de ensino superior com vulnerabilidade socioeconômica não me permitia o luxo de escolher entre ter ou não ter a bolsa de um programa vinculado a sua instituição Federal. De fato, naquela nebulosidade inicial, a bolsa fora sim a principal motivação, entretanto, inicialmente ao se efetivar a participação do Programa, dezenas de outras motivações foram surgindo. (R4)</p>	<p>A discente deixa bem explícito que a bolsa foi a principal finalidade de participar do programa, para a sua estabilidade financeira em continuar a sua formação, com um auxílio inicialmente, e posteriormente foram vindo outros interesses a partir da experiência no programa. Deste modo a estudante de licenciatura acaba enfrentado várias dificuldades em sua formação, por questões financeiras, conforme esta explícita na falas das residentes, por conta disso se faz necessário a implementação de programas como este, para que a discente consiga se sustentar e cursar.</p>
<p>- Por conta da flexibilidade de horário, em poder trabalhar individualmente e pela bolsa.(R5)</p>	<p>A resposta da discente, destaca a questão de horários em que de acordo com o termo de compromisso do Residente (2018) é: “III. Cumprir a carga horária mínima de 440 horas de residência;”</p> <p>É a cláusula de deveres do Residente, destinada a ser necessário cumprir 440 horas, porém cabe à discente a organização, juntamente com escola em como realizar as atividades, desde que sejam cumpridas as 440 horas.</p> <p>A aplicação de aulas individuais também é outro ponto destacado em poder ministrar aulas em sala como uma professora regente, além da bolsa como outra motivação.</p>

<p>-O fato de poder atuar como docente enquanto estava em formação.(R6)</p>	<p>A discente salienta a participação no programa para poder realizar atividades voltadas para a prática docente, durante o seu processo de formação, tendo a experiência e novos aprendizados, com a proximidade da escola, seu futuro ambiente de trabalho. Porém, é preciso salientar que estagiar na Residência ainda não é trabalhar como docente. Isso se dá a partir do momento da diplomação e entrada na escola para cumprir a função profissional de fato. O PRP não precariza o trabalho da docente responsável pelas turmas e, tampouco, dos estagiários. Ao menos em nosso núcleo isso foi possível perceber e experienciar.</p>
<p>-Dar continuidade a iniciação à docência a partir dos estudos realizados no PIBID, possibilidade de viver uma etapa de estágio mais imersa, participar de debates, fóruns, discussões em grupo sobre a formação docente na educação básica e entender as dificuldades atuais dos profissionais em educação. (R7)</p>	<p>A discente expõe que a partir da sua experiência no Pibid, dar continuidade a sua formação docente participando de outro programa de formação, a fim de realizar várias atividades e estar vivendo o dia a dia da escola, entendendo as dificuldades enfrentadas pelas professoras.</p> <p>A importância em participar do programa e poder observar e experimentar o que é uma escola como funciona a gestão e organização é algo fundamental para a formação de qualquer docente em poder conhecer, analisar o contexto escolar. Um ponto positivo das experiências no âmbito do nosso núcleo.</p>

Neste quadro de respostas, é possível identificar que cinco de sete residentes destacam a questão do auxílio como um ponto que as influenciou a participar do programa, como um benefício necessário para a sua permanência na Universidade, já que todas que destacam a bolsa remunerada não são de Erechim, vieram de outras cidades para poder cursar Geografia. Por conta disso, se evidencia o quando um programa de formação tem relevância, tanto por questões de bolsas como também pela experiência que oportuniza, conforme foi descrito pela R3 “Primeiramente é que não tinha nenhuma experiência ainda em sala de sala, para aprender e ter novos conhecimentos em estar em uma escola [...], em participar do mesmo para sua construção como futura docente.

As atividades do PRP, desde o desenvolvimento do plano de atividades, da aplicação dos conteúdos, dos diálogos na Universidade e na escola das conversas com as diferentes professoras da escola, tudo isso faz parte de inúmeras reflexões, de aprendizados, de novos conhecimentos que foram sendo construídos ao longo do programa e que são importantes para a formação como futura docente, como descreve Passini (2013, 29) “é o estágio tanto de observação e participação, como de regência, que possibilita ao aluno a vivência das relações no cotidiano escolar, adquirindo informações e habilidades para formar um novo profissional.” Assim, com a convivência do dia a dia escolar, com a experiência em sala de aula, a residente vai se aperfeiçoando como futura professora, e é o que também foi destacado por algumas residentes neste segundo quadro, em poder vivenciar a escola, em ter essa experiência e foi através do programa que buscaram aperfeiçoar a sua formação docente.



Por meio desta nuvem de palavras, analisamos o conjunto das respostas à segunda pergunta e percebemos os destaques aos termos: bolsa, docente, pela, necessidade, ter, poder, participação. O que permite evidenciar o quão importante foi o elemento financeiro como um incentivo às estudantes de licenciatura no processo da sua formação.

<p>3- Você já cursou alguma CCR de estágio antes ou durante a sua atuação no Residência Pedagógica? Sim: Quais as diferenças que você encontrou entre as práticas da CCR e as práticas no âmbito do Programa Residência Pedagógica e como elas interferiram no seu processo formativo?</p> <p>Não: você sentiu vontade de cursar estágio durante ou depois do PRP? Por que?</p>	
Respostas das residentes	Análises
<p>Sim, acredito que a residência seja muito mais completo no que tange à formação docente, atividades mais focadas na educação e ciência geográfica. Atividades docentes mais intensas e grande proximidade com a escola que é mais limitada no estágio. (R1)</p>	<p>A discente destaca que o programa se destaca, com uma formação mais aprofundada e com mais contato com a escola em que é possível permanecer no programa 18 meses na mesma escola, diferentemente do estágio que são disciplinas distintas com tempos com cargas horárias delimitadas de regência.</p> <p>A formação mais voltada à ciência geográfica se relaciona às atividades que foram sendo desenvolvidas pelas discentes, discussão de textos, análises de planos de aulas, preparação de aulas e aplicações.</p>
<p>Não. O PRP é um programa ótimo e bem conduzido. (R2)</p>	<p>A resposta deixa explícito que o programa foi suficiente para a sua formação e por conta disso não cursou as disciplinas de estágio.</p>
<p>Sim, cursei o Estágio Curricular Supervisionado: Prática de Ensino em</p>	<p>A explicação da discente compara que a sua experiência em cursar a disciplina de</p>

<p>Geografia I, e pude constatar que o estágio não compensa o que o PRP possibilita. (R3)</p>	<p>estágio não promove o que o PRP a oportunizou e por conta disso não cursou as outras disciplinas, somente se dedicou ao PRP já que o mesmo abrange aprendizados de formação docente.</p>
<p>Sim e Não. Anteriormente ao Programa Residência Pedagógica em cursei as disciplinas de Estágio Obrigatório 1 e 2, referente as etapas de docência no Ensino Fundamental. No início do Programa Residência Pedagógica, estava matriculado na disciplina na Estágio 3, que com as certezas que o programa vinculava de validação, optei pela ação apenas no Programa, não realizando a finalização da disciplina de Estágio 3, nem de Estágio 4, referente as etapas de docência no Ensino Médio.</p> <p>Em termos teóricos, conceituais e de presença bibliográfica, pouca diferença existe entre as disciplinas de Estágio e do PRP. A principal diferença entre a práxis da CCR de Estágio e do PRP, para mim, é o vínculo que se desperta com a instituição de Educação Básica. Isto é, o fator preponderante é a presença que se realiza, e a quantidade de horas que você desenvolve no colégio de educação básica. O fato das reuniões semanais serem no Colégio da Educação Básica, com a presença da professora preceptora; e a vivência individual e estimulada de observação, relato e reflexão em horas</p>	<p>A discente que cursou o estágio 1 e 2 e posteriormente com o andamento do programa escolheu por não fazer o estágio 3 e 4, pois já tinha mais certeza de como iria ser o andamento do programa e a validação do mesmo.</p> <p>A argumentação da discente destaca que o estágio e PRP não se diferenciam tanto, somente o fato de criar um vínculo com a mesma escola básica durante 18 meses é o diferencial, já que se estabelece uma melhor relação e aproximação com a escola criando um vínculo, sendo um ambiente rotineiro para a discente.</p> <p>Ainda na resposta, mais dois pontos são descritos sobre a diferença entre o PRP e Estágio, as reuniões que foram desenvolvidas semanalmente, com a possibilidade de diálogo entre as residentes e professoras, além de momentos de reflexão, debates de textos e de conversas abertas sobre como estava o andamento das aplicações de aulas, e construções de novas formas de aplicar e produzir conhecimentos.</p> <p>As reuniões semanais foram mais do que somente “reuniões”, foi um espaço de diálogo, com exposição de anseios e</p>

<p>suplementares no Residência (bem maiores do que a prevista na carga horária da CCR) são os dois principais ganhos na comparação entre Estágio e PRP. (R4)</p>	<p>também de alegrias, em atividades desenvolvidas com as estudantes da escola.</p> <p>A discente ainda descreve sobre a experiência individual que o programa possibilita em poder estar dentro da mesma escola com uma carga horária maior que o estágio.</p>
<p>Não cursei nenhuma. Não senti, pois as demandas que surgiam na escola eram sanadas durante as reuniões semanais. (R5)</p>	<p>Para a discente o PRP foi o necessário para a sua formação e não cursou disciplinas de estágio. Como foi destacado na resposta do R4, as reuniões semanais foram de extrema importância para a formação, sendo um espaço aberto de diálogos e desconstruções e reconstruções.</p>
<p>Já tinha cursado os estágios antes de começar a atuar na residência, foi um momento de intensa formação enquanto docente. Acredito que foi fundamental os estágios para o aprimoramento e desenvolvimento das práticas docentes. (R6)</p>	<p>A discente destaca que o estágio foi fundamental para a sua formação docente, além da experiência no programa.</p>
<p>Sim. As diferenças que encontrei estão relacionadas a um laço entre teoria e prática mais sintonizado e já consolidado. O PRP está no início e seus referenciais teóricos foram inseridos há pouco tempo, apesar de seus objetivos serem de aperfeiçoar a etapa de estágio, de início, os estágios podem e devem dar um suporte teórico ao PRP. (R7)</p>	<p>Na resposta, é possível evidenciar que a discente argumenta que o Estágios devem estar aliados aos PRP.</p> <p>No PRP, foi a sua primeira implantação então tudo foi construído pela primeira vez, porém foi pesquisado e debatido textos que são as bases conceituais das disciplinas de estágio da UFFS- campus Erechim.</p>

Assim, buscou-se identificar se as residentes sentiram a necessidade de cursar os estágios além do programa, como o objetivo de avaliar o programa, e não em comparar qual dos dois, o PRP ou o estágio, é superior ou inferior, são formações distintas com potencialidades e desafios em ambas. Nosso objetivo é mostrar como foi a formação diante do programa, por mais que algumas respostas vieram com comparações entre ambos.

Das 7 residentes, 2 não cursaram as disciplinas de estágio, somente foram bolsistas e destacaram que o programa contribuiu para a sua formação docente, dentre as demais algumas cursaram e constataram que a formação de ambos é essencial. A partir dessas respostas, saliento que quanto mais as atividades, disciplinas e programas que discentes tem a oportunidade de participar, tudo será agregado para a formação e a UFFS possibilita inúmeros programas, como está descrito do site da UFFS (UFFS, 2021)

Há também muitos projetos em andamento no campo das pesquisas científicas e na área de extensão, os quais formam, com o ensino, os três pilares que alicerçam as atividades desenvolvidas pela UFFS. Isso é refletido no alto padrão de formação dos acadêmicos e certificado pelas recentes avaliações realizadas pelo Ministério da Educação nos cursos da Universidade. Se por um lado os alunos contam com um ensino regular de qualidade, por outro viés podem explorar diferentes habilidades por meio de pesquisas científicas em diversas áreas do conhecimento e ainda fortalecer a economia e o desenvolvimento da região onde estão inseridos, através de projetos que buscam a integração, interação e inclusão entre os estados, cidades e a universidade.

A partir disso, a UFFS uma universidade pública e de qualidade, possibilita inúmeras atividades e cabe às estudantes irem atrás e fazer a sua própria formação com qualidade e conhecimento se construindo e descobrindo ao longo da sua formação. Por conta disso, não cabe aqui ficar discutindo o que é o estágio ou PRP, ambos são significativos para formação docente e cada um vai possibilitar distintas práticas mas conhecimentos similares, mas cabe a discente utilizá-los da melhor forma possível que cada um vai mostrar ser satisfatório a sua formação, ou ambos serão.



Nesta nuvem de palavras os termos em destaque são PRP e Estágio, muito de acordo com as respostas pelo fato de que as ideias ficaram numa comparação entre ambos. No entanto, vale destacar que as palavras que circundam os termos mais destacados nos levam a pensar na relevância de ambos no processo de formação docente: presença, atividades, ensino, docência.

4- Como o vínculo construído com a escola durante o Programa Residência Pedagógica interferiu no teu processo de formação docente?	
Resposta dos residentes	Análises
O vínculo foi muito importante, me sentia como um professor em atuação formal, relações muito boas com os professores e com os alunos. Foi um momento de extrema importância no qual todos deveriam passar. (R1)	A residente argumenta que foi positivo, em que a experiência deveria ser oportunizada a todas discentes de licenciatura. Na resposta evidencia que era como ser uma professora regente, por conta das atividades que eram desenvolvidas durante 18 meses, possibilitando estabelecer uma maior proximidade a partir do convívio diário.

<p>A vivência como um pesquisador e professor dentro da construção de um vínculo me formou com um sentimento que extrapola um ser humano estagiário. (R2)</p>	<p>Nesta resposta, a discente destaca que as experiências vividas vão muito além de ser uma bolsista, a sua construção enquanto futura professora e pesquisadora que se deu durante o programa.</p>
<p>Sim, interferiu de maneira muito positiva, pois durante o programa se cria um vínculo muito grande com a escola e toda a conjuntura da escola. (R3)</p>	<p>A discente destaca que interferiu positivamente, por conta da permanência do programa na escola, se estabelece relações entre a escola e as residentes.</p>
<p>Continuamente a pergunta anterior, de fato, se estabelece um vínculo muito maior ao espaço escola que você atua no PRP, com aproximação entre os outros funcionários (visto a carga horária maior), com outros professores (no estímulo a ação interdisciplinar), com a observação de outros processos formativos da rotina da escola são pontos chaves neste desenvolvimento da sua segurança docente. É, ao imergir e estar presente cotidianamente na Escola, que te faz consolidar aprendizados que são bem maiores que as próprias relações dentro da sala de aula, e te prepara mais significativamente para o mundo que é a Educação Básica.(R4)</p>	<p>A discente descreveu sobre seu ponto de vista de como se deu o vínculo entre a escola e o programa. Argumenta que estar vivenciando a escola, observando e desenvolvendo atividades na prática, essas possibilitam um aprendizado essencial para a sua carreira profissional como futura professora. Vale destacar que a imersão e a interação com outros funcionários permitem internalizar dinâmicas da escola para além da sala de aula, o que oferece uma experimentação do ambiente de trabalho e seus desafios do ponto de vista das relações sociais, em amplo sentido, dentro dele.</p>
<p>Sim, o PRP contribuiu para a construção da minha identidade docente. (R5)</p>	<p>A residente descreve sobre a contribuição do vínculo para a construção da sua identidade docente a partir dos saberes que foi adquirido durante o programa. O que pode estar relacionado com esta ambientação mais contínua dentro da</p>

	<p>escola. O desafio de viver o cotidiano escolar é que pode ter contribuído com este sentimento de laço identitário.</p>
<p>O vínculo com a escola fora de suma importância para o desenvolvimento das atividades, onde fomos abraçados pelos professores do colégio sendo tratados como iguais, inclusive desenvolvendo atividades e colaborando com os demais colegas. (R6)</p>	<p>A resposta se deu voltada ao modo como a escola recepcionou o PRP, de portas abertas, dispostos a construir um vínculo com a Universidade e estudantes a fim de produzir novos conhecimentos e saberes. Interessa desatacar que, mais uma vez, aparece uma referência às docentes da escola e não apenas à preceptora. O que permite à residente estabelecer diálogos para conhecer práticas, desafios, conhecimentos profissionais com todo o grupo de professoras.</p>
<p>A escola recebeu os bolsistas como uma possibilidade de ver as políticas de formação docente serem prolongadas tendo em vista a falta de professores/as na rede estadual. O vínculo com a escola me permitiu ampliar as bases teóricas para a cada aula melhorar, por conta dos estudantes permitirem o avanço de novas metodologias de educação em Geografia. A escola deu aberturas para o pensamento interdisciplinar a aproveitar os outros espaços da escola, como os laboratórios e ginásios e ver a educação como algo a ser construído na escola como um todo. (R7)</p>	<p>A argumentação da discente esclarece que a escola estava aberta para receber o programa, como a resposta anterior. A pesquisa e aplicação de aulas, foi algo destacado que contribuiu, além de descrever sobre os espaços que estão disponíveis para conhecer e desenvolver atividades. Um elemento interessante na fala da discente é o fato de que um dos elementos que podem estar relacionados com a boa receptividade na escola venha da falta de docentes. O PRP, assim, deveria suprir esta falta ou precisamos de investimentos em salários e contratação de professoras e concursos públicos?</p>

A partir desta pergunta, nota-se que o vínculo construído com a escola durante o Programa Residência Pedagógica interferiu no processo de formação das estudantes, como foi possível analisar a partir das respostas com diferentes exemplos da experiência no programa. A vivência na escola, em estar inserida no contexto escolar, observando, analisando e se construindo a cada dia a partir da prática e experimentação, como R4 descreveu na sua resposta “É, ao imergir e estar presente cotidianamente na Escola, que te faz consolidar aprendizados que são bem maiores que as próprias relações dentro da sala de aula, e te prepara mais significativamente para o mundo que é a Educação Básica.

O programa possibilitou aprendizados que somente foram vivenciados pelas residentes e a experiência possibilitou às estudantes estarem no seu ambiente profissional, ainda da sua formação, em que Siqueira expõe (2018, p. 97) “Toda prática profissional se concretiza num determinado lugar: o médico, no hospital; o pedreiro, num canteiro de obras; o jornalista, na redação do jornal e o professor, claro, na escola.”

A imersão na escola durante a formação é fundamental para a construção da identidade docente (R3). O conhecimento, em poder se acostumar e se sentir inserido e confortável no ambiente escolar, foi possível de acontecer na escola Haideé Tedesco Reali, conforme residentes argumentaram na suas respostas, a forma como foi recebido o programa, com acolhimento, receptividade, abertos à UFFS, acolhendo e unindo o programa à escola, proporcionou que as residentes pudessem ser participantes, contribuindo para o seu crescimento , e isso foi essencial para a construção de um ótimo vínculo de união e progresso no decorrer dos trabalhos.

Minha regência foi boa, pois tive muitos aprendizados ao longo do programa. O que o PRP me fez enxergar é que preciso estar muito bem preparada, com um bom embasamento teórico para entrar em sala de aula e desenvolver os conteúdos com os estudantes, além de ter mais conteúdos preparados, além daquele previsto para o dia. (R3)

- Boa. Os pontos positivos principais creio que decorre das interações que o residente realiza com os outros residentes, seja no âmbito no subprojeto, seja no âmbito da dupla ou do trio em que se planejava conjuntamente as aulas. Essas relações mais próximas de ação conjunta na sala de aula permite o ponto, o contraponto, o igual, e o diferente entre o desenvolvimento da formação docente. É, observando outros residentes, reunindo em conjunto, elaborando planos de aula por vezes juntos, que se desenvolve uma das maiores positivities da regência no PRP. Os pontos negativos talvez sejam a presença apenas de uma preceptora na Escola de Educação Básica, visto que, o residente acaba interagindo menos com a diversidade de abordagens teórico-metodológicas na ação docente na educação básica. A presença de apenas uma preceptora também limitava as turmas em que se ia atuar, direcionando muito especificamente em apenas ações conjuntas dos residentes, não abrindo tanto espaço a individualidade e a formação integral individual, caso este queira. (R4)

Sim, foi bem significativo por poder entrar em sala de aula individualmente, foi um desafio em poder desenvolver os conteúdos e ser o professor regente da turma. Dessa forma foram bem satisfatórias, especialmente o ensino fundamental 2 em que no último dia de aula fui recebido com uma festa surpresa e assim vi que estava no caminho certo, pois consegui estabelecer um vínculo com os estudantes. (R5)

Em uma auto avaliação, pontuaria que as regências foram boas, de forma mais precisa diria que oportunizaram a vivência cotidiana que só é possível com a experiência do dia a dia este com toda a certeza fora o ponto mais positivo, o ponto negativo fora a realidade escolar especificamente no que se trata de estrutura, onde se vê uma desestruturação não por conta de falta de empenho dos administradores do colégio mas sim por parte do governo. (R6)

Regular. Os meus maiores problemas estavam em definir os objetivos das aulas e a executar os planos de aula da melhor forma e de que modo devo construir minhas bases teóricas para transferir o conhecimento científico na escola sem deixar de ser didático sempre. Os pontos positivos ficam para o tempo de planejamento das aulas, a atenção da turma ao conteúdo e a aceitação dos erros da escola, em participar de um programa que permitirá uma maior aproximação da universidade com a comunidade escolar. Os pontos negativos estão no baixo aproveitamento das discussões elaboradas em sala de aula para transformar isto em futuros projetos de pesquisas para a solução de questões do conhecimento geográfico escolar. (R7)

Nessas respostas das residentes não é possível analisar individualmente, por se tratar de uma pergunta muito pessoal e além disso, não cabe aqui analisar e pontuar como foram as regências de cada residente. O intuito de trazer essa pergunta, é de questionar as residentes, para instigar a pensarem e analisarem como foram as suas regências, como se sentiram ao desenvolver as atividades de regência, as suas percepções e refletindo sobre as suas práticas, que é essencial para a formação e prática profissional de uma professora, “sem o compromisso de refletir sobre nossa própria prática não creio ser possível crescer em competência técnica e política.” (KAERCHER, N. A, 1999, p.50)

Como pontua Kaercher, refletir sobre sua prática é indispensável para aprimorar o desenvolvimento das aplicações das aulas. A avaliação é uma atividade que deve ser praticada por uma professora, ou mesmo a partir das avaliações das estudantes, refletir e se auto avaliar. Goulart (2007, p. 62) argumenta: “avaliação precisa ser pensada como possibilidade, de forma prospectiva, uma vez que desempenha um papel relevante na aprendizagem. Ela é a bússola, pois indica caminhos, corrige rotas, retoma trajetórias. Tem, assim, um caráter construtivo.”

Como o autor argumenta, a avaliação indica pontos a serem melhorados e que irão contribuir para o crescimento profissional. Nas respostas, foi possível analisar que as residentes fizeram uma avaliação crítica da suas regências, porém além dessas avaliações, cabe cada residente enxergar a partir da sua reflexão pontos a serem melhorados e outros serem aprimorados, como os autores citados acima argumentam, no entanto a avaliação já é o primeiro ponto inicial para o processo de reflexão e crescimento docente.

	<p>leitura e reflexão a partir de um romance sobre a história da filosofia (O Mundo de Sofia, Jostein Gaarder), então, os residentes foram produzindo propostas de trabalho no formato de planos de aula com a finalidade de trabalhar conceitos e ideias oriundos da filosofia relacionados com os conteúdos da Geografia.</p>
<p>Não. O programa nos faz ter uma visão ampla e de todos os conhecimentos não somente específicos. (R2)</p>	<p>A resposta avalia que vai além de somente conhecimentos geográficos, mas dos conhecimentos da docência. O que pode ser interessante por dois pontos de vista: a resposta considera que os conhecimentos podem ter sido produtivos para além do campo específico da Geografia. Ou, pode indicar que houve ausência de maior aprofundamento no campo específico desta ciência.</p>
<p>Sim, através dos livros didáticos e das leituras semanais ampliou os conhecimentos que eu tinha. (R3)</p>	<p>A discente destaca que as atividades que executou de leituras proporcionaram ampliar seus conhecimentos geográficos. Um ponto interessante é a consideração sobre os livros didáticos. Muitas vezes, somos levados a não considerar amplamente a importância destes materiais na elaboração das aulas e desenvolvimento dos conteúdos. Porém, no campo da escola, muitas vezes estes, ou seja, os livros didáticos, são os únicos recursos disponíveis à professora no desenvolvimento de seu trabalho.</p>
<p>Totalmente. É impossível você planejar uma aula, ou planejar uma avaliação, se</p>	<p>A resposta destaca o momento da preparação de uma aula, que é uma</p>

<p>preparar para a execução de uma atividade e não realizar um estudo completo anteriormente acerca do assunto. Revisar diversos conteúdos, matérias, temas que você inclusive aprendeu no ensino superior em anos anteriores.</p> <p>No âmbito do Residência, o meu maior avanço, foi em relação ao desenvolvimento do planejamento de um conjunto de aulas referente a Climatologia, que se desenvolve segundo as matrizes curriculares no final do primeiro ano do Ensino Médio. Dali, houve a necessidade de retomar bibliografias, conteúdos, termos, e se debruçar em executar tais aulas, atividades em torno de temas como a Circulação Geral da Atmosfera, Massas de Ar, Elementos e Fatores do Clima, Clima Urbano, entre outros. (R4)</p>	<p>atividade que promove novos conhecimentos geográficos, pois é necessário estudar, ler e refletir para poder ministrar uma aula. Também é importante destacar o movimento entre conhecimentos adquiridos durante a graduação e sua sistematização nos períodos de preparação das aulas. Um aspecto interessante é a conexão, as idas e vindas entre a elaboração da aula e o retorno aos materiais bibliográficos acumulados durante o curso.</p>
<p>Sim, por exemplo a escola ser um lugar ou não lugar para nós residentes, além de conhecer e transitar em todos os ambientes escolares dando uma noção de espaço geográfico que só a Geografia vai trabalhar isso, em estar inserido neste espaço. Além das questões de territorialidade em sala de aula, na hierarquia entre professor e aluno. (R5)</p>	<p>A discente citou o conceito de lugar e território na escola para exemplificar os conhecimentos geográficos. Utilizando da ciência geográfica para analisar o contexto escolar e suas interações com ele e como estas interações acabam por produzir laços maiores ou menores com a escola.</p>
<p>O programa contribuiu para aprofundar os conhecimentos no que diz respeito a todo</p>	<p>Também destaca a preparação e execução das aulas como como R4, sendo atividade</p>

<p>conteúdo trabalhado em aula, mostrando a importância do domínio do conteúdo para poder se desenvolver as aulas de maneira adequada e preparada para as perguntas mais inesperadas possíveis. Dentro disso a globalização fora um dos temas que mais demandou empenho e consecutivamente fora o conteúdo mais específico que tive de me aprofundar. (R6)</p>	<p>que proporciona a construção de novos conhecimentos geográficos. Sobretudo no que dizia respeito às abordagens multi escalares para se tratar do tema da aula.</p>
<p>Contribuiu a partir da estruturação dos planos de aula, permitindo releituras de referenciais de outras etapas do curso e a estudar de forma mais atenta os textos a partir da elaboração de fichamentos, resumos, resenhas e produção textual sobre os assuntos debatidos em reuniões a respeito das problemáticas de sala de aula. (R7)</p>	<p>A resposta também se relacionou com a respostas da R4 e R6, destacando a questão do planejamento para as aulas para aprimorar seus conhecimentos geográficos. Também descreveu os textos e atividades que eram produzidas nas reuniões semanais, com debates e leituras de referências teóricas.</p>

Nessas respostas, notou-se as discentes adquiriram mais conhecimentos da ciência geográfica através das atividades ao longo do programa, de pesquisas para planejar e preparar as aulas de Geografia, com leituras e reflexões conforme foi destacado por várias residentes, a preparação para aulas e regência foi descrita por cinco residentes, que foram ações realizadas que alavancaram seus conhecimentos geográficos.

O programa possibilitou que as discentes pudessem experimentar como é ser professora, quais são as demandas em sala de aula, em como é necessário estar embasado e seguro para realizar as regências e como possibilitar práticas significativas aos estudantes. Como descreve Passini “É o estágio tanto de observação e participação, como de regência, que possibilita ao aluno a vivência das relações no cotidiano escola, adquirindo informações e habilidades para formar o novo profissional.” (p.29, 2013). A Passini argumenta que durante estágios, que no caso das residentes, foi através do PRP, é que vai se construindo, moldando uma professora através da prática, experiência e pesquisa.

7- Como você avalia o embasamento teórico do Programa Residência Pedagógica?	
Resposta das residentes	Análises
-Embasamento teórico fundamental e rico. (R1)	Avalia positivamente
Estudamos muito o embasamento teórico achei bom foi um carga horária grande deste item. (R2)	Avalia positivamente
Ótimo, foram várias leituras com reuniões semanais que eram feitas discussões de textos fichamentos, elaboração de artigos, além de estudar o PPP da escola a BNCC, foi enriquecedor. (R3)	Avalia positivamente, e destaca algumas atividades que foram sendo desenvolvidas ao longo do programa.
Ótimo. Os pontos principais que constavam no Planejamento das primeiras atividades em torno do desenvolvimento teórico do Ensino da Geografia, bem como aproximação ao conteúdo da BNCC, as políticas da educação, e ao PPP da Escola são chaves para a abertura desse mundo de planejamento e política na educação. (R4)	Avalia positivamente, e descreve sobre algumas atividades fundamentais que foram desenvolvidas durante o programa, relacionadas ao embasamento teórico e documentos.
Foi construído coletivamente, em que durante as regências era o momento também de perceber quais eram as nossas necessidades na prática, o embasamento teórico durante as reuniões semanais abarcava as dificuldades e demandas que nós tínhamos. Dessa forma, foi muito significativo o embasamento teórico, pois além de trazer as nossas demandas e ir em	Avalia positivamente e destaca que o embasamento teórico estava atrelado com a prática em sala de aula, a partir das dúvidas que iam surgindo, era buscado em textos teóricos e direcionados para suprir as dúvidas, além de embasamentos fundamentais de formação docente. Merece destaque a associação entre

<p>direção aos textos certos para a nossa construção e também tivemos a base teórica dos textos de estagio, então foi um embasamento completo. (R5)</p>	<p>leituras feitas no RP e leituras feitas durante os Estágios Supervisionados.</p>
<p>-Neste ponto se destaca a atuação do coordenador do programa, o professor Reginaldo atuou esplendidamente no que se diz respeito ao conteúdo preparatório para a docência, inclusive tendo um diálogo de conteúdo paralelo ao abordado nas CCR de estágios, proporcionando desta forma um desenvolvimento amplo e de propriedade no que se diz respeito a atuação docente. (R6)</p>	<p>Avalia positivamente e destaca o comprometimento e desempenho do coordenador do curso, com embasamento teórico similar ao dos estágios, com um embasamento amplo sobre a formação docente.</p>
<p>- A etapa de formação docente via PRP ainda é um caminho novo, avalio como ainda em estruturação, acredito que os referencias de estágio curricular supervisionado devem ser acompanhados pelo residência, ainda que os textos debatidos nas reuniões semanais contribuíram de forma significativa até mesmo para o exercício de estudar rotineiramente e nisso extrair algo positivo que se traduzirá em boas notas para os componentes curriculares. (R7)</p>	<p>A residente evidencia que ainda o embasamento está em processo de construção e devem ser mais atrelados com os referencias de estágio. Apesar disso, descreve que os mesmos foram significativos para a sua construção.</p>

A pergunta teve por objetivo identificar se de fato o embasamento teórico foi satisfatório e significativo para o processo de formação das discentes através do Programa Residência Pedagógica. A pergunta feita às residentes tem extrema relevância, na busca de identificar como as primeiras residentes do PRP de Geografia Campus Erechim, qualificam o embasamento teórico construído ao longo do programa, para assim, averiguar e destacar as potencialidades e

limitações que foram pontuadas.

As respostas se assemelharam, avaliando o embasamento teórico positivamente, alguns destacando as atividades que foram desenvolvidas ao longo do programa, em análises do PPP, da BNCC, leituras, diálogos de textos de docência e do ensino de Geografia. Além do embasamento fundamental, também foi despertado a autonomia das discentes, em buscarem diferentes textos que iam sendo trazidos por cada residente ao longo das semanas para as reuniões, com debates e análises. Como descreve a R5 “Foi construído coletivamente, em que durante as regências era o momento também de perceber quais eram as nossas necessidades na prática, o embasamento teórico durante as reuniões semanais abarcava as dificuldades e demandas que nós tínhamos.”

As avaliações foram positivas e demonstram que o embasamento foi significativo, por meio das diferentes atividades, não havia uma monotonia, cada semana era com atividades diferentes, modos de leitura e análises diferentes e demandas diferentes e consequentes aprendizados e construções individuais.

Apesar de grande parte ter avaliado como um embasamento satisfatório é necessário destacar que uma residente, descreveu que ainda está em construção o embasamento teórico, o que de fato é coerente por se tratar de um programa novo, porém também descreveu que precisa atrelar mais com o embasamento dos Estágios supervisionados, mas cabe destacar que vários textos debatidos nas reuniões semanais foram trazidos das disciplinas de estágios supervisionados do curso de Geografia, campus Erechim⁹

⁹ CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; SCHÄFFER, N. O.; KAERCHER, N. A. Geografia em sala de aula – práticas e reflexões. 4. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003

- PAIM, Robson. O. PEREIRA, Ana Maria O. Tu vai se fazendo professor todos os dias: Diálogos sobre Estágio Supervisionado e Formação para a Docência em Geografia. In SILVA. E. N. (org). **Os Desafios da Universidade Popular: A busca da construção possível**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.

- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
-PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999. p. 15 a 34.

<p>Sim, os discentes da UFFS levam informações e conhecimentos para a escola, em conversar com os estudantes mostrar quem somos, como é UFFS, quais cursos tem disponíveis além de dar aulas e com isso aprender muito na escola. (R3)</p>	<p>Na resposta, é possível destacar que a relação que ocorre é uma troca de conhecimentos e também divulgação da UFFS, mostrando sua relevância para a cidade e escola através dos diálogos construídos e pelas regências.</p>
<p>Sim. O vínculo que se efetiva entre um Professor da educação básica ao executar algumas atividades na sede da instituição federal já incentiva alguns caminhos e percursos de formação continuada ao docente (preceptor) únicos. Dois principais resultados deste vínculo que se estabelece inicialmente nesses Programas de Formação Continuada é o Mestrado que se efetivou, por exemplo, posteriormente a ação de dois docentes (da educação básica) que atuaram no PIBID anteriormente, e se motivaram a continuar na sua formação, após a inserção nestes Programas/Projetos. Outro caminho, para além das formações individuais dos professores é o próprio contato entre a Escola, os estudantes, e os residentes universitários, que trazem novas dinâmicas ao cotidiano da escola, e impactam efetivamente no seu funcionamento. (R4)</p>	<p>Na seguinte resposta, já se expõe outro tipo de vínculo que pode ocorrer a partir da aproximação entre a UFFS e a escola, por meio da formação continuada de professores, citando um exemplo do Pibid que ocorreu.</p> <p>Além disso, descreveu sobre novos conhecimentos que vão sendo construídos e mostrados na escola a partir de professores em formação que trazem novas perspectivas teóricas e aplicação de aula.</p>
<p>O PRP é a própria ponte que possibilita estabelecer a relação entre a escola e a Universidade, criando um vínculo muito</p>	<p>A discente destaca que foi a partir do programa que ocorreu o vínculo, como o R3 também descreveu.</p>

grande. (R5)	
Sim, o programa provocou uma aproximação da escola com a universidade, onde nós enquanto universitários estávamos inseridos dentro da escola assim tendo uma interação entre as partes. (R6)	A resposta salienta a relação e aproximação que o programa possibilitou entre a escola e a UFFS, através da imersão das discente na escola.
Permite dando uma abertura a pesquisa de seus problemas, como o levantamento de hipóteses sobre os problemas estruturais, financeiros e educacionais das escolas, a partir de que o conhecimento universitário deve ser visto de forma positiva e que contribuirá para uma educação de pluralidade de ideias e que este seja cada vez mais alinhado com o conhecimento científico e com didatismo. (R7)	A discente expõe a oportunidade de produzir pesquisa a partir da abertura que a escola oferece, podendo observar e analisar dificuldades enfrentadas na escola.

Nas respostas, é possível averiguar que o PRP possibilitou estabelecer uma relação entre Universidade e Escola, pela própria implantação do programa na escola, como a R5 descreveu possibilitou a união entre ambos e com isso as trocas de aprendizados foram acontecendo naturalmente. A abertura e entrada da Universidade na escola é a construção de um vínculo e reconstruções para ambos envolvidos, é a Universidade estando junto com a escola da cidade e mostrando a sua importância frente à educação e contribuindo para o processo de formação das cidadãs erexinenses.

A escola na Universidade permite atribuir novos conhecimentos à prática, é mostrar como funciona, como se organiza na prática, com são os desafios e conquistas diárias na educação e no processo de formação de estudantes. São dois sistemas de formação diferentes, com graus de formação distintas, espaços diferentes que se organizam, mas com o mesmo objetivo central possibilitar uma formação de qualidade eficiente e gratuita.

As residentes, tem a oportunidade de vivenciar e participar dos dois sistemas, é uma experiência única que só colabora para a formação das futuras professoras a partir dos inúmeros aprendizados que possibilita, ampliando os conhecimentos didáticos. O vínculo entre a escola e Universidade, vivenciado pelas professoras concursadas, em poder aprender novos conhecimentos que são trazidos pelas residentes, podem instiga-las, a participarem de atividades na Universidade, em conhecer a Universidade e até fazer um mestrado, ou pós-graduação, investindo seu tempo em uma formação continuada disponível na Universidade, conforme a R4 descreve “O vínculo que se efetiva entre um Professor da educação básica ao executar algumas atividades na sede da instituição federal já incentiva alguns caminhos e percursos de formação continuada ao docente (preceptor) únicos.”

A Universidade e a escola atreladas, a partir do programa pode possibilitar várias ações dos envolvidos, conforme destacado acima. Mas, mais que isso, destaco que o programa é feito por sujeitos que estão envolvidos com a educação e seu melhoramento, conforme destaca Passini (p. 55, 2013).

O trabalho no espaço escolar não é mecânico, é de sujeitos coletivos, e o objetivo final não é o produto material ou o lucro, e sim a apropriação do conhecimento e enriquecimento intelectual de toda a comunidade escolar; portanto, nesse espaço social de construção, cada participante precisa agir cooperativamente, com a intenção de complementar o trabalho do outro, colaborar para a formação da equipe principalmente quanto aos objetivos comuns; a melhoria das circunstâncias da aprendizagem.

A argumentação da Passini, sobre como se dá as relações e construções em uma escola, sua finalidade, está atrelada com o que foi o PRP quando entrou no colégio Haidée Tedesco Reali que já tinha bons propósitos e o programa veio contribuir e continuar proporcionando um ambiente de cooperação, trocas, novos aprendizados, produção de pesquisas, crescimento escolar, acadêmico e individual. O PRP alavancou mais o conhecimento da escola e da Universidade em suas múltiplas relações e ações desenvolvidas ao longo do programa.

<p>Ensino da Geografia, o desenvolvimento conjunto entre teoria e prática é algo cotidiano na minha formação. O pensar e o refletir docente é algo constante e concomitante a todos os processos e atividades desenvolvidos, inclusive em sínteses posteriores. Cabe destaque, no incentivo do PRP ao desenvolvimento dessas sínteses, que para além dos relatórios finais, o desenvolvimento de materiais científicos, como artigos para Congressos, retomam ações, reciclam pensamentos, desconstroem posições, reavaliam atitudes, e constroem de fato um percurso muito próprio e efetivo de formação inicial. (R4)</p>	<p>sua formação, portanto, é algo cotidiano, e o PRP também possibilitou essa relação, a partir das atividades de artigos, sínteses e relatório final feitos ao longo do programa.</p>
<p>Sim, teve teoria e prática e prática e teoria, os dois processos ocorreram.(R5)</p>	<p>Afirma que houve uma relação entre a teoria e prática, conforme R1 e R2 e um processo de retroalimentação entre eles.</p>
<p>Para mim houve uma enorme relação de “práxis”, onde nas reuniões de trabalho via-se todo um referencial teórico metodológico que possibilitava e habilitava a para diversas praticas em sala de aula. (R6)</p>	<p>Na resposta, afirmou-se que houve relação entre teoria e prática por meio das reuniões que eram desenvolvidas atividades teóricas e posteriormente as regências, eram práticas. Merece destaque a abordagem do conceito de práxis que remete a uma prática com reflexão sobre a realidade e, ao mesmo tempo, ação reflexiva que retorna para a realidade.</p>
<p>A relação entre teoria e prática, como não havia feito os estágios ficou um pouco complicada, mas o estágio serviu com um grande suporte para equilibrar esta relação</p>	<p>A discente destaca como foi a sua experiência no programa, juntamente com a disciplina de estágio que cursou posteriormente, em que pode se organizar</p>

<p>e a entender a residência como um “trabalho docente”, onde com o auxílio desta CCR pode organizar a rotina de professor de forma mais eficaz, com a preparação de diários de bordo, avaliação das aulas, e um interesse maior sobre os estudos de forma mais organizada. (R7)</p>	<p>melhor para desenvolver as práticas docentes, atrelando a disciplina ao programa.</p>
--	--

As respostas dessa pergunta todas afirmam que houve relações entre a teoria e prática na experiência no programa, porém não são todas que descrevem como foi dada essa relação e o que consideram que ela seja. Apesar disso, quatro descrevem respostas similares, em que a teoria caberia a ser o embasamento teórico, e as práticas seriam as regências em sala de aula, tendo uma resposta bem superficial sobre teoria e prática. Vale retomar Libâneo (p.21, 2002) que descreve:

Entretanto, na minha ação de sujeito ativo e prático, teoria e prática formam uma unidade efetiva, pois ajo pensando e penso agindo. Este é, aliás, o sentido de práxis, uma atividade prática sempre consciente e pensada, uma prática sempre teórica e uma teoria sempre prática. LIBANEO (p.21, 2002)

A discente R4 descreveu, como atrelou a teoria e prática através da produção de artigos, relatórios, refletindo sobre as suas regências a partir da teoria, analisando suas práticas, por meio da elaboração de textos acadêmicos e científicos. Assim a teoria e prática é muito mais do que somente estudar autores e ministrar aulas baseados neles, é uma construção, reflexão, análises constantes que exigem, pensar e repensar nas suas ações.

Essa pergunta é bem pertinente para analisar em si, como foi se dando as atividades desenvolvidas ao longo do programa, e as respostas das residentes nessa pergunta foram bem rasas, sem muitos exemplos e considerações. Considero que poderia ter sido mais explorado pelas residentes a partir de tudo foi desenvolvido ao longo do programa, muitos foram os momentos tanto individuais, como coletivos de teoria e prática, como o desenvolvimento de uma gincana, foi pensando, desenvolvido e refletido posterior, as regências que sempre eram compartilhadas durante as reuniões semanais, o planejamento de aulas, enfim algumas das atividades que se relacionam com a pergunta.



Nesta nuvem de palavras, teoria, práticas, desenvolvimentos, processos, formação, relação, docente, sínteses foram as mais citadas pelas residentes. As palavras estão relacionadas ao processo de formação de uma futura professora, atrelando a teoria e prática.

10- No PRP, você conseguiu aprender mais sobre os saberes necessários para a docência? (PIMENTA, 1999)	
Respostas das residentes	Análises
Sim, todas as semanas nas reuniões do PRP. Momentos únicos e essenciais em que havia aprendido. (R1)	A resposta expõe que foi durante as reuniões que aprendia sobre os saberes necessários para a docência, a partir das atividades que eram desenvolvidas nesses momentos.
Aprendi, mas já tinha uma boa experiência em contato com turmas de estudantes de escolas do ensino básico através de outros programas.(R2)	A residente destaca que aprendeu, porém já tinha várias experiências em salas de aula através de outros programas que participou ao longo da sua formação.
Sim, pois entramos na escola como um todo e não somente em sala de aula, dessa forma pudemos ver como é de fato uma escola pública. (R3)	A residente argumenta que a experiência foi de viver a escola e conhecer todo o ambiente escolar, observando como é o funcionamento da escola, possibilitando

	assim aprender mais sobre os saberes necessário para a docência.
Com certeza aprendi muito teoricamente e praticamente, exemplo disso fora a organização de uma gincana e o desenvolvimento de conteúdo prévio para a execução da mesma. (R5)	A discente destaca que aprendeu tanto na teoria como na prática, dando um exemplo da atividade da gincana que foi desenvolvida pelas residentes.
Não foi uma questão de aprender mais, mas aprender os próprios saberes necessários, aprendendo o que é ser professor na prática. (R6)	A resposta destaca que o programa a possibilitou aprender a ser uma professora de fato, a partir da experiência da prática de poder desenvolver atividades docentes.
O PRP me permitiu uma rotina profissional de muita qualidade e excelência e seus impactos positivos devem ir além dos saberes da docência, onde este tive a oportunidade de aprender melhor na etapa de estágio, porque nesta disciplina temos um ambiente mais favorável ao afloramento das bases teóricas. Reforço a ideia de ao menos duas etapas de estágio supervisionado tem de serem feitas devido a um acompanhamento teórico mais eficiente. (R7)	A residente destaca que as atividades que executou vão além dos saberes da docência. Também descreve sobre cursar as disciplinas de estágio para um melhor aprofundamento teórico.

Nesta pergunta, buscou-se identificar o que apontam por saberes da docência e se o PRP foi um programa que possibilitou aprender mais sobre eles, a partir da base teoria do que Pimenta (1999) considera por saberes da experiência, saberes do conhecimento e saberes pedagógicos. As respostas, foram todas positivas, em que alguns descrevem que os saberes estão relacionados a prática, como a R6: “Não foi uma questão de aprender mais, mas aprender os próprios saberes necessários, aprendendo o que é ser professor na prática.”

Os saberes de Pimenta (1999) estão diretamente relacionados com a prática, conforme as residentes descreveram, a partir do saberes da experiência, a licencianda inicia o seu caminho para a sua construção como uma futura professora, se colocando no papel de um agente ativo como R3 argumentou: “Sim, pois entramos na escola como um todo e não somente em sala de aula, dessa forma pudemos ver como é de fato uma escola pública. (R3)”

Os saberes do conhecimento, vão além do programa, é o conhecimento científico aprendido ao longo do curso, mas, que também foi possibilitado ao longo do programa: “Sim, todas as semanas nas reuniões do PRP. Momentos únicos e essenciais em que havia aprendizado.” (R1) A resposta destaca as reuniões como momentos de aprendizado dos saberes da docência, são os saberes do conhecimento, no qual durante as reuniões, eram desenvolvidas leituras, fichamentos, produção de artigos, diálogos e debates sobre a ciência Geográfica e o conhecimento científico sobre o ensino da geografia e pedagógico.

E os saberes pedagógicos é a junção entre os saberes da experiência e os saberes do conhecimento, esse saber está explícito nas diferentes respostas, além dessa pergunta, como descreve R1 “O vínculo foi muito importante, me sentia como um professor em atuação formal, relações muito boas com os professores e com os alunos.” Os saberes pedagógicos foram sendo aprendidos naturalmente ao longo do programa, em conhecer, observar, analisar, pesquisar o ambiente escolar, proporcionando a construção individual de cada estudante em sentir uma professora e agir como tal, passando pelo processo de evolução profissional, e entendendo o seu papel de importância diante a sociedade e a escola, como agentes formadores e em formação.

<p>atividades do PRP. Apesar dessas dificuldades, faria novamente o PRP se fosse necessário da mesma forma, pois a experiência e conhecimentos que adquiri foram muito significativos para a minha formação. (R3)</p>	<p>as atividades do programa na escola Haidee Tedesco Reali.</p> <p>Apesar da dificuldade enfrentada pela residente, expõe que os aprendizados ali construídos foram essenciais para o seu processo de formação.</p>
<p>Sim. Quanto em relação a formação inicial dos residentes, quanto a formação continuada dos Professores da educação básica e os coordenadores dos subprojetos. Os preceptores retomam em seus caminhos no PRP, bibliografias, conceitos, abordagens que possivelmente não revisitavam a uns bons anos na sua ação docentes, como as próprias políticas da educação, termos teóricos, bases epistemológicas. Os coordenadores dos subprojetos retomam aproximações a realidade da educação básica e permitem o desenvolvimento de mais materiais científicos acerca de tal realidade. Quanto a minha experiência, é impossível o deslocamento de uma formação de um curso de licenciatura sem a presença de tais projetos ou programas de formação continuada. O ganho e o envolvimento é tão grande e positivo que, de fato, se torna até imensurável pontuar quais os princípios relevantes na formação. (R4)</p>	<p>Avalia positivamente, argumentando a proximidade da escola com a UFFS e a UFFS com a escola para a produção de novos conhecimentos e novas pesquisas que vão surgindo através do programa, a partir das professoras da escola, da coordenadora e das residentes.</p> <p>Em sua experiência individual destaca o quanto é fundamental os programas de formação de professoras, para a construção de uma professora, em que é inviável descrever sobre todos os benefícios que o PRP o possibilitou.</p>
<p>Sim é muito relevante para a formação docente e também para a escola em</p>	<p>Avalia positivamente, e descreve sobre o vínculo estabelecido entre a escola e a</p>

estabelecer uma relação com futuros professores e renovar os seus conhecimentos. (R5)	UFFS, principalmente para as professoras concursadas que as possibilita a estar novamente em formação, aprendendo, ensinando e reaprendo.
Sim, para mim ele foi um construtor de conhecimento, sendo que o processo de vivência na escola fez compreender as relações e até ações do cotidiano escolar. (R6)	Avalia positivamente expondo a possibilidade de estar inserida no contexto escolar analisando e aprendendo.
- Sim. Este programa contribuiu muito para o estreitamento entre escola e universidade, a capacitação profissional a partir do enfrentamento das dificuldades cotidianas de um docente e exigindo um alto nível de eficiência para melhorar os processos educativos em Geografia. A falta de investimentos por parte do Governo do Estado faz o corpo administrativo do colégio enxergar as políticas formativas docentes em Universidades Federais como um investimento a longo prazo e de grande impacto no desenvolvimento social, cultural e econômico da cidade. (R7)	Avalia positivamente e ressalta a aproximação da escola e a UFFS possibilitada através do programa, além do desempenho necessário por parte das envolvidas no programa. A residente ainda descreve que por conta da falta de investimentos na educação pública, a escola abarcou o programa como uma potencialidade para crescimento da escola.

Nesta penúltima pergunta, instigou-se as residentes a fazer uma análise se consideram que o programa foi relevante e que contribuiu para a formação de professoras. Todas as respostas foram positivas e pontuaram o porquê e como o programa pode contribuir, com diferentes respostas, que se deram a partir da construção individual de cada residente.

As respostas mais similares, são três que descrevem sobre o vínculo construído entre a escola e UFFS, evidenciando o que possibilitou, como R7 descreveu:

Este programa contribuiu muito para o estreitamento entre escola e universidade, a

capacitação profissional a partir do enfrentamento das dificuldades cotidianas de um docente e exigindo um alto nível de eficiência para melhorar os processos educativos em Geografia.

A aproximação entre as instituições de ensino, promove um grande crescimento na educação, a partir do compartilhamento de conhecimentos, construção de novos significados e produção de novas pesquisas na escola e Universidade estando atrelada, trabalhando juntas para a formação de qualidade de professoras e alunas. Outro ponto destacado pela residente, e que deve ser ressaltado: “Sim, para mim ele foi um construtor de conhecimento, sendo que o processo de vivência na escola fez compreender as relações e até ações do cotidiano escolar.”(R6) que se relaciona com o que Castellar (p.42, 2010) descreve sobre estar inserida no contexto escolar durante processo de formação inicial:

Assim, o processo de formação inicial de professores deveria integrar as bases teóricas com a prática cotidiana e dessa maneira, os estudantes- futuros professores- teriam uma dimensão maior do significado dos saberes específicos e das práticas sociais. Teriam a possibilidade de refletir sobre a teoria e reelaborá-la a partir de outros referenciais, a exemplo das experiências práticas que vivenciam quando da realização dos estágios nas escolas.

Conforme argumenta Castellar a prática desenvolvida durante graduação atreladas as disciplinas, ao embasamento teórico, promove uma melhor formação discente, com mais reflexão e reconstruções. O PRP se relaciona com o que a Castellar descreveu, possibilitando uma prática continuada e rotineira durante 18 meses, juntamente com a discente realizando o curso de formação, assim produzindo reflexões, análises, produção de novos conhecimentos a partir da prática, atrelado ao embasamento teórico da Universidade.



Neste nuvem de palavras, formação, PRP, educação, desenvolvimento, escola, relevante, experiência são algumas das palavras que mais foram citadas pelas residentes, analisando a relevância do programa para a formação de professoras, porém muitas foram as palavras evidenciadas nesta nuvem que expôs a relevância do programa.

12- Cite uma prática em que desenvolveu que marcou para você?
Respostas das residentes
Gincana de avaliação final com os alunos do ensino médio no último semestre da PRP. Houve apresentação de maquetes, e atividades com perguntas do que foi estudado nos últimos meses, retorno ótimo dos alunos. (R1)
Integração com um gincana pedagógica envolvendo várias turmas ao mesmo tempo. (R2)
Uma prática que me marcou foi uma atividade em grupo em que os estudantes tinham que desenvolver uma ONG e os resultados foi muito positivo, pude ver a capacidade dos estudantes nessa atividade e também em relacionar o tema com a Geografia. Os estudantes criaram Ongs sobre o meio ambiente, preservação dos rios, cuidados aos animais e amparo psicológicos para pessoas. (R3)
O desenvolvimento de um Trabalho de Campo com os estudantes do primeiro ano do

Ensino Médio, em que em conjunto com outro residente desenvolvemos no segundo semestre de 2019. Interligado aos assuntos da Climatologia, desenvolvemos as percepções e comparações entre as circulações locais da atmosfera (coletadas, verificadas *in loco* no campo) e a Circulação Geral da Atmosfera presente no conteúdo programático daquele ano.

A ação da saída da sala de aula, em si, já despertara nos estudantes um incentivo e uma disposição muito maior de participação e de aprendizado, que atrelado a uma base teórica, um planejamento específico e a necessária vinculação com a pesquisa dos estudantes (eles coletaram os dados e construíram seus climogramas e mapas mentais do Colégio) se tornaram a experiência mais relevante do PRP, para mim. Certamente, são planejamentos, ações que irei executar novamente em minha futura ação docente, com as adaptações, revisões necessárias ao contexto local da Escola de educação básica que irei atuar. (R4)

O café geográfico, em que foi trabalhado de uma forma diferente do tradicional, em que foi um momento de escutar os estudantes, seus anseios e percepções sobre a vida. Foi organizado a sala de aula em um círculo e que cada aluno tinha que escrever uma profissão e outro aluno era sorteado para a falar sobre ela, defendendo a profissão tendo empatia pelo próximo. (R5)

Trabalhando Tempo/Clima realizei toda a parte teórica em sala de aula e realizamos uma prática de captação de dados com termohigroanemometro que aferem a temperatura, velocidade do vento e umidade. Nesta pratica os alunos vivenciaram os princípios científicos da coleta, análise e resultados de dados, montando um mapa com os dados coletados e chegando à conclusão que os padrões construtivos influenciam e desenvolvem microclimas na mesma cidade. (R6)

Os debates em grupos, onde os estudantes se interessavam bastantes a partir das explicações sobre os processos da dinâmica natural da Terra e com isso exercer uma tentativa de abandonar o aprendizado em Geografia por memorização. Tentar trabalhar com um tema por mais tempo permitiu um interesse da turma em entender o conhecimento escolar como aliado do universitário. (R7)

As respostas coletadas e analisadas, mostraram muito mais do que a opinião das residentes, foram construções, criatividade, alegrias, frustrações, motivações, orgulhos, empenho e dedicação, explicitadas nas respostas, cada uma trouxe um pouco de si, do seu eu professora, com respostas de cidadãs críticas e reflexivas. Apesar da grande maioria ter um envolvimento mais profundo nas respostas, também houve várias respostas diretas e bem objetivas, sem análises ou exposições.

O Programa Residência Pedagógica, no curso de Geografia campus Erechim, contribuiu para a formação de professoras, a partir das atividades desenvolvidas, das práticas docentes, do embasamento teórico, do envolvimento de cada residente, das professoras, da escola e a Universidade que tiveram um vínculo duradouro em que relações foram construídas, com conhecimentos, aprendizados e reconstruções ao longo dos 18 meses, andando juntas para o processo de formação de universitárias e estudantes da escola pública.

Cabe destacar aqui que o programa, no grupo específico analisado, contribuiu para a formação de professoras, porém é importante destacar também, que uma residente descreveu sobre a necessidade de o PRP estar mais atrelado aos estágios supervisionados, e é também um dos objetivos dele, a aproximação do PRP com os estágios, para aprimoramento dos estágios. No caso do nosso grupo, não foi isso que aconteceu, os estágios ocorreram e o PRP também, sem uma aproximação de ambos, apesar de termos utilizado vários embasamentos teóricos, não houve uma relação entre eles.

O Programa Residência Pedagógica, no grupo investigado, não ocorreu como as críticas que foram feitas antes da implantação do mesmo, e foram justamente as críticas, o pré conceito e predeterminação do que seria o programa, que ocasionou um desconforto em mim, que tive a oportunidade de participar do PRP e a partir disso vi que era necessário expor como foi PRP de Geografia, campus Erechim da UFFS, para mostrar que de fato o programa sim, tem muito a contribuir para a formação de professores e o mesmo só está iniciando e se aprimorando mais, a partir de cada implantação, como ocorreu, em 2020, a sua segunda implantação, com novos conhecimentos construídos e experiências possibilitadas.

No início do projeto de Geografia, tudo era ainda muito novo e foi um processo difícil para todas, mas aos poucos fomos construindo o nosso Residência Pedagógica, juntamente com a escola, estabelecendo objetivos e os concretizando ao longo do programa. O PRP é significativo para a formação profissional, pois possibilita às residentes muitas experiências, de imersão no ambiente escolar, vivências, aprendizados e conhecimentos sobre a prática docente

construindo e fortalecendo a identidade docente de cada um que participa. A inserção na escola, o diálogo com diferentes profissionais, a observação das dificuldades, os diálogos, as leituras promovem aprendizados tanto acadêmicos como profissionais.

Finalizo o trabalho, expondo que a minha experiência no programa, alavancou o meu crescimento profissional, em vivenciar a escola, o dia a dia, pude constatar como é ser uma professora de Geografia e como é ao mesmo tempo muito satisfatório e desafiador. A minha formação como professora de Geografia, me proporcionou a observar e analisar a relação entre a sociedade e natureza criticamente, em me perguntar por que de tal forma aconteceu determinado processo ou fenômeno? O que influenciou para que determinado processo ou fenômeno acontecesse? E assim, estar em constante análise, em ser uma cidadã crítica e sabendo dos meus direitos e deveres. E a partir do meu trabalho de conclusão, pude expor que o PRP não contribuiu somente a mim, mas ao meu grupo como um todo, em que cada um teve as suas diferentes construções ao longo do programa e que nenhuma residente saiu do programa do mesmo modo que entrou.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, D. SILVEIRA, D. Desemprego fica em 11,6% em dezembro e ainda atinge 12,2 milhões de brasileiros, diz IBGE. GI, 31 jan. 2019. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/31/desemprego-fica-em-116-em-dezembro-diz-ibge.ghtml>

ANDRADE, J. E. A. CAMPUS, R. COSTA, L. C. M. S. Residência Pedagógica as experiências de socialização em Geografia/ UFS/ Itabaiana-Se. Anais do XVIII SBGFA- Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Disponível em: <<http://www.editora.ufc.br/images/imagens/pdf/geografia-fisica-e-as-mudancas-globais/1034.pdf>> acesso em: 26 ago. 2020.

ANGHINONI, L. R. T. ZANOTELLI, S. E. A práxis no Programa Residência Pedagógica/Geografia no ensino fundamental: experiências e desafios. Anais do SEPE. ix seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFFS. V.9 n. 1, 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/12715-Resumo-46466-1-10-20190909.pdf>> acesso em: 26 ago. 2020.

ANDEP et al. Entidade se posicionaram contrárias á padronização e controle impostos pelo Programa de Residência Pedagógica! Não a BNCC. 2018. Disponível em: <<https://anped.org.br/news/entidades-se-posicionam-contrarias-padronizacao-e-controle-impostos-pelo-programa-de-residencia>> acesso em: 26 ago. 2020

ANFOPE; et al. Contra a descaracterização da Formação de Professores. Nota das entidades nacionais em defesa da Re. solução 02 /2015. 2017 Disponível em:

<https://anped.org.br/sites/default/files/images/nota_entidades_bncf_outubro2019.pdf>
Acesso em: 26 ago. 2020.

APUFPR. Prograd muda de posição e sugere adesão ao Programa de Residência Pedagógica. 2018. Disponível em: <<https://apufpr.org.br/2018/05/04/prograd-muda-de-posicao-e-sugere-adesao-ao-programa-de-residencia-pedagogica/>> Acesso em: 26 ago. 2020.

APPLE É ACUSADA DE TRABALHO ESCRAVO EM OUTRA FÁBRICA CHINESA. Tudo celular. São Paulo, 26, ago. 2016. Disponível em:<<https://www.tudocelular.com/apple/noticias/n77351/Apple-trabalho-escravo-Pegatron.html>. Acesso em: 08 jun. 2019.

APUFPR. Fim do Pibid e Residência Pedagógica: queda com efeito dominó na educação. 2018. Disponível: <<https://apufpr.org.br/2018/03/01/fim-do-pibid-e-residencia-pedagogica-queda-com-efeito-dominio-na-educacao/>> Acesso em: 26 ago. 2020.

AZEVEDO, A. S. ARAUJO, C. C. SILVA, G. M. BARROS, J. L. C. SILVA, K. S. SANTOS, L. M. AZEVEDO, Y. R. L. A Docência geográfica no Programa Residência Pedagógica no Colégio Estadual Professor Joaquim Vieira Sobral – Aracaju/SE. Anais do encontro do PIBID e do Residência Pedagógica da UFS. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/13303>> Acesso em: 26 ago. 2020.

BARREIRO, Iraíde M. de F.; GEBRAN, Raimunda A. Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores. São Paulo: Ed. Avercamp, 2006.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, PIBID. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>> Acesso em: 05 ago. 2020.

CALLAI, Helena Copetti, Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Campinas, Cad. Cedes, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CASTELLAR, Sonia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimento. Campinas: Papirus, 1998.

COELHO, L.; PISONI, S. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. Revista Modelos–FACOS/CNE C, Osório, v. 2, n. 1, ago. 2012. Disponível em: <http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_sua_teorica_e_a_influencia_na_educacao.pdf> Acesso em: 12 de Agosto de 2019.

CONCEIÇÃO, Ivonete. A Residência Pedagógica na formação de professores: colaborações no ensino de geografia mediante diário de formação. Anais do **14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 3737-3744, 2019. Disponível em:

<<https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3194/3059>> acesso em: 26 de ago. 2020.

COLLARES, Cecilia Azevedo Lima. Ajudando a desmistificar o fracasso escolar. **Toda criança é capaz de aprender**, p. 24-28, 1989.

COSTA, S. H. SOUSA, T. S. COSTA, L. M. S. SANTOS, C. A. Residência Pedagógica: práxis de formação docente. Anais do encontro do PIBID e do Residência Pedagógica da UFS. Disponível em: < <https://ri.ufs.br/handle/riufs/13305>> Acesso em: 26 ago. 2020.

CRUZ, A. J. A. SOUZA, J. A. X. Residência Pedagógica em geografia UEMA: expectativas e desafios. Anais do VII ENALIC- VII Encontro nacional das licenciaturas VI Encontro do Pibid I Seminário do Residência Pedagógica. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/170634557-Residencia-pedagogica-em-geografia-uema-expectativas-e-desafios.html>> Acesso em: 26 ago. 2020.

DE CASTRO, Josué. **Geografia da fome**. Editôra Brasiliense, 1984.

EDF. Samsung pagará US\$ 539 milhões à Apple por patentes. Exame. São Paulo, 25 mai. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/samsung-pagara-us-539-milhoes-a-apple-por-patentes/>> acesso em: 08 jun. 2019.

_____. Edital CAPES 06/2018 que dispõe sobre a Residência Pedagógica. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-6-2018-Residencia-pedagogica.pdf>. Acesso em: 05 de Ago. de 2020.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAARDER, Básica. Jostein O mundo de Sofia 1ª. **Companhia das Letras**, 2012.

GALVÃO, I. R. O programa “Residência Pedagógica” na licenciatura em geografia do CERES – UFRN: refletindo e construindo a prática docente. Anais **do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 3961-3968, 2019. Disponível em:

< <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3213/3078>> Acesso em: 26 ago. 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOMES, V. F. LAGO, L. C. Reflexão acerca do programa residência pedagógica em geografia: identidade e formação docente. Anais **do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p.3889-3899, 2019. Disponível em: < <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3207/3072>> Acesso em: 26 ago. 2020.

JESUS, A. S. RIBEIRO, I. S. N. Trajetórias da formação docente: observar-aprender-praticar, através do Programa Residência Pedagógica. Anais **do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 3745-3755, 2019. Disponível em:

< <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3195/3060>> acesso em: 26 ago. 2020.

KAERCHER, Nestor André. Estudos Sociais: reflexões, conflitos e desafios. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos. et al. (org.). Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. 4. ed. Porto Alegre: editora da UFRGS, 1999.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. Contexto, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática: velhos e novos temas. 2002.

LIBÂNEO, J. C. Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARQUES, W. L. MESQUITA, L. P. O Programa Residência Pedagógica e os estágios curriculares: coesões, coerências e desafios. Anais do SEPE. IX seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFFS. V.9 n. 1, 2019. Disponível em: < <file:///C:/Users/user/Downloads/12904-Resumo-44588-1-10-20190828.pdf>> acesso em: 26 ago. 2020.

MARTELLO, A. Globalização é benéfica para todo mundo, avalia ministro da Fazenda. GI, 18 jan. 2017. Disponível em:< <https://g1.globo.com/economia/noticia/globalizacao-e-benefica-para-todo-mundo-avalia-ministro-da-fazenda.ghtml>> acesso em: 08 jun. 2019.

MENEZES, A. G. S. SANTOS, A. K. L. J. SANTOS, E. M. SANTOS, J. M. TAVARES, J. J. PRADO, J. A. L. SANTOS, C. A. O ensino de geografia e seus desafios no município de Itabaiana-se. Anais do encontro do PIBID e do Residência Pedagógica da UFS Disponível em:

MESQUISTA, Lucas Ponte; TACCA, Luisa R. MOMOLI, Andréia Carla. [DES] CONSTRUIR PARA O PENSAR POLÍTICO NA GEOGRAFIA: DIÁLOGOS NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DA UFFS. **Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 393-404, 2019.

MESQUITA, L. QUINTANILHA, Y. TACCA, L, SANTOS E. CHINVELSKI, M SOUZA, R, S. A Residência Pedagógica como uma paisagem do conhecimento geográfico: anúncios de uma experiência na Universidade Federal da Fronteira Sul. Biblioteca digital de eventos científicos da UFPR III encontro das licenciaturas região sul. Disponível em: < <https://eventos.ufpr.br/enlic/ENLICSUL2019/index>> Acesso em: 26 ago. 2020.

MOMOLI, A. C. ZANOTELLI, S. E. MARQUES, W, L. PICCOLI, J. TACCA, L. Residência Pedagógica: Prática como componente curricular e Estágio. Anais do o III encontro das licenciaturas da Região Sul, o III encontro do PIBid da Região Sul e o I encontro do Residência Pedagógica (RP). 2019.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. Brasiliense, 2013

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Cortez Editora, 2014.

PAIM, Robson. O. PEREIRA, Ana Maria O. Tu vai se fazendo professor todos os dias: Diálogos sobre Estágio Supervisionado e Formação para a Docência em Geografia. In SILVA. E. N. (org). **Os Desafios da Universidade Popular: A busca da construção possível**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.

PASSINI, Y. E; PASSINI, R; SANDRES, T. M. Práticas de ensino e estágio supervisionado. In: A prática de ensino e o estágio supervisionado. 2ª ed, 2ª reimpressão: São Paulo: Contexto, 2013, p. 26-31.

PICCOLI, J. J. V, CHINVELSKI. SOUZA, R. J. Prática pedagógica no Programa Residência Pedagógica: a guerra fria na perspectiva da geografia. Anais do SEPE. IX seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFFS. V.9 n. 1, 2019. Disponível em: < <file:///C:/Users/user/Downloads/12841-Resumo-44643-1-10-20190828.pdf>> Acesso em: 26 Ago. 2019.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999. p. 15 a 34.

PPC. Projeto Político Pedagógico do curso de Geografia. Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS, 2018.

SIQUEIRA, A. S. A prática do professor de Geografia vs a prática da escola. ARAUJO JUNIOR, Aloysio Marthins de; FERRETTI, Orlando (Orgs) . Temas e experiências em educação geográfica. 2018.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. O espaço uno e múltiplo. **Scripta Nova. Universidade de Barcelona**, n. 93, 2001.

SANTOS, I. J. SILVA, B. S. Entre ações, percepções e contribuições: narrativas de jovens professores no Programa Residência Pedagógica de Geografia. Anais **do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 3811-3822, 2019. Disponível em:

< <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3201/3066>> Acesso em: 26 ago.2020.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 22ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SANTOS, Z. ROCHA, B, M. LEANDRO, J, P. L. SILVA, P. S. V. Residência Pedagógica e a formação de professores(as): entre a prescrição e as experiências. Anais **do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 3914-3925, 2019. Disponível em: <

<https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3209/3074>> Acesso em: 26 Ago. 2020.

SOUZA, Reginaldo José de. Paisagem e sacionatureza: olhares geográfico-filosóficos. 2019.

SUERTEGARAY, Dirce M. Dirce Maria. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y ciencias sociales**, v. 5, n. 79-104, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Editora Vozes Limitada, 2012.

UFFS. Instituição. Disponível em:

<http://historico.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=360&Itemid=820> . Acesso em 07 abr. 2021

UNE. Anunciada pelo MEC, residência pedagógica pode ameaçar andamento do Pibid. 2017 Disponível em: <https://une.org.br/noticias/anunciado-pelo-mec-residencia-pedagogica-pode-ameacar-andamento-do-pibid/?fbclid=IwAR3nEdDkb9RMfFe8AQV0Ox8az4Dv-o9ubVg8kfK2ltr-xkGwWzJEpfM_9oQ> Acesso em: 26 ago. 2020

UNE. Anunciada pelo MEC, residência pedagógica pode ameaçar andamento do Pibid. 2017 Disponível em: <https://une.org.br/noticias/anunciado-pelo-mec-residencia-pedagogica-pode-ameacar-andamento-do-pibid/?fbclid=IwAR3nEdDkb9RMfFe8AQV0Ox8az4Dv-o9ubVg8kfK2ltr-xkGwWzJEpfM_9oQ>

UNE. #FicaPIBID essa luta nos UNE: confira nota da União Nacional dos Estudantes. 2017Disponível em: <https://une.org.br/noticias/ficapibid-essa-luta-nos-une-confira-nota-da-uniao-nacional-dos-estudantes/?fbclid=IwAR1zGkbawR9s3an5mJZ7p8oaDOvtQyMA8zquxOIZ7ySgYDT7EQMDmyjI680>> Acesso em: 26 ago. 2020.

ANEXO 1

“As entidades abaixo relacionadas contestam o conteúdo dos editais Capes n. 6 e 7/2018, que tratam do novo Programa de Residência Pedagógica (PRP) e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), respectivamente. As propostas para os dois programas articulam-se à atual política de formação docente do MEC, empenhada em submeter os programas de formação inicial (cursos de Licenciatura) à nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Repudiamos qualquer associação desses programas à BNCC, caracterizada pelo estreitamento curricular e cujo processo de elaboração, discussão e aprovação tem sido alvo de críticas contundentes das entidades acadêmicas e científicas desde 2015. Nosso repúdio e preocupação se dão por diversas razões, das quais destacamos primeiramente duas: a imediata vinculação da BNCC com as avaliações em larga escala, haja vista a estrutura codificada que marca a escrita desse documento, já voltada para a quantificação e padronização dos futuros testes; e a indução, no caso do Ensino Médio, ao privilegiamento de apenas duas disciplinas, conforme anunciado recentemente, com vistas à adequação da BNCC a exames como o PISA. Ante a impossibilidade de obrigar os cursos de Licenciatura das Instituições de Ensino Superior (IES) a reescreverem os seus projetos pedagógicos, felizmente ainda resguardados pela autonomia universitária, o Programa de Residência Pedagógica é a estratégia do MEC para enxertar a BNCC nos programas de formação inicial, cujo custo para a qualidade da formação docente nas IES será muito mais alto do que os recursos financeiros porventura recebidos.

O PRP tem como um de seus objetivos centrais “promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da BNCC”, e consiste em uma proposta de reformulação do atual modelo de Estágios Supervisionados dos cursos de Licenciatura das IES públicas e privadas sem fins lucrativos. Sublinhamos que a vinculação do Programa de Residência Pedagógica à BNCC fere a autonomia universitária, ao induzir nas IES projetos institucionais de formação que destoam das concepções de formação docente presentes nos seus próprios projetos pedagógicos, violando o preconizado no Parecer e na Resolução CNE/CP n. 2/2015, que definem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada de Professores no Brasil.

A vinculação dos programas de formação inicial das IES à Base é uma tentativa de ampliar o escopo de controle da BNCC, que de referencial curricular da educação básica passa também

a ditar as ações e articulações institucionais das IES no âmbito da formação docente, que já são objeto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial e continuada (2015). Na prática, isso representa a transferência do controle das ações de formação docente das IES diretamente para o MEC/Capes, a substituição das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Licenciatura por um programa de distribuição de bolsas controlado externamente às IES.

A política de formação do MEC/Capes parte do princípio de que os cursos de Licenciatura são “muito teóricos”, e a solução oferecida – o Programa de Residência Pedagógica – é reorientá-los para a aplicação prática da BNCC. Se por um lado o edital inclui, entre as “abordagens e ações obrigatórias” do PRP, “a apropriação analítica e crítica da BNCC nos seus princípios e fundamentos”, por outro exige a elaboração de “atividades que envolvam as competências, os conteúdos das áreas e dos componentes, unidades temáticas e objetos de estudo previstos na BNCC, criando e executando sequências didáticas, planos de aula, avaliações e outras ações pedagógicas”.

A nosso ver, tal perspectiva incorre em uma visão reducionista da formação de professores, que em vez de implementar no processo formativo a necessária unidade teoria-prática, que não pode ser dicotomizada, propõe uma desvinculação definitiva de teoria e prática, reduzindo a formação docente a um “como fazer” descompromissado de uma concepção sócio-histórica e emancipadora. Isso prejudica a qualidade da educação básica das crianças e jovens brasileiros, esvaziando-a de sua função social e cidadã.

A perspectiva de imersão profissional nos espaços escolares foi defendida em diversos momentos pelas entidades científicas, pelas instituições formadoras e por entidades político-organizativos da área, considerando a importância e a luta histórica no campo da educação para o encurtamento das distâncias entre os programas de formação inicial nas IES e as escolas, mas jamais da forma como essa imersão é proposta por MEC/Capes. Também consideramos a remuneração das atividades de estágio de docência em escolas públicas uma estratégia importante para estimular a escolha dos estudantes pela carreira docente e contribuir para a sua permanência no Ensino Superior. No entanto, a defesa do modelo proposto pelo Programa de Residência Pedagógica fica totalmente comprometida pela exigência de que as Instituições de Ensino Superior aceitem a BNCC como eixo norteador dos cursos de Licenciatura.

O discurso de MEC/Capes que celebra a sinergia entre escola e universidade encobre o fato de que o Programa de Residência Pedagógica é uma tentativa de desconstrução de projetos de formação inicial comprometidos com a docência como atividade intelectual e criadora. Isso

tem efeitos profundamente desprofissionalizantes nos cursos de Licenciatura, seja por induzir que estudantes em processo de formação sejam responsáveis por aulas nas escolas, seja porque a vinculação do Programa com a BNCC visa formar professores para uma docência reprodutivista, desprovida de autonomia intelectual e incapaz de reconhecer as diferentes realidades em que os processos educativos tomam forma e lugar.

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)

Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE)

Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE)

Fórum Nacional de Diretores de Faculdades, Centros de Educação ou Equivalentes das Universidades Públicas Brasileiras (FORUMDIR)

Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE)

Associação Brasileira de Currículo (ABdC)

Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES)

Associação Nacional de Pesquisa em Financiamento da Educação (FINEDUCA)

Campanha Nacional pelo Direito à Educação

Ação Educativa

Movimento Nacional em Defesa do Ensino Médio (MNDEM)

Rede Escola Pública e Universidade (REPU)

Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC)”